

EMILY WHITE



ADOTADA POR
VAMPIROS

MAIS DE 7 MILHÕES DE LEITORES



ASES DA
LITERATURA



Adotada por Vampiros

Emily White

Editora Ases da

Literatura



Prólogo

Ele me beijava loucamente, desde a minha orelha, com pequenas mordiscadas, até o vale entre os meus seios. *Meu Deus!* Eu estava ficando

louca! Enquanto suas mãos percorriam por baixo do meu vestido, ele me empurrava para a porta, provocando barulhos que se misturavam ao som dos nossos gemidos.

Em meio aos seus empurrões, pude sentir sua excitação apesar dos tecidos do meu vestido e da calça dele, que separavam as nossas peles. Eu nunca tinha feito... aquilo. Mas, eu queria. E queria ali. Com ele.

— Seja minha, Isabell... — ele sussurrou no meu ouvido. — Eu preciso ter você.

Gemi em resposta. Seus lábios desceram mais uma vez até o meu pescoço, plantando novos beijos por ali, então houve um segundo de silêncio. Quando meus olhos o encontraram, eu vi os seus enegrecerem e suas presas crescerem. Não tive tempo de gritar. Antes que eu pudesse fazer algo, seus lábios tocaram novamente minha pele, junto com suas presas.

Capítulo 1

Isabell

Acordei desesperada e quase pulei para fora da cama. Sentia dor no pescoço, dor que parecia não querer cessar. Respirei fundo. Quando olhei em volta, vi que as garotas no quarto ainda se levantavam, enquanto outras arrumavam a cama.

— Outro pesadelo? — alguém perguntou.

Olhei para o lado e encontrei os olhos de Tania, que me fitavam com

preocupação. Assenti.

— Você anda tendo muitos pesadelos ultimamente. Acorda com dores e parece sempre perdida em pensamentos — ela sussurrou. — É melhor comunicar a uma das mães sobre isso, talvez elas possam te ajudar...

Dei um sorriso irônico.

— Me ajudar como? Fazendo rezas? Ou chamando um padre para me exorcizar?

Tania suspirou.

— Às vezes você me irrita com seus deboches — sussurrou antes de se levantar e começar arrumar a cama.

Levantei-me com as imagens do sonho presentes em minha mente. Tirei a camisola ali mesmo, do lado da minha cama, e pus o uniforme, que eu sempre deixava dobrado ao lado do móvel antes de dormir.

Às oito em ponto da manhã, eu e todas as oitenta e seis garotas que moravam no Orfanato Feminino de Cold City descemos enfileiradas pelos três lances de escadas até chegarmos ao

salão de refeições no térreo, onde nos arrumamos nos bancos e esperamos em silêncio pela chegada de nossas mentoras, professoras e diretora.

Menos de dois minutos depois, uma fileira com quinze madres entrou, sendo quatorze com idade entre vinte e vinte e seis anos, vestidas com seus típicos trajes pretos e uma outra cuja idade era de trinta e quatro anos, que usava uma blusa branca com blazer e saia cinza. Era a diretora.

Eu até perderia meu tempo explicando as características, nomes de

cada uma delas, porém são tão desestimulantes que não vejo necessidade de fazer isso, até porque não vai fazer diferença e, também, porque eu nem me lembro o nome de algumas; de outras eu nunca me importei em saber. Contudo, vale ressaltar que a diretora se chama Helenor e esta mulher cuidou de mim ao me encontrar em uma cesta na sua porta, quando eu tinha apenas semanas de vida. Foi esta mulher quem me orientou por todo o tempo que passei crescendo naquele lugar, e seria ela o meu portal para o início da minha

nova vida.

Ao se sentarem em seus devidos lugares, tanto as mentoras quanto professoras e a diretora fecharam os olhos e cruzaram as mãos para começar a reza.

Todas as garotas naquele salão imitaram seus gestos e acompanharam em silêncio as palavras ditas por Helenor.

— Pai, hoje é mais um dia em que agradecemos por estarmos aqui e pelo pão que o Senhor abençoa...

Eu deixei de ouvir na metade da

reza, pois além de já saber recitá-la de cor, eu estava intrigada demais com as lembranças do sonho, que ainda me atormentavam. Minha mente permanecia fixada no rosto do garoto que me tinha nos braços. Só de imaginar os meus lábios tocando os dele eu já sentia arrepios por todo o corpo.

O café da manhã finalmente começou e, enquanto eu me acabava em pães franceses bem recheados com queijo, Mary, uma das minhas colegas, que estava sentada à minha frente, virou-se para Tania e sussurrou, enquanto

dividia a atenção entre nós duas:

— Eu ouvi dizer que hoje seremos visitadas por uma família que deseja adotar uma garota que tenha a nossa idade.

Tania ficou boquiaberta com a notícia, mas eu apenas mordi o pão em minha mão outra vez e tomei um gole de suco de laranja.

Os fofos olhos cor de amêndoa de Mary me olharam, confusos.

— Não parece animada com a ideia, Bell. Por quê?

Coloquei o pão sobre o prato à minha frente e sustentei a cabeça nas mãos, enquanto a olhava fixamente.

— Por que uma família iria ter interesse em adotar uma garota da nossa idade, Mary? — perguntei.

— E por que não adotariam? — ela rebateu.

— Talvez seja pelo fato de que todas as famílias que por aqui aparecem sempre desejam adotar bebês e não adolescentes de dezesseis anos — respondi, sendo seca e direta.

— Bell tem razão, Mary. —

Tania pronunciou-se. — Por que essa família deseja adotar uma garota que logo será adulta? Não faz muito sentido...

Tomei outro gole do suco na taça que eu segurava.

— Bem, eu não sei o motivo de eles preferirem uma de nós a um bebê, mas sei que estarei bem arrumada para quando chegarem — ela disse com um brilho nos olhos. — Eu soube também que são muito ricos!

Ri.

— Ainda não sei que roupa usar... — Tania disse, pensativa. Seus olhos, então, se direcionaram a mim.
— O que você vai usar, Bell?

Dei de ombros.

— Não sei. Não estou muito interessada nessa possível adoção.

— Só pode estar brincando! —
Mary revirou os olhos. — Agora vai me dizer que já não tem mais vontade de ser adotada?!

Coloquei a taça sobre a mesa e a

encarei, olhando diretamente em seus olhos.

— Eu gosto daqui. Esta é minha casa, e só deixará de ser quando eu fizer dezoito anos e conseguir um emprego para me sustentar lá fora. Ser adotada já não está mais na minha lista de desejos há muito tempo.

Mary estava espantada com a minha resposta. Alguns segundos mais tarde abriu a boca para provavelmente questionar-me, mas eu a interrompi:

— Já terminei meu café. Eu as

vejo depois, na aula de francês. Licença.
— E me levantei para em seguida deixar o salão.

Depois que as aulas da manhã acabaram e almoçamos, Helenor comunicou à turma de garotas com dezesseis anos, incluindo a mim, que a tal família que Mary dissera iria visitar o orfanato aquela tarde e proporcionar a uma de nós uma nova vida com eles. Disse também que deveríamos nos vestir da melhor maneira possível, pois aquela não era uma simples família, eles pertenciam a uma classe muito superior

às outras, e que a garota que fosse escolhida por eles naquela tarde, seria muito sortuda.

— Mais besteiras — sussurrei para Tania. — Aposto que nenhuma de nós será escolhida. No fim, eles apenas vão nos iludir ao dizerem que teremos um lar maravilhoso, um quarto apenas nosso, irmãos... e depois vão sumir, como muitas outras famílias que já passaram por aqui.

Tania me olhou com os olhos arregalados de espanto com o que eu havia lhe dito.

— Por que acha isso? Não tem nem um pouquinho de esperança de ser adotada?

Sorri. Era para ser um sorriso de deboche, mas saiu um sorriso triste.

— Eu já cansei de esperar a família perfeita há muito tempo, minha cara amiga. Eu quero mais é que tudo se foda!

Meia hora antes do combinado da chegada da família, todas as meninas no quarto terminavam de se arrumar. Griselda e Grace se empurravam para

conseguir se verem no espelho no canto de uma das paredes, Mary penteava seu lindo cabelo liso castanho-dourado, e Tania... Sorri ao ver minha amiga tão bela: o cabelo cacheado e dourado estava preso pela metade com um rabo de cavalo em cima da cabeça e o resto solto, deixando os cachos bem feitos; ela estava usando um vestido lilás de tamanho médio e um bolero branco rendado por cima das alças do vestido, além de sapatilhas da mesma cor.

— Está tão graciosa — falei, quando ela se virou para mim.

Tania abriu seu sorriso meigo.

— Obrigada. Acha que ficaria melhor com um colar ou um brinco de pérolas?

Neguei com a cabeça.

— Está perfeita assim, não tem necessidade de acrescentar mais nada.

Ela sorriu por mais alguns segundos até que seu sorriso sumiu de repente.

— O que foi? — perguntei, estranhando sua mudança de comportamento.

— Você.

— Eu? Eu o quê?

— Você ainda nem se arrumou!

Eu não tinha mexido um músculo desde que entrara naquele quarto e sentara na cama, uma hora antes. Ainda usava meu uniforme e não tinha a menor pretensão de tirá-lo.

— Já disse que não me interesso pela adoção.

— Mas eu, sim! Se você não quer ser adotada, eu entendo, mas precisa estar pelo menos apresentável para que

eles não tenham uma ideia errada de todas nós por causa de uma pessoa.

Eu ia debater, mas me calei.
Tania tinha razão. Como sempre.

— Eu nem sei o que vestir ainda... eu...

— Use aquele vestido com decote V, de mangas compridas.

— Aquele preto que tem a saia solta e que quase chega aos joelhos?

— Esse mesmo.

Dei de ombros. Eu não tinha ideia nenhuma do que usar mesmo...

— Está bem, então.

Pus o vestido e meus All Star pretos de canos baixos, que combinavam perfeitamente com a roupa.

Soltei o cabelo e comecei a penteá-lo. Demorei quase dez minutos penteando todo aquele cabelo, que era bem cumprido. Quando percebi que já não havia mais ninguém disputando o espelho, resolvi dar uma olhada no visual.

— Ficou bom — sussurrei pra mim mesma, olhando-me.

Peguei algumas mechas do cabelo e joguei para a frente, deixando um pouco atrás também.

— Adoro como a cor do seu cabelo faz a sua pele se destacar — Tania disse, ficando ao meu lado e passando a mão nas mechas que eu tinha jogado para a frente. — Ele é tão negro e você é tão branca!

— Acha que fiquei bem assim? — perguntei, enquanto passava a mão na saia do vestido.

— Aqui. — E me passou um

lápiz de olho preto junto com um rímel da mesma cor. — Vai destacar o verde dos teus olhos, mas não passe muito, pras mentoras não perceberem.

Já prontas, todas as garotas se dirigiram a um pequeno salão e esperaram enfileiradas, lado a lado. Éramos um total de dezesseis garotas. Era possível perceber o nervosismo de todas, eu era a única relaxada, sossegada... apenas esperando aquela chatice terminar logo.

De repente, todas ficaram em silêncio e pudemos escutar murmúrios

vindos da antessala. Helenor abriu uma das portas do salão e, com um sorriso no rosto, disse:

— Meninas, conheçam a família Durand.

Capítulo 2

Isabell

Eu só vi o queixo de meio mundo cair quando uma mulher de cabelo preto acinzentado, olhos cinza e com um

vestido preto até o chão entrou no salão. Ela era linda e alta, parecia ser muito séria e muito determinada. Eu teria gostado dela em outras condições. A seguir, entraram dois homens, um atrás do outro. Eram altos também, porém um tinha cara de ter quase trinta anos, e o outro, uns vinte. O mais novo tinha cabelo castanho avermelhado e olhos que pareciam... vinho? Talvez eu estivesse vendo errado por causa da luz... E o outro homem tinha olhos azuis escuros, mas bem escuros, e seu cabelo era loiro-palha.

Então, um outro garoto entrou com uma garota mais baixa do que ele, que usava um vestido preto parecido com o da outra mulher e possuía cabelos ruivos, do tipo vermelho, e olhos cinza. Já o garoto...

Prendi a respiração quando o vi.

Era ele.

O garoto do sonho que eu tivera mais cedo.

— O que ele faz aqui? — sussurrei.

Então, tive a impressão de que a

primeira mulher a entrar tinha me escutado dizer algo, pois ela abandonou os olhos do homem ao seu lado para varrer cada rosto das garotas ali na sala no mesmo momento em que eu mencionei tais palavras.

Quando seus olhos estavam prestes chegar a mim, eu olhei para o teto, procurando disfarçar, mesmo sabendo que era impossível ela ter escutado o que eu dissera. Quando olhei para a frente novamente, encontrei o olhar do garoto loiro mais novo direcionado a mim, os olhos verde-água pareciam

fixos nos meus. Ele teria percebido minha tentativa de disfarçar?

Desviei o olhar para a mulher, que se aproximou alguns passos de nós.

— São todas muito bonitas — elogiou, com um mínimo sorriso estampado em seu rosto. Ela virou-se para Helenor e perguntou: — Poderíamos conversar com uma de cada vez?

Helenor abriu um sorriso.

— Claro. Claro.

Então, as conversas particulares

começaram. As garotas eram chamadas por ordem alfabética, o que me tornava a número nove naquela lista. Respirei fundo quando a minha vez chegou. Eu estava nervosa, até cogitei fazer algo de errado para que não me escolhessem. Estava prestes a bater na porta como sinal de educação, mas decidi entrar com tudo para começar dando uma má impressão. Quando entrei na sala, todos os olhares se dirigiram a mim, o que me deixou ainda mais nervosa. Fechei a porta e me concentrei na mulher mais velha, já que era ela que estava sentada

com o marido de pé ao seu lado, ambos em frente a uma mesa com uma cadeira de cada lado, enquanto o resto da família se dividia pela sala. A mulher abriu um sorriso meigo.

— Sente-se, minha querida — pediu educadamente.

Joguei um lado do cabelo para trás e caminhei até a cadeira vazia em silêncio.

— Qual é o seu nome?

— Isabell. Isabell Bergmann. E você? — perguntei, procurando deixar

uma pontada de agressividade na voz.

A mulher me encarou por um segundo, acho que ficou surpresa pelo meu atrevimento de chamá-la de "você", em vez de "senhora".

— Meu nome é Helena. Helena Durand, e este é o meu esposo, Festus — respondeu por fim. — Aquele à sua direita é Vladimir — disse, referindo-se ao garoto de cabelo castanho avermelhado — , o outro, se chama Klaus. E a minha filha única: Ruckia.

Olhei rapidamente para cada um

dos seus três filhos, procurando manter a expressão vazia quando seus olhares cruzavam com o meu. Então, voltei minha atenção para Helena.

— Diga-me, Isabell, qual é o seu maior sonho?

Mordi o lábio, ela havia me pegado de surpresa com essa pergunta.

— Acho que não tenho um. Não perco meu tempo pensando em algo que eu gostaria muito de realizar, porque não há nada que eu realmente deseje. — Esfreguei o lábio um no outro. Não

gostava que me perguntassem coisas tão íntimas como aquela.

Percebi que Festus estava surpreso com a minha resposta, assim como Helena.

— É a primeira garota de todos os orfanatos que visitamos que me responde isso — ela disse, encostando-se na cadeira.

— Foram a outros orfanatos e ainda não conseguiram encontra UMA garota que os interessassem? — A pergunta meio me escapou, por assim

dizer. Era estranho eles não terem encontrado alguém de quem gostassem a ponto de querer adotar.

Olhei para o lado dos dois irmãos e vi que eles me encaravam, também surpresos pelo meu atrevimento.

Sorri por dentro. Meu plano estava dando certo, apostei que depois disso eles não iriam me dirigir uma palavra sequer.

— Pois é... — a mulher disse enquanto suas bochechas coravam. Eu a deixara sem jeito? Aquilo estava

ficando interessante. — Nenhuma garota pareceu se encaixar no nosso padrão de vida.

Padrão de vida? Levantei uma sobrancelha. Ela obviamente percebeu o quanto fiquei intrigada com sua resposta e resolveu se justificar:

— Nós somos um pouco diferentes das outras famílias.

— São góticos — falei rápido demais.

— O quê? — Vladimir perguntou, me olhando confuso.

Então, foi a minha vez de corar.

— É que suas vestes lembram as de góticos... todos de preto... — tentei explicar.

Helena sorriu, mostrando seus dentes extremamente brancos.

— Ah! Compreendo sua primeira impressão..., mas não, não somos góticos.

— Perdão por meu julgamento precipitado — lamentei, esperando que não tivessem se ofendido.

— Não tem problema, minha

querida. Mas, vou aproveitar a sua pergunta e lhe devolver. És gótica?

Eu pisquei duas vezes seguidas, arqueando as sobrancelhas.

— Sim e não. Interesso-me pelo estilo, porém não o atribuo por completo em meus atos ou meu modo de vestir, na maioria das vezes.

— Porém, hoje estás a parecer uma gótica, não?

Dei-lhe um pequeno sorriso, do qual logo me arrependi. Por isso, voltei a ficar séria.

— Não reparei que estava parecendo uma.

— Tens olhos muito belos, senhorita. — Ruckia disse, fazendo-me ficar surpresa.

— Obrigada — agradei, quando finalmente consegui que a palavra saísse.

— Diga-me, criança — Festus pronunciou-se — , o que mais gostas de fazer em seus momentos de lazer?

Eu o fitei por um segundo antes de dizer qualquer coisa. Ele parecia muito

curioso sobre mim.

— Ler, senhor. Ler.

— Que tipo de livro gosta de ler?

— Foi a vez de seu filho mais novo, Klaus, me perguntar.

Eu o encarei por pouco tempo, que, porém, pareceu-me uma eternidade. Eu não conseguia deixar aqueles olhos verdes, jamais pensei que o encontraria enquanto estivesse desperta.

— Livros antigos. Sobrenaturais, na maioria das vezes.

Ruckia levantou a cabeça para me

olhar mais uma vez, com uma sobancelha erguida.

— Falas algum idioma fora o teu?

— perguntou.

Meu Deus! Pra que tanta pergunta?

— Alguns. Francês, inglês, espanhol e um pouco de latim. Tudo graças à instituição.

Eu olhava para a garota, mas pude ver pelo canto do olho Helena prender a respiração. Estranhei sua reação, algo ali não estava certo.

— Então, eles ensinam latim aqui.

Que interessante — Festus disse, enquanto sorria para a esposa e ela lhe sorria de volta.

— Realmente, não? — Sussurrei, jogando uma outra parte do cabelo para trás. — Todos me encararam de uma só vez, minha estranheza foi tanta que meu corpo se arrepiou. — Eu aprendi sozinha há um tempo. — Menti. Eu já sabia falar e ler em latim antes de sequer aprender a ler o meu idioma. Todos ficaram em silêncio. Eu estava ficando cada vez mais arrepiada até que

senti um calafrio. — Eu acho que estou demorando demais aqui — sussurrei, louca para deixar aquela sala. — Ainda faltam mais garotas para vocês conhecerem.

Estava a ponto de levantar quando Helena segurou minha mão, me provocando mais arrepios. Aquela mulher estava tão gelada que parecia defunto.

— *Vos ego heres.*

“Você é a herdeira”, ela disse em latim.

Tentei largar sua mão, estava ficando muito nervosa, mas não consegui me soltar.

— Está louca? Eu não sou herdeira de nada! — gritei.

Então, a seguir só escutamos um barulho e o lustre se desprende do teto. Estava prestes a cair sobre mim, pensei que morreria. Um par de braços me rodeou rapidamente e me tirou dali. O som do lustre se quebrando ao se encontrar com o chão foi ensurdecador. Lembro-me de ter fechado os olhos e tremido enquanto aqueles braços me

seguravam firmemente. Não sei se passaram-se segundos ou minutos até que eu escutasse a porta se abrir.

— Meu Deus! — A voz assustada de Helenor tomou a sala.

Meus olhos se abriram, eu estava ajoelhada e com a cabeça enterrada no peito de alguém, levantei a cabeça até meus olhos encontrarem com os dele. Verde-água. *Céus!* Era Klaus a me salvar.

— Estás bem, Isabell? — Helenor quis saber, correndo até mim.

Fiquei em silêncio enquanto me levantava com Klaus ao meu lado, me olhando o tempo todo. Helena também se aproximou, demonstrando preocupação.

Eu olhei cada um presente naquela sala e então falei:

— Estou bem.

Meus olhos se prenderam aos de Helenor, mas pude escutar Helena respirar fundo, provavelmente aliviada por eu não ter me machucado.

Minhas pernas tremiam, eu

continuava a ficar arrepiada e estava assustada.

— É melhor eu ir.

Atrevi-me a dar um passo para a frente, mas pareceu que minhas pernas não me aguentavam e então o chão se aproximou rapidamente e meus olhos se fecharam mais uma vez.

Capítulo 3

Klaus

Eu iria conhecê-la. Finalmente conhecê-la. Queria logo ver como ela era e se era bonita. Queria gravar a visão de seus olhos e de seus lábios para que, em meus piores dias, essas memórias me servissem para lembrar que eu tinha alguém que sempre estaria comigo. Estava louco para as portas se abrirem, estava nervoso. Eu me apaixonaria por ela à primeira vista?

Minha irmã, Ruckia, entrelaçou nossos braços e sorriu para mim.

— Estou sentindo que ela se encontra aqui, meu irmão — Ruckia sussurrou.

Dei um meio sorriso.

— Eu espero que ela esteja... estou cansado de tanto procurá-la.

Dei um suspiro.

Assim que fomos convidados a entrar, eu avistei uma fila de garotas, uma ao lado da outra. Todas nos olharam surpresas, provavelmente com nosso estilo meio gótico, e pareciam encantadas conosco, o que me fez dar

outro meio sorriso.

Minha mãe, Helena, pediu à diretora — que era sua irmã e, assim, nossa tia também — para conversarmos com cada garota a sós, e assim foi.

A primeira parecia uma princesinha, usava um vestido cinza-claro e não parava de sorrir, o que me assustava. Minha mãe a liberou em menos de cinco minutos.

Na terceira eu já estava com vontade de dormir, pois era chata pra caramba!

A de número seis era uma gracinha, mas falava que nem louca, sete minutos de

pura agonia. Tive vontade de cortar sua língua logo nos primeiros três minutos.

— Céus, que coisa chata!! —

Ruckia reclamou.

Minha mãe suspirou.

— Acalme se, querida — ela pediu à Ruckia. — Dália disse que ela estaria aqui, então só pode ser uma dessas...

— Mas isso é um saco —

Vladimir rosnou.

— Fique quieto, Vladimir, a nona já chegou à porta — meu pai disse.

A garota entrou com tudo na sala sem nem ser convidada.

Eu a encarei da cabeça aos pés, não estava vestida como as outras, parecia mais uma gótica como nó. Era bonita e tinha os olhos verde-escuros.

Ela disse que seu nome era Isabell e parecia pouco à vontade com tanta gente observando-a. Minha mãe começou a lhe fazer algumas perguntas e suas respostas eram completamente diferentes das que as outras garotas haviam dito.

Tenho quase certeza de que ela não queria ser adotada. Quando minha mãe

lhe perguntou qual era o seu maior sonho, ela respondeu que não perdia seu tempo pensando no assunto, então eu entendi que ela não era uma simples garota. Mas a certeza foi quando ela disse que aprendera latim sozinha. Ninguém aprende latim sozinho! Só um ser sobrenatural.

Minha irmã e eu trocamos olhares e eu logo percebi que ele tinha notado que a garota, assim como eu, não pertencia ao mundo dos humanos.

A garota foi tomada por um calafrio.

— Eu acho que estou demorando demais aqui... — sussurrou, parecendo ansiosa para deixar aquela sala. — Ainda faltam mais garotas para vocês conhecerem.

Ela estava a ponto de se levantar quando minha mãe segurou sua mão, provocando-lhe arrepios.

— *Vos ego heres* — “Você é a herdeira”, Helena disse em latim para a garota.

Isabell tentou largar-lhe a mão, estava ficando muito nervosa, mas não conseguiu se soltar.

— Estás louca? Eu não sou herdeira de nada! — gritou.

A seguir, só escutamos um barulho e o lustre se soltou do teto. Estava prestes a cair sobre ela, vi em seus olhos escuros o medo lhe tomar. Não pensei muito e rapidamente peguei-a em meus braços e a tirei dali. O som do lustre se quebrando ao se encontrar com o chão foi ensurdecedor. Eu a levei para um canto da sala e a rodeei com os braços. Ela tremia sem parar. Depois de vários segundos, a porta foi aberta.

— Meu Deus! — A voz

assustada de Helenor tomou a sala.

Os olhos de Isabell se abriram, ela levantou a cabeça, que estava enterrada em meu peito, até seus olhos se encontrarem com os meus. *Que olhos perfeitos... Céus!*

— Estás bem, Isabell? —
Helenor disse, correndo em nossa direção.

Isabell manteve-se em silêncio ao meu lado enquanto se levantava. Helena também se aproximou com o rosto demonstrando preocupação. A garota

olhou cada um presente naquela sala e então sussurrou:

— Estou bem.

Percebi quando seus olhos se prenderam aos de Helenor. Nesse momento, escutei Helena respirar fundo, provavelmente aliviada por ela não ter se machucado.

As pernas de Isabell tremiam e ela ainda estava arrepiada e, agora, assustada.

— É melhor eu ir... — a menina sussurrou.

Isabell deu apenas um passo antes de cair à minha frente. Eu consegui segurá-la antes que caísse por completo ao chão, e pude ver quando seus belos olhos se fecharam.

— É ela, Helenor — minha mãe disse para a diretora.

— Isabell? A herdeira? — A mulher não parecia acreditar. — Eu sempre a achei diferente das outras, mas

diferente a esse ponto... tens certeza do que falas, minha irmã?

Helena assentiu.

— Quando eu disse à Isabell que ela era a herdeira, eu vi o poder despertar em seus olhos. Tenho certeza: Isabell é a bruxa que todos procurávamos.

— Uma coisa em que ainda não pensamos é como essa garota ficou quase dezesseis anos neste lugar sem que ninguém a rastreasse — Ruckia disse ao se aproximar das duas.

— Ruckia tem razão, a garota tem poder de sobra, e tanto poder assim seria facilmente rastreado. Então, como ninguém a encontrou?

Silêncio.

— Ela tem muita sorte — falei.

Meu pai se levantou da poltrona da sala da diretora e disse:

— Sorte ou não, o melhor é levarmos ela logo conosco.

Nós transportamos a garota para o nosso mundo através de um portal, enquanto ela permanecia adormecida.

Eu a coloquei em um quarto de nossa casa e ali fiquei, até que ela despertasse.

Capítulo 4

Isabell

Lembro-me de ter me mexido na cama para um lado e depois para o outro. Com os olhos fechados, chamei por Tania.

— Amiga, você não vai acreditar, eu tive um sonho muito... — Mexi-me

para o lado, outra vez ainda com sono.
— Eu me lembro que tinha uma família e
aquele garoto estranho...

As palavras sumiram quando abri
os olhos e vi que aquele não era o teto
do quarto onde eu dormia.

— Onde é que eu...

— Bem-vinda ao lar — Alguém
falou.

Sentei quase em um pulo e então
eu o vi. Ele. Na minha frente.

— Boa tarde, princesinha — ele
falou, com um meio sorriso no rosto.

— Klaus?!

Eu o encarei, assustada. Ele estava sentado em uma poltrona em frente ao que parecia ser uma passagem para a sacada, coberta por cortinas brancas. Estava todo vestido de preto, usava terno e também uma gravata vermelha.

— O que você faz aqui?! — gritei.

Ele me olhou com uma sobrancelha erguida. Então, me dei conta de que tinha feito a pergunta

errada.

— O que é que EU faço aqui?

O garoto se levantou, jamais deixando os meus olhos, e caminhou em minha direção.

— Não se aproxime mais! — Eu gritei, recuando para trás na cama.

Ele sorriu enquanto parava. Era um sorriso perverso, ele estava gostando de me ver com medo.

— A senhorita fica muito sexy quando está com medo. Deixa-me muito... excitado. — Seus olhos

desceram da minha cabeça para meus seios — Eles são lindos.

Olhei para baixo e vi que meus seios estavam quase todos à mostra, pois eu estava usando uma camisola de seda lilás, extremamente curta. Quando voltei a atenção para o Klaus, ele estava se sentando ao pé da cama, enquanto mantinha os olhos fixos nos meus.

— Não precisa ficar nervosa, eu não vou lhe fazer nada — ele afirmou.
— Bem, não lhe farei nada, por agora...

Os pelos de meu corpo se

eriçaram com suas palavras.

— O que você quer de mim, seu louco? — gritei.

— Por agora, apenas que descanse. A senhorita desmaiou depois de surtar com a minha mãe. Deve estar exausta por causa do susto que ela te deu.

Eu estava cansada, sim, porém não queria ficar naquele lugar estranho.

— Onde estou? Como vim parar aqui? Onde está a diretora Helenor? E por que ela deixou que me trouxessem

para cá? — perguntei rapidamente, me sentindo confusa.

Ele passou a mão no cabelo e deu um pequeno suspiro antes de me encarar.

— A senhorita se encontra dentro dos domínios da família Durand, e fui eu quem a trouxe. Você foi nossa escolhida para ser adotada e agora é parte da nossa família — avisou-me calmamente, enquanto avaliava minha expressão. — Sua diretora permitiu que nós a trouxéssemos, já que a senhorita corria perigo onde se encontrava, e conosco, estará segura.

Levantei uma sobrancelha.

— Estou segura do que, exatamente? — No ponto que eu me encontrava, o medo já tinha me deixado e o que me dominava era a curiosidade.

— De muitas coisas.

Arqueei a sobrancelha um pouco mais e cruzei os braços.

— Muitas coisas que são...

Klaus sorriu e mordeu o lábio.
Céus! Como ele fica sexy mordendo o lábio.

— O que foi esse olhar agora?

Suas palavras me fizeram voltar a atenção para seus olhos.

— Que olhar? — perguntei, enquanto minhas bochechas coravam loucamente.

— Por um momento, eu vi em seus olhos.

Eu estava ficando toda cor-de-rosa!

— Viu o quê?

Ele sorriu e mordeu o lábio novamente. Meu coração batia forte. Eu queria agarrá-lo como no meu sonho,

queria despi-lo e tê-lo sobre mim. Era uma sensação muito estranha, já que ele era um completo desconhecido, por assim dizer.

— É... Eu realmente vi... — E seu sorriso se alargou. — Pena que ainda é muito cedo.

Mordi o lábio inferior. Do que ele falava?

— Cedo para quê?

— Cedo para tudo o que ainda estar por vir. — Então, Klaus se levantou. — Descanse por agora,

minha querida Bell, mais tarde terás que conhecer melhor a nossa família.

E sem mais palavras desapareceu, deixando-me sozinha naquele imenso quarto com meus pensamentos.

Acho que adormeci, ou melhor, apaguei de tanto cansaço. Quando despertei, senti meu rosto sendo tocado ligeiramente por dedos frios. Ao abrir os olhos, levei um susto.

— Meu Deus! — gritei, surpresa ao ver um rosto tão pálido à minha frente.

Era a garota que estava ao lado de Klaus na sala onde fui "interrogada". Ruckia.

Ela me olhava serenamente, com uma expressão suave e bela. Ela era realmente muito bonita.

— Perdão por assustá-la — disse, se desculpando, com seu olhar tornando-se triste.

Eu me sentei na cama e a encarei, ainda assustada, enquanto meu coração batia freneticamente com o susto. Por algum motivo, me senti culpada por tê-la deixado daquele jeito.

— Não tem problema. — Tentei dar um pequeno sorriso mas estava muito cansada e com muito sono.

Acho que ela se convenceu de que eu falava a verdade e sorriu.

— Preparei-lhe a banheira para que tomes um bom banho e se sintas renovada!

Havia tanta graça e meiguice em seu modo de falar que, por um momento, me esqueci que ela era uma bela estranha, que parecia uma gótica em seu vestido preto e que morava em uma casa

também bela e estranha.

— Eu agradeço por sua generosidade, mas não posso ficar. Vocês cometeram um engano e eu preciso voltar para casa — falei, louca para retornar ao orfanato e ver Tania novamente.

Seus olhos cinzentos cativantes continuavam a me fitar de modo sereno.

— Aqui é a tua casa de agora em diante, Isabell. E, neste momento, vou lhe ajudar a se levantar e levá-la ao banheiro, onde a banharei até que se

sinta melhor.

Era muito calmo o seu tom de voz, porém, ao mesmo tempo, era firme e exigente. Eu a olhei um pouco assustada e ela, em resposta, me abriu um sorriso fofo.

— Vamos? — perguntou, já se levantando.

Eu sabia que aquilo não era um pedido, e que se eu não fosse, seria arrastada. Então, criei coragem e me levantei devagar.

— Consegues se manter de pé?

— Ruckia parecia preocupada.

Eu assenti.

— Me siga, então — ela pediu docemente, enquanto abria seu sorriso meigo novamente.

Levantei-me, sentindo um pouco de tontura, mas consegui caminhar sem precisar me apoiar muito nas coisas. No banheiro, Ruckia prendeu meu cabelo em um coque e tirou minha camisola, deixando-me surpresa ao descobrir que eu não usava nenhuma peça íntima por baixo do tecido.

A banheira — que era enorme — estava cheia de espuma e pétalas de rosas brancas e vermelhas. Quando eu senti a água quente tocar minha pele, relaxei imediatamente.

— Espero que a temperatura esteja de sua preferência — Ruckia disse, enquanto passava uma esponja em minhas costas.

— Está perfeito — sussurrei, enquanto fechava os olhos.

Eu não sei o que tinha naquela água, mas me fez sentir renovada em

poucos minutos.

— Obrigada por me ajudar —
agradei. — É muita gentileza sua.

— Não precisa agradecer-me —
ela sussurrou. — Tu és nossa irmã
agora e irmãos fazem coisas uns pelos
outros.

Eu virei a cabeça em sua direção
para olhá-la de frente.

— Desculpe-me, mas houve um
engano, tenho certeza de que vocês
erraram de garota.

Ruckia me encarou, olhando no

fundo dos meus olhos. Por um momento, então, tocou meu cabelo, colocando uma mecha em meu rosto para trás da orelha. Ela me surpreendeu com um belo sorriso meigo.

— Enxague-se, deixarei uma roupa em tua cama para que use no jantar. Pedirei a alguém para que lhe guie até a sala de jantar quando estiver pronta.

Nossos olhares se cruzaram uma última vez e, então, ela desapareceu.

Capítulo 5

Isabell

Ela não saiu rapidamente. Não. Ela desapareceu MESMO! Como ela havia feito aquilo? Eu não sabia. Eu não parava de me perguntar em pensamento como aquilo era possível. Minha mente estava girando, pois eu estava muito confusa. Depois do meu choque se esvair razoavelmente, levantei-me da banheira, peguei uma toalha branca

dobrada em cima da pia e me enrolei nela. Ao voltar para o quarto, me deparei com um vestido sobre a cama. Era azul-escuro comprido, com um discreto decote e mangas longas. Era lindo, admito. Eu não gostava muito de vestidos, porém achava vestidos antigos muito mais belos do que os da atualidade. Eu o vesti e logo depois encontrei um pente sobre uma penteadeira de detalhes barrocos em um canto do quarto. Ao terminar de arrumar o cabelo, me encarei em frente ao espelho. *Céus...*, pensei, quando me vi

completamente diferente. Eu estava... bonita... Admito, minha imagem lembrava aquelas mulheres do período medieval.

Foi nesse momento que notei que o quarto estava mais escuro e que a cortina que escondia a luz do dia antes agora apenas tapava parte da janela, deixando uma pequena parte do céu lá fora à vista. Já era noite. Caminhei em direção à porta e segurei a maçaneta por alguns segundos antes de girá-la. O medo me tomou. O que podia haver depois daquela porta? Eu deveria me

aventurar fora do quarto? Eu não tinha permissão para sair.

Esfreguei os lábios um no outro e me decidi. Abri a porta com calma e a primeira coisa que vi foi um corredor com alguns quadros nas paredes, cada um com a pintura de um membro daquela família. Caminhando reto, notei o quanto o lugar era sombrio. Candelabros iluminavam o espaço com fogo azulado, porém o lustre no teto mantinha-se apagado. Uma leve rajada de vento frio surgiu de algum lugar e ameaçava apagar o fogo, deixando o ambiente

ainda mais obscuro. Passei por uma curva no fim do corredor, que me levou a outro. Nesse, havia duas portas envernizadas, a um metro uma da outra, que estavam fechadas. Ao passar pela frente da primeira porta, ouvi o som de algo quebrando vindo da segunda. Continuei a caminhar, mas, quando passei diante dela, notei um líquido saindo pela parte debaixo.

Um arrepio tomou meu corpo, eu me abaixei em frente à fresta e analisei o líquido. Era escuro, mas devido à iluminação azulada, não dava para saber

ao certo o que era aquilo, que à primeira vista me parecia ser...

— Não... — sussurrei, negando minha própria suspeita. — Não pode ser. Isso é...

Eu tinha quase certeza. Era sangue. Estendi o braço e o abaixei próximo ao líquido. Estava a ponto de tocá-lo quando senti alguém pôr a mão em meu ombro. Abri a boca para gritar, porém, fosse quem fosse, foi rápido em tapá-la.

— Acalme-se, sou só eu.

Suspirei, aliviada. Sua mão deixou minha boca assim que percebeu que eu havia me acalmado um pouco. Virei-me para encará-lo.

— Não faça mais isso, seu louco! Você quer me matar do coração? — exclamei com raiva.

Klaus sorriu.

— Perdoe-me.

Apontei para a poça escura que escapava pela fresta da porta.

— Que droga é essa?

Klaus fitou o chão por um

momento, sem nada dizer. Depois fixou seus olhos nos meus.

— Vinho.

Vinho? Arqueei uma sobrancelha. Ele pensava que eu era burra ou o quê? Vinho cheiraria a dez metros de distância, graças ao álcool.

— O que estás a fazer passeando por aí sozinha? — ele perguntou, mudando de assunto.

Minhas bochechas coraram. Eu esperava que ele não notasse o rubor em meu rosto por causa das luzes, porém

seu olhar profundo fazia-me sentir intimidada.

— Não posso conhecer o lugar para o qual fui trazida? — retruquei rapidamente.

Klaus colocou as mãos nos bolsos frontais da calça e me olhou de modo ainda mais intimidante, o que, por algum motivo, me fez sentir exposta.

— É claro que pode — disse por fim. — Que lugar desejas conhecer primeiro?

Eu não queria conhecer droga

nenhuma, para falar a verdade eu só queria descobrir um jeito de sair daquele lugar, que me dava calafrios.

— Não sei... apenas quero conhecer a casa.

— Que assim seja, então. — E deu de ombros. — Siga-me.

Em silêncio, caminhamos por mais dois corredores mal iluminados até chegarmos a um terceiro corredor. Ali, faltava uma parede, deixando, assim, visível o salão que havia no térreo. No topo de uma espaçosa escada, cujo

tapete que a cobria era de uma cor vermelho vivo, acompanhei Klaus até embaixo segurando o corrimão que, por sua vez, me chamou atenção por ser rico em caracóis de cor negra.

O espaço do primeiro andar era imenso, um belo salão com vários pisos pretos e brancos, dispostos de modo que davam a ilusão de compor um jogo de xadrez. Havia mais candelabros acesos nas paredes, um lustre gigante apagado acima de nossas cabeças e uma armadura que servia como enfeite em cada canto do lugar.

— Aqui é o salão principal —

Klaus apresentou, quebrando o silêncio.

— É bonito — falei, enquanto

observava meu reflexo no chão, que brilhava de tão limpo que estava. — É sombrio também, mas tem sua beleza.

Eu não sei se foi impressão, porque foi muito rápido, mas acho que vi no canto do rosto de Klaus um rápido sorriso aparecer.

— Vamos continuar.

O próximo cômodo que conheci foi a cozinha e fiquei sem reação quando

entramos no lugar e eu os vi. Eram pequenos, usavam roupas estranhas, chapéus e sapatos pontudos, além de estarem os dois de preto. E o que mais me deu medo neles foi: eles eram verdes! A pele deles era verde!

Eu me escondi atrás de Klaus e agarrei a parte de trás de seu terno.

— Klaus, o que são eles? — sussurrei bem baixinho.

Klaus me fitou por um momento e então chamou os dois — *sei lá o que eram.*

— Isabell, conheça nossos cozinheiros. Esse é Bug — disse, referindo-se ao primeiro *sei lá o quê*, que veio em nossa direção. — E esse é Gub.

Bug tinha cara de zangado, me olhou de um modo estranho assim que me viu. Gub, esse me lançou um sorriso simpático, que me fez sorrir de volta.

— É um prazer conhecê-los — falei, meio contida.

— O prazer é todo nosso, senhorita — Gub disse, curvando-se em

sinal de respeito.

— Bug? — Klaus cobrou um cumprimento da outra miniatura.

— Senhorita — Bug disse, me olhando e em seguida curvando-se também.

— Ela já sabe... o que somos, senhor? — Gub, o fofo, perguntou a Klaus.

Do que ele está falando?

— Ainda não. Não queremos assustá-la — Klaus respondeu.

— Entendo...

Silêncio.

Como se eu já não estivesse assustada, não é?!

— Bem, é melhor irmos, ainda falta muito pra mostrar e pouco tempo até a hora do jantar. — Sem dizer mais nada, Klaus pegou minha mão e me puxou para longe.

Continuamos a caminhar pela casa. Klaus continuou segurando a minha mão, mesmo depois de nós já estarmos bem longe da cozinha. Eu tentei soltar a mão sutilmente, mas ele não deixou. Eu

já estava vermelha como um tomate por estarmos daquele jeito e por eu estar tão perto de um garoto. Por eu ter sido criada em um orfanato feminino, raramente via um garoto e nunca, praticamente nunca, ficava tão próxima de um.

Paramos em frente a duas portas geminadas, brancas.

— O que é aqui? — perguntei.

— A biblioteca. Tem gente. Não fiquei assustada, OK?

Eu encarei Klaus. *Por que eu*

ficaria assustada? Ele empurrou as portas e então o local se revelou.

Klaus me puxou para dentro e parou comigo no centro da parte de baixo. O cômodo tinha três andares de altura. Era muito amplo e claro, ao contrário do resto da casa. Livros e mais livros em todo o lugar, estantes gigantes por todos os cantos, mesas com abajures no salão onde nos encontrávamos, muitas luzes, plantas em cada um dos cantos e...

— O que é aquilo voando? — perguntei a Klaus, enquanto apontava

para uma coisa brilhante voando na altura do segundo andar.

— É a Féxia, nossa bibliotecária.

Oi? Um bicho brilhando voando é a bibliotecária deles?

— E o que é a Féxia?

Klaus abriu a boca para dizer algo, mas foi logo interrompido por alguém. Vladimir apareceu DO NADA na nossa frente, com um sorriso no rosto. Eu nem tive tempo de me assustar, graças ao seu comentário.

— A bela surtada acordou! —

ele disse, aproximando-se de nós dois.

Apertei a mão de Klaus.

— Comporte-se, irmão. —

Klaus o advertiu.

Vladimir fixou seus olhos nos meus ao dizer:

— Ficou muito bem-vestida assim.

Demorei alguns segundos para responder e disse apenas:

— Eu sei.

Eu nem sequer conhecia Vladimir, mas naquele momento soube

que nunca iria querer ser íntima dele. Eu estava tão ocupada, encarando-o bem no fundo de seus olhos intensos, que só reparei que ele segurava um cálice quando levou o objeto à boca, enquanto continuava a me olhar.

— O que faz aqui, irmão? — Klaus perguntou.

— O que se vem fazer quando se entra em uma biblioteca? Ler, é claro!

— Tu não és do tipo que usa teu tempo livre para ler. O que procuras aqui?

— Apenas uma história para passar o tempo... — Vladimir respondeu, dando outro gole em sei lá o que bebia. — Agora, se me dão licença, vou me preparar para o jantar.

E desapareceu tão rápido quanto apareceu.

— Como isso é possível? — sussurrei.

— O quê? — Klaus perguntou, virando-se para me encarar de frente.

— Ele apareceu do nada e desapareceu do mesmo jeito! E você

também um pouco mais cedo! Como vocês fazem isso?

O garoto me encarou em silêncio.

— Não vai me responder? —
perguntei em um tom mais alto.

— Não. — Ainda deu um sorriso descarado e saiu andando.

Eu fiquei sem entender nada por um momento, mas logo depois saí correndo atrás dele até alcançá-lo e me pôr em seu caminho, fazendo com que parasse e me encarasse.

— Como assim, não vai me

responder? — Eu gritei, ficando zangada. — Eu te fiz uma pergunta e exijo uma resposta!

Ele riu.

— Tu ficas uma graça quando estás nervosa, sabia? Ficas muito sexy também..

Eu fiquei vermelha com seu comentário idiota. E fiquei com mais raiva ainda porque ele conseguiu me deixar sem reação.

— Vai pro inferno!

E saí pisando forte no chão a

cada passo, deixando-o para trás.

Capítulo 6

Klaus

Isabell estava bem nervosa. Logo reparei que seria difícil para ela se acostumar conosco, ainda mais quando soubesse sobre a nossa identidade e a dela. Eu tinha medo que ela surtasse ainda mais do que quando surtou com minha mãe. Até pensei em ir atrás dela quando ela gritou comigo e saiu andando

— quase furando o chão de tão forte que dava cada passo —, mas decidi deixá-la um pouco com seus pensamentos.

Encontrei minha mãe na mesa de jantar. Ela arrumava os candelabros em cima do móvel e em seguida acendia as velas.

— Estou tão feliz! — mamãe disse assim que me ouviu chegar. — Após tantas décadas, vamos finalmente nos sentar à mesa e fazer uma refeição como qualquer outra família. E tudo isso graças à chegada de Isabell.

Mordi o lábio depois de escutar aquilo, pois tinha certeza de que receberia uma bronca.

— Eu não sei mais se ela vai querer juntar-se a nós esta noite... — falei baixinho.

Imagina uma mulher virar-se para você e te olhar como se fosse um demônio prestes a devorar-te... Foi assim que a mãe me olhou, um tom avermelhado tomava conta de seus olhos e as veias em volta de ambos estavam mais nítidas.

— O que tu aprontaste, Klaus Thomas Durand? — ela rosnou.

Bastou seu tom de voz para eu saber que estava encrencado.

— Eu não fiz nada, mãe! Juro!

Ruckia apareceu ao lado da minha mãe exatamente neste momento e pôs a mão em seu ombro, enquanto sorria de orelha a orelha.

— Tens certeza, Klaus? Eu a escutei gritar contigo há pouco tempo...

— minha irmã disse, colocando lenha na fogueira.

Vaca, pensei.

— O que tu fizeste à menina? —
minha mãe perguntou, cruzando os
braços.

— Realmente não provoqueei
nada, apenas neguei responder quando
ela exigiu de mim uma explicação sobre
como nosso irmão apareceu e
desapareceu com tanta rapidez.

— Eu não acredito que Vladimir
cometeu essa burrice! — mamãe gritou.
— Terminem de arrumar a mesa, vou ter
uma conversa com o irmão de vocês.

Assim que mamãe sumiu da sala de jantar, eu fuzilei Ruckia com os olhos.

— Tu querias que eu me desse mal, não é?!

Ela sorriu sem graça.

— Claro que não, meu irmão querido, jamais faria isso...

— Tu me pagas! Aguarda-me! — ameacei.

Com a mesa já arrumada em poucos minutos, nosso pai apareceu e, logo em seguida, Vladimir.

— Cadê a mamãe? — Ruckia perguntou a ele.

Vladimir balançou os ombros.

— Por que perguntas isso a mim? Eu não a vi a tarde toda!

Ruckia e eu trocamos um olhar. Se nossa mãe não fora atrás de Vladimir, como disse que iria, para onde ela foi?

— Sua mãe deve estar com a nova irmã de vocês — nosso pai falou. — É melhor sentarmos e aguardarmos a chegada das duas.

Sentamos à mesa e Ruckia

gentilmente encheu as taças com a nossa bebida favorita. Fechei os olhos enquanto me concentrava em apreciar tal aroma.

— Ainda está morno — Ruckia comentou depois de tomar um gole.

Escutamos, então, as vozes de mamãe e de Isabell se aproximando. As duas conversavam sobre a decoração da casa e Isabell parecia bastante interessada no assunto.

— Estão chegando — papai avisou.

Vladimir, que até aquele momento mantivera-se em silêncio, ao notar a mesa farta de comida perguntou:

— Por que tanta comida? Não deveria ter só o suficiente para a garota? E por que tem pratos em cada lugar?

— Esta noite vamos comer como humanos, ainda é cedo para dizer à menina o que somos. Não queremos que ela surte como surtou com sua mãe no orfanato — meu pai respondeu.

Vladimir fez uma careta.

— Vou tentar não vomitar de

nojo.

Poucos segundos depois, mamãe e Isabell entraram na sala sorrindo uma para a outra. Isabell logo ficou séria quando me viu, mas pelo menos não gritou comigo como achei que faria. Havia um lugar vago entre meu pai e eu, mas a garota

decidiu se sentar em uma cadeira entre Ruckia e Vladimir, ficando de frente para mim. Mamãe se sentou ao meu lado e me lançou aquela sua expressão demoníaca. *Medo*.

— Bem, agora que estamos todos

aqui, podemos atacar este maravilhoso banquete feito especialmente para celebrar a chegada da nova irmã de vocês — Helena falou, sorrindo para Isabell.

Todos começaram a pegar um pouco de cada coisa. Bug e Gub haviam feito muitos tipos de pratos na esperança de que Bell pudesse gostar de alguns deles. Eu a olhei uma vez enquanto colocava salada em meu prato e percebi que ela estava com a cabeça abaixada e com as mãos cruzadas uma na outra.

— O que estás a fazer, Isabell?

— perguntei.

Todos na mesa a olharam, mas ela se manteve em silêncio por mais alguns segundos, até dizer algo de repente.

— Amém.

Quando ela levantou a cabeça e percebeu que todos os olhares estavam direcionados para si, suas sobrancelhas se uniram.

— O que foi? — ela perguntou, sem saber o porquê de estarmos fazendo aquilo.

— O que estavas a fazer

agorinha? — Ruckia lhe perguntou.

— Rezando.

— Por que estava rezando na hora de comer? — perguntei — Não se faz isso quando se vai dormir?

Pelo menos, foi isso que eu li nos livros.

— Sim, também. Mas, neste momento, eu apenas estava agradecendo aos céus pela mesa farta desta noite.

— Vocês fazem isso no orfanato todos os dias? — Vladimir perguntou, surpreso.

Isabell assentiu. Todos ficamos em silêncio.

— Podemos começar a refeição?

— a garota perguntou, já que ninguém fazia nada.

— É claro. Estou morta de fome

— mamãe disse, começando a cortar a carne em seu prato.

Ruckia e eu seguramos o riso com a piada que mamãe acabara de fazer sem querer, já que ela tecnicamente estava mesmo morta. Assim que coloquei o primeiro pedaço de carne na boca, tive

vontade de vomitar. Como humanos podiam comer algo tão ruim?

— E então, Isabell — meu pai começou — , está gostando daqui?

Encarei Festus, pois nunca o tinha visto ser tão natural com estranhos.

— Sim, senhor — Isabell respondeu, depois de uma pequena demora.

— Não será necessário chamar-me de senhor, tu és a nossa nova filha caçula agora e, como tal, deves me chamar de pai, assim como deves

chamar Helena de mãe — disse.

Encarei Isabell, esperando alguma resposta dela, mas tudo que consegui foi uma expressão de surpresa com as palavras de meu pai. Ela olhava para o prato quando finalmente assentiu para meu pai.

Minha mente ficou confusa naquele momento, pensei que ela fosse repetir como havia feito mais cedo, que era um engano ela estar aqui, que fosse teimar para voltar ao orfanato, mas não. Eu soube, então, que algo estava errado. Ela estava aprontando alguma coisa.

— Eu preciso... — Vladimir
começou a dizer sem conseguir terminar
— ...preciso ir ali...

E, sem dizer mais nada,
desapareceu.

*Ótimo, Vladimir, a garota já
havia se esquecido dos nossos
desaparecimentos repentinos e agora tu
a lembraste novamente do ocorrido.*

Encarei Isabell mais uma vez, ela
estava me olhando, séria. Dei um
pequeno sorriso para ela, sem mostrar
os dentes. Ela não devolveu, apenas

voltou a encarar o prato.

Legal, ela ainda está zangada comigo. Continuei a observá-la em silêncio por mais um tempo.

— Pode parar com isso? — Bell disse, enquanto revirava seu prato e sem dizer a quem se referia.

— O quê? — Ruckia perguntou, encarando-a.

— Não você. Ele. — E então ela me olhou. E todo mundo fez o mesmo. *O que eu fiz agora?* — Não gosto que fiquem me olhando enquanto

estou comendo!

— Perdoe-me — pedi.

A garota respirou fundo, parecendo querer se acalmar, mas não adiantou muito.

— Você tem algum problema comigo, não é? — perguntou-me.

Todos estavam me encarando, confusos.

— Eu? — Levantei uma sobrancelha — O que eu te fiz?

Bell largou o garfo e a faca sobre o prato e cruzou os braços.

— Tudo! Você fez tudo! A culpa de tudo é sua!

Todo mundo estava me encarando feio. E eu nem sabia o que eu tinha feito para a garota.

— Você está de TPM? — perguntei.

Aquela era a única resposta lógica para o temperamento repentino dela. Isabell riu de raiva. Ficou de pé e olhou para minha mãe e meu pai.

— Peço licença a vocês, perdi a fome. — Antes de deixar a mesa, olhou

novamente para mim e disse: — E você, já falei e vou repetir mais uma vez: vai para o inferno!

Todos ficaram espantados, incluindo eu, que me encolhi quando os três ali na mesa me fuzilaram com os olhos.

— Que porra tu fizeste, Klaus?

— Ruckia gritou, se levantando.

— Eu não fiz nada! — Levantei as mãos em redenção. — Ela surtou do nada!

— Ela estava perfeitamente

calma quando estava comigo hoje mais cedo.

— Ela é louca! — Falei, me levantando também.

— Calem-se vocês dois! — mamãe gritou e depois olhou para meu pai. — O que devemos fazer, querido?

Meu pai ficou em silêncio por alguns segundos enquanto pensava, então disse:

— O melhor é que Klaus vá se desculpar com a garota, por seja lá o que for que tenha feito.

— Mas eu não fiz nada, meu pai!

— Se realmente não tivesse feito nada, Isabell não teria saído daqui daquele modo! Por sua causa, ela mal comeu a comida.

Respirei fundo.

— Eu não vou pedir desculpas para uma louca! Ela não se dá bem comigo.

— Então, faça com que se dê. Pois não se esqueça que ela é tua prometida. O melhor é que aprendam a se gostar antes do casamento se

quiserem ter uma boa relação mais tarde
— Minha mãe lembrou.

Respirei fundo novamente. Estava tentando me acalmar, mas não estava dando muito certo. Com certeza, eu devia ter feito algo muito ruim no passado para merecer uma noiva louca como aquela garota.

— Vá logo se desculpar com a garota! — Ruckia gritou, já impaciente.

— Vou tentar não matá-la, mas não garanto nada.

Capítulo 7

Isabell

Eu voltei para o quarto, onde acordei naquele dia um pouco mais cedo, e me joguei naquela cama imensa. Alguém bateu na porta. Eu tinha certeza de quem era.

— Já falei pra você ir para o inferno! — gritei.

— Nossa! Você é muito grossa, sabia? — Klaus gritou de volta
Ele abriu a porta e entrou.

Sentei-me, quase em um pulo.

— Vá embora! Saia daqui.

— Isso só pode ser TPM mesmo!

Eu liberei o ar tão rápido pelo nariz que tenho certeza de ter parecido um touro com raiva ao bufar. Joguei a almofada nele, que se abaixou tão rápido que me surpreendeu.

— Como você faz isso? — perguntei um pouco mais baixo.

— Agora você fala com mais calma? Só por causa de um movimento rápido?

— Responda minha pergunta — falei em tom de autoridade.

Ele cruzou os braços.

— Mais tarde talvez minha mãe apareça e a visite querendo saber se lhe pedi desculpas. Então, se a senhorita disser a ela que me perdoou e que estamos nos dando melhor, eu respondo sua pergunta.

Ri.

— Então, a mamãe mandou o filhinho vir me pedir desculpas?! Que fofo... — Havia um sorriso zombeteiro estampado em meu rosto.

— Aceita o trato ou não? — ele perguntou, sério.

Eu levantei uma sobrancelha, encarei-o por alguns segundos e então respondi:

— Aceito.

Klaus suspirou e colocou as mãos nos bolsos.

— Serei breve na resposta —

avisou.

Assenti e esperei.

— Eu não sou como você,
Isabell. — Respirou fundo e então
disse: — Eu não sou... humano.

Silêncio.

Klaus ficou me encarando,
provavelmente estava me analisando e
esperando uma reação.

— Eu já estava desconfiando.
Nem sua família é humana, não é? Nem
aquela coisa voando na biblioteca e os
cozinheiros...

Ele confirmou.

— E o que vocês são?

— Eu não posso responder isso no momento. Não quero deixá-la assustada.

Ele parecia falar sério, parecia preocupado também.

Respirei fundo.

— E quando irá me contar?

— Logo. Apenas minha família e eu achamos melhor lhe revelar tudo aos poucos...

Assenti novamente.

— Então, se ninguém nesta casa é humano... — Parei.

— Continue. — Klaus me encorajou.

— Aqueles dois na cozinha, se eu for levar em conta a cor deles e o tamanho... Eles são duendes?

Klaus sorriu. Ele ficava bonito quando sorria.

— Uhum. Acertou.

Passei a mão no cabelo e suspirei. Eu estava mesmo acreditando naquilo tudo?

— Céus, como isso pode ser real? — sussurrei.

— Está com medo de nós?

Vi em seus olhos ainda mais preocupação. Dei um pequeno sorriso tentando tranquilizá-lo.

— Por que eu teria? Ninguém me fez mal. Por que fariam agora? Só porque agora sei que são diferentes?

Mas sim, eu estava com um pouco de medo e já tinha algumas suspeitas se formando em minha mente, mas preferia ignorá-las.

Mais segundos de silêncio enquanto nós nos encarávamos.

— É melhor eu ir — ele falou, então.

— Pode ficar se quiser — falei baixo, desviando os olhos dos dele por um segundo.

Klaus levantou uma sobrancelha, mostrando surpresa.

— Sério?

Não pude deixar de sorrir por com sua expressão.

— Não gosto de mentir para

ninguém, apesar de ser muito boa nisso, mas, quando sua mãe vier me visitar mais tarde, eu quero dizer a ela, com convicção, que está tudo bem entre nós e que estamos nos dando muito bem.

Klaus assentiu e tirou então o chapéu, pôs sobre a penteadeira, caminhou até mim e se sentou na ponta da cama.

Ele era bonito até sem o chapéu.

Espera! Ele é bonito!

— Estás bem? — Klaus perguntou.

Eu pisquei algumas vezes até compreender o que ele havia perguntado.

— Por que pergunta?

— Tuas bochechas estão a mudar de cor, agora estão vermelhas.

— É sério? — Pus as mãos sobre as bochechas para esconder o rubor.

— Uhum. — Ele confirmou, sério.

Acalme-se, Isabell! Você está parecendo um camaleão mudando de

cor desse jeito! Relaxa!, eu disse a mim mesma em pensamento.

— Bem, sobre o que queres dialogar? — Klaus quis saber.

— Sobre o que quiser.

Ele fez cara de pensativo e perguntou:

— Do que é que tu tens mais medo na vida?

Aquela pergunta me pegou de surpresa. Tive que pensar um pouco antes de dar-lhe uma resposta.

— Não sei ao certo do que

tenho medo, muito menos do que mais
tenho medo na vida, mas tenho que dizer
que tenho certo problema com o novo.

Vi confusão em seus olhos.

— Do que estás a se referir
quando falas desse novo?

— Eu me refiro ao
desconhecido. O desconhecido pode ser
tanto bom quanto ruim. O amanhã, por
exemplo, é algo desconhecido, novo,
que ninguém sabe. Mas sei que se eu
pudesse saber o que vai acontecer, ainda
assim eu iria preferir mantê-lo sob

mistério.

— Por quê? — ele perguntou em um sussurro.

— Como eu disse, o desconhecido pode ser tanto bom quanto ruim, o meu amanhã pode ser maravilhoso, repleto de sorrisos e momentos bons. Talvez sombrio, com um caminho solitário e cheio de espinhos... Ou até trágico, com várias lágrimas e quem sabe mortes.

Klaus me olhou espantado.

— Sua percepção das coisas é

fascinante — ele disse.

Sorri.

— Obrigada. Nunca me disseram isso antes.

— Mas em uma parte sou obrigado a discordar de ti — ele disse, fazendo-me unir as sobrancelhas. — O teu amanhã não poderá ser em parte algum solitário. Não mais. Pois agora tu estás conosco e és parte da família.

Eu o encarei enquanto pensava em suas palavras. Realmente, eu não estava mais sozinha. Não mais.

Dei-lhe um pequeno sorriso e ele retribuiu, também sorrindo.

— Minha vez de perguntar.

Klaus me encarou em silêncio e esperou.

— Por que sua família se interessou em adotar uma garota de dezesseis anos em vez de um bebê recém-nascido?

— Essa não é uma pergunta pessoal. — Ele lembrou.

— Mas você não pode me responder isso?

— Suas perguntas serão respondidas logo, eu lhe prometo. Porém, agora só posso responder-te coisas simples.

Assenti em compreensão.

— Klaus, qual seu tipo de música preferido?

Ele não respondeu. Cruzei os braços.

— Ah, qual é? Nem isso você pode me responder? — reclamei.

— Eu posso sim, é que você me pegou de surpresa com a pergunta... —

ele disse, meio sem graça.

— Então, o que esperava que eu te perguntasse?

Ele deu de ombros.

— Não sei.

Silêncio.

— Vai responder minha pergunta ou não? — Eu já estava ficando zangada.

— Sim, sim. É... eu gosto de ouvir mais algo como ópera e metal sinfônico...

Assenti como modo de mostrar

compreensão.

— São bem a sua cara.

Ele sorriu com o meu comentário.

— Por que diz isso?

— Você tem cara de quem escuta coisas clássicas e trevosas...

— Tu meio que me definiste agora nesta categoria... — E sorriu.

Eu encarei seus olhos verde-água e dei um breve sorriso.

Alguém bateu na porta.

— Entre — autorizei, ainda encarando Klaus.

Como a porta estava dentro do meu campo de visão, consegui ver pelo canto do olho quando ela foi aberta e Ruckia e Vladimir apareceram.

— Viemos para ver se vocês não tinham se matado... — Vladimir disse.

— Estamos bem — Klaus respondeu, sem tirar os olhos de mim.

— Eu trouxe chá de camomila pra ti, Bell — Ruckia falou, entrando com uma bandeja com uma xícara e um bule nas mãos.

Ela a pôs em cima do criado.

— Muito obrigada —

sussurrei.

Ela sorriu.

— Klaus, papai está a te chamar, quer tua ajuda para algo — ela falou e

Klaus desviou o olhar para ela com as sobrancelhas unidas.

— O que ele quer?

Ela deu de ombros.

— E eu lá vou saber!

Klaus então me encarou novamente.

— Continuamos a nossa conversa amanhã, Bell — ele disse, se despedindo com um sorriso... um sorriso meigo. — Boa-noite.

Sorri de volta.

— Boa-noite, Klaus.

Os três deixaram o quarto. Antes de fechar a porta, Ruckia disse:

— Não te esqueças do chá!

— OK. Não vou esquecer.

Com o quarto vazio, eu me joguei na cama e fiquei olhando para o teto. Não estava com vontade de dormir,

então comecei a pensar na vida. Da noite para o dia eu tinha tudo o que queria ter e achei que jamais teria. Eu tinha uma mãe, um pai, irmãos e uma irmã... mesmo que eles fossem "diferentes", eu não me importava. E nem devia me importar... Ou devia? O quanto eles eram diferentes realmente?

Se os cozinheiros eram realmente duendes, eles poderiam ser algo mais incomum ainda, não? Por que achavam que tinham que me contar com calma? Seria algo muito ruim? Afastei aqueles pensamentos da mente, eu não

devia me importar com as nossas diferenças e pronto.

Virei a cabeça para o lado e vi a bandeja com a xícara e o bule de chá. Sentei-me na cama e peguei a xícara.

— Para que chá antes de dormir? — perguntei-me em voz alta.

Tomei um pouco e notei que estava muito bom e na temperatura certa. Estava tão bom que quando percebi já tinha tomado três xícaras e estava morrendo de sono.

Tenho certeza de ter adormecido com a

xícara na mão.

Capítulo 8

Isabell

Eu nunca dormi tanto na vida como naquele dia, quando acordei já ia dar quase uma da tarde. Meio grogue de sono levantei-me e me deparei ao pé da cama com um vestido. Ele era verde-

oliva, comprido como o outro, com uma tira de renda fina da mesma cor no decote quadrado e na borda das mangas que iam até o cotovelo, e ao lado dele estava um par de botas pretas de cano médio.

Entrei no banheiro e escovei os dentes. Quando fui tomar banho, notei que a banheira já estava cheia com água e espuma. Não demorei muito para me lavar e voltar para o quarto para pôr o vestido.

Depois de colocá-lo e arrumá-lo no meu corpo, percebi que na parte de

trás tinha um par de faixas que serviam pra apertar mais o tecido na parte do tronco.

— Como é que eu vou amarrar essa coisa...? — falei, tentando dar um jeito daquelas faixas.

Alguém abriu a porta fazendo-me quase pular de susto.

— Bom-dia, irmã! — Ruckia disse alto, já entrando.

— Bom-dia uma ova! Sabe que horas são? Já passa de uma da tarde! — falei, zangada. — Por que não me

acordou depois de você acordar?

Ela ia falar algo, talvez protestar se ou justificar-se, mas se calou.

— Vejo que precisa de ajuda com as amarras do vestido — sussurrou depois de alguns segundos.

Suspirei e me virei para que ela pudesse me ajudar. Assim que ela terminou, eu me virei em sua direção.

— O almoço já está pronto! Tu queres comer agora, ou mais tarde?

— Agora. — E me sentei na cama para calçar as botas — Estão

todos à mesa?

— Klaus me contou sobre a tua conversa com ele ontem. Isso é verdade?

Assenti, estranhando a pergunta fora do assunto e coloquei a primeira bota.

— Bem, uma das características que nos tornam diferentes de ti é que não comemos o que tu comes...

Wow! Aquilo me pegou de surpresa! Eu olhei para Ruckia e perguntei:

— Vocês não comem comida?

Ruckia balançou a cabeça para os lados negando.

— Rola um refri? — Eu estava assustada.

— Não.

— Nem umas batatinhas fritas?

— perguntei, ainda esperançosa

— Não.

Coloquei as mãos na parte de trás da cabeça enquanto tentava entender aquilo.

— Isso é muito estranho! — E

então eu a encarei, levantando uma sobrancelha — O que vocês comem, então?

Ruckia desviou os olhos dos meus para encarar o teto enquanto pensava na resposta.

— Eu... não posso responder-te isso no momento porque meio que entregaria o que somos.

Suspirei, desapontada com aquela resposta e comecei a pôr a outra bota.

— OK, então.

Ruckia ficou me fazendo companhia enquanto eu almoçava. Não conversamos muito, pois eu estava com muita fome para ficar tagarelando enquanto comia.

— Foram aqueles dois que fizeram o meu almoço? — perguntei, me referindo a Bug e Gub.

— Sim. Eles ficaram muito animados quando souberam que a nossa nova irmã seria uma humana, assim eles podiam fazer com mais frequência o que

mais adoram fazer que é cozinhar.

Dei um pequeno sorriso depois de engolir a última garfada de comida e terminar a refeição.

— Bem, eles estão de parabéns! São muito bons no que fazem.

Ruckia sorriu com o que acabara de ouvir.

— Direi isso a eles mais tarde.
— Ela avisou. — Queres fazer o que agora?

Dei de ombros.

— Acho que vou para a

biblioteca achar um bom livro para ler...

— Tu sabes onde fica a biblioteca?

Assenti.

— Então, acredito que não há necessidade de eu ter que levá-la até lá... — ela disse, já se levantando e pegando o meu prato e a minha taça — Vou levar isso para a cozinha. Te encontro mais tarde para fazermos algo juntas. — E, então, desapareceu.

Eu ainda me assustava um pouquinho com os membros daquela

casa sumindo do nada, mas coloquei na cabeça que aquilo era normal ali e que logo eu me acostumaria.

Levantei-me e deixei a cozinha. Subi as escadas e, quando cheguei ao topo, olhei para os dois lados antes de continuar, reparando que só conhecia a ala oeste da casa e um pouco da ala sul. Olhei para a ala norte, que era a visão de um corredor mais largo do que os outros, porém não muito fundo, pois eu via duas portas no final dele. Olhei também para a ala leste, essa possuía um corredor muito parecido com o da ala

oeste por ser repleto de quadros nas paredes e com uma curva levando a outro, ou outros corredores.

Esfreguei os lábios um no outro enquanto decidia o que fazer. Ninguém me havia dito que tinha lugares da casa onde eu não podia andar, pensei. Dei de ombros e segui para a ala leste.

Passei pelo primeiro corredor e cheguei ao segundo, que estava um pouco sujo, ao contrário dos outros lugares da casa, que brilhavam de tão limpos. Esse corredor era imenso e escuro. Apesar de haver muitos

candelabros ali, a maioria se encontrava apagado, e os poucos ainda acesos mal iluminavam o lugar.

— Esse lugar é medonho — sussurrei, assustada.

Dei uma olhada nos quadros dali. A maioria tinha pinturas estranhas, algumas abstratas, tudo com muito vermelho, azul escuro e preto, e outros possuíam desenhos de mansões do tipo de filmes de terror iluminadas pela lua cheia, só que com uma lua cheia vermelha, além de muitos e muitos túmulos no quintal de terra à frente dos

lugares.

— Que porra é essa? —
sussurrei, novamente passando a mão no
quadro.

Notei que em um dos túmulos
havia algo escrito: “Aqui descansas
Festus Eduard Durand (1669-1701).”

Céus!, pensei. *Se Festus Durand
já está morto, quem é o pai de Klaus?*

Um calafrio me tomou. Agora eu
estava com medo. Então, para deixar o
meu medo ainda maior, escutei um
barulho não muito alto vindo do

corredor próximo.

Devagar e procurando não fazer barulho, dirigi-me ao fim daquele corredor e virei a curva para o próximo. Nesse, as condições de iluminação eram as mesmas que as do anterior: péssimas! Havia uma porta do lado direito do corredor entre dois candelabros apagados. Aproximando-me mais, notei que o lugar atrás daquela porta se encontrava bem iluminado, pois havia muita luz escapando pela fresta debaixo da porta. Ouvi outro barulho que, diferente do primeiro que parecia algo

sendo arrastado, dessa vez era um grito abafado.

Tentando fazer o menos barulho possível, parei na frente da porta. Respirei fundo. *Devo abrir esta porta?*, perguntei-me em pensamento.

Alguma coisa me dizia para eu não fazer aquilo, mas eu a ignorei por completo e abri a porta com tudo. Os pelos de todo o meu corpo se eriçaram com o que vi...

Havia uma criatura monstruosa vestida toda de preto, com a boca no

pescoço de um garotinho que não aparentava ter mais de doze anos. O garoto chegou a me ver, assim como vi o pânico em seus olhos enquanto ele tentava se livrar inutilmente das garras do ser desprezível que o machucava. Sangue caía do pescoço do menino e do canto da boca da peste que se alimentava da criança indefesa.

Senti uma lágrima rolar pelo meu rosto.

— Meu Deus! — sussurrei

No mesmo momento em que deixei

escapar tais palavras, a criatura afastou a boca do garoto e me encarou, enquanto sangue escorria por seus lábios manchando seu terno. Seus olhos me olharam de modo ameaçador, mas logo mudaram, assim como sua expressão, que se tornou assustada.

— Isabell?! — ele sussurrou, largando o garoto já desacordado no chão.

— Como pôde fazer isso, Klaus?

Eu estava assustada, em pânico, com medo... Eu só queria sair dali. E

jamais vê-lo novamente.

Ele deu um passo para a frente me fazendo recuar dando um passo para trás.

— Isabell, eu...

— Monstro! — gritei, antes de me virar e sair correndo pelo corredor.

Capítulo 9

Isabell

Eu estava tão confusa, tão fora de mim, que nem percebi naquele momento que estava entrando mais naquela ala da casa em vez de deixá-la. Estava correndo quando aquele monstro se pôs a alguns passos à minha frente de repente.

— Deixe-me explicar-te, por favor — Klaus implorou.

Eu neguei com a cabeça enquanto tentava parar o choro. Ele tentou se aproximar novamente, mas meu ódio pelo que ele havia feito era tão grande que eu não deixei.

— Não encoste em mim! —
gritei.

Então, algo ainda mais estranho aconteceu. Uma rajada de vento frio surgiu do nada, em mim aquele efeito só causou arrepios, mas Klaus não teve a mesma sorte, pois o vento criou força contra ele e o jogou contra a parede. Se eu já estava assustada antes, imagina naquele momento, então?

Eu aproveitei que Klaus estava jogado ao chão e não perdi tempo, me virei e corri o máximo que pude até sair da ala leste. Ao chegar na escada,

encontrei Helena deixando a ala oeste. Nossos olhos se encontraram e pude perceber a expressão de preocupação tomar seu rosto por me ver em prantos.

— Isabell, por que choras? — ela perguntou com sua voz doce.

A raiva me subiu pela cabeça.

— Você também é um monstro, não é? — gritei, secando o rosto com as mãos

— O quê? Do que estás a falar?

— Não minta pra mim! — gritei novamente — Eu sei o que vocês são!

Sei o que todos desta família são!

— O que acontece aqui? — uma voz masculina perguntou.

Foi então que notei Vladimir e Ruckia ao pé da escada, ambos estavam me olhando.

— O que acontece é que eu já sei o que vocês são! — respondi enquanto o encarava como os olhos semicerrados.

— Isabell — Helena me chamou — , controle-se.

No segundo seguinte, Klaus e Festus estavam ao seu lado. Nem sequer

me dei ao trabalho de encarar Festus, estava muito ocupada encarando seu filho mais novo.

— Por que esconderam isso de mim? Por que não me disseram logo?

— perguntei, enterrando os dedos no cabelo.

— Se não falamos antes, foi exatamente porque queríamos evitar isso

— Klaus respondeu.

— Klaus, o que está a acontecer aqui? — Festus perguntou ao filho.

Klaus olhou para o teto e pôs as

mãos nos bolsos frontais da calça.

— Digamos que Isabell me encontrou há pouco enquanto eu almoçava — ele respondeu.

— Ele estava se alimentando do sangue de uma criança! — falei, apontando para Klaus e olhando para seu pai.

Festus andou até o filho e o puxou pela orelha.

— Ai, pai! Está doendo! — Klaus queixou-se de dor.

— Klaus e eu vamos ter uma

conversinha no escritório — Festus disse para Helena. — Por favor, converse com Isabell e explique tudo a ela.

Os dois desapareceram. Silêncio. Respirei fundo. Eu estava muito nervosa.

— Ainda há mais coisas que eu preciso saber? — perguntei.

Ruckia assentiu quando chegou ao topo da escada e se pôs ao lado da mãe.

— Tu ainda não sabes nem da

metade.

Helena pediu a todos ali presentes naquele momento para acompanhá-la até a sala de estar para continuar nossa conversa em um lugar mais privado.

Assim que entrei no espaço, avistei um sofá que estava perto de mim e me sentei. Havia ainda mais dois sofás iguais àquele e todos possuíam dois lugares e tinham cor vermelha. Bufei. Os sofás eram cor vermelho-sangue.

Respirei fundo quando a visão de Klaus com os lábios molhados de

sangue veio à minha mente. Resolvi estudar o lugar para distrair meus pensamentos enquanto Ruckia acendia a lareira a uns dois metros diante de mim.

A sala era imensa, quase tão espaçosa quanto o salão do térreo, além de dispor do mesmo piso em preto e branco lembrando a superfície de um jogo de xadrez. O teto era branco, tinha o pé direito alto e também um lustre de cristais que era de estilo clássico, talvez um pouco exagerado, porém belo. Eu logo reparei nos candelabros em cada canto da sala, pois esses, diferentes dos

outros, possuíam mais braços em formato de caracóis com velas acesas sobre eles.

Quando a lareira foi acesa, logo senti o calor do fogo chegar a mim. Ruckia se levantou e ajeitou a saia de seu vestido preto. Vladimir se sentou no sofá à minha direita.

— Isabell, peço-te que mantendas tua mente aberta e que tentes manter-te calma até eu terminar de dizer-te o que tenho a dizer — Helena pediu, sentando-se no sofá à minha esquerda e ficando na diagonal. Assenti.

— Nossa família pertence a uma raça de vampiros muito poderosa, o alimento essencial para nossa sobrevivência é sangue, porém isso não quer dizer que não possamos nos alimentar de outras coisas.

— Você diz que pertencem a uma raça de vampiros — comecei, interrompendo-a. — Então, isso quer dizer que existem tipos de vampiros diferentes?

Helena assentiu.

— Existem vampiros que se

queimam ao entrar em contato com a luz do sol, há os que dormem de dia e caçam à noite, há os que nunca dormem, os que só bebem sangue de animais... São muitas raças diferentes de vampiros.

Levantei as sobrancelhas ao ficar surpresa com o que acabara de ouvir.

— Nossa família pertence a raça de vampiros que pode se alimentar de sangue de qualquer ser vivo.

— Qualquer um mesmo — Vladimir confirmou, me olhando.

— Mas nós não nos alimentamos de pessoas — Helena foi rápida em dizer.

Agora eu estava confusa.

— E o garotinho que Klaus estava...

— Aquilo que tu viste, de que Klaus se alimentava, não era humano — Ruckia afirmou. — Aquilo era um metamorfo. Tu sabes o que é um metamorfo, não sabes?

Fiz que sim com a cabeça.

— Isso também existe?!

— Tudo o que ouviste em tua infância, as histórias de duendes e sereias, fadas e trolls, elfos e lobisomens... é tudo real! — Vladimir disse.

Escutamos, então, a porta se abrir. Olhei para trás e vi Festus e Klaus entrando na sala. Logo percebi que Klaus tinha se limpado, seus lábios não estavam mais sujos de sangue e seu terno preto estava impecável.

Festus sentou-se ao lado da esposa e Klaus ao lado de Vladimir.

— Agora que tudo está sendo posto em pratos limpos, podem me explicar o porquê de terem me adotado?

Festus e Helena trocaram olhares entre si. Klaus encostou-se nas costas no sofá e mexeu no chapéu.

— Isabell — Festus me chamou enquanto passava a mão no cabelo loiro — , há pouco mais de dezesseis anos, duas famílias decidiram unir-se casando o filho mais novo de uma delas com a filha única da outra. O filho mais novo de uma das famílias cuidaria de sua prometida desde seu primeiro ano de

vida até que ela tivesse idade para unir-se a ele em uma cerimônia de casamento.

— Porém — continuou Helena — , após o terceiro dia do nascimento da criança, descobriu-se por muitos que a menina não era o ser sobrenatural que todos achavam que seria. Ela, na verdade, era uma feiticeira absurdamente poderosa, mesmo ainda tão jovem.

— E é claro que tanto poder assim atraiu seres sobrenaturais, que começaram a desejá-lo a qualquer custo

— Klaus sussurrou, continuando a história. — Os pais da criança, com medo de que algo pudesse acontecer ao maior tesouro que tinham, decidiram entregar a filha a uma feiticeira, que apenas eles e a família do noivo sabiam quem era, para que escondesse a criança e seus poderes de todos. Os pais da menina foram destruídos logo depois por vampiros de sua própria raça. A feiticeira continuou a cuidar da criança. Até que, depois dela completar dois anos... — Ele respirou fundo e disse: — A feiticeira e a criança

desapareceram. Ninguém nunca mais soube do paradeiro de ambas...

Aquela história estava me dando sono, tenho que dizer, mas eu estava achando interessante tanto quanto estava desconfiada.

— A família do noivo convocou oráculos e feiticeiras com a intenção de achar a menina, mas o feitiço que a mulher que cuidava da criança pôs sobre ela era tão poderoso, que ninguém conseguia localizá-la ou ter uma visão de onde a criança pudesse estar. A família do noivo, então, acreditou que o

pior tivesse acontecido à menina. Porém, quatorze anos mais tarde, uma feiticeira amiga da família caminhava por uma cidade e sentiu uma presença muito poderosa como nenhuma outra...

Eu bocejei.

— Até onde essa história vai?

— perguntei, já ficando impaciente.

Todos ali me encararam, surpresos com o que eu dissera, mesmo eu não tendo dito nada demais.

— Isabell — Ruckia chamou me fazendo encará-la. — A feiticeira

contou à família que a criança se encontrava em algum lugar naquela cidade. E, naquele mesmo dia, um oráculo teve a visão de uma placa com a palavra *orfanato* nela.

Até aquele momento eu estava apenas achando aquela história muito estranha, mas quando Ruckia me olhou bem no fundo dos olhos enquanto pronunciava a palavra “orfanato”, senti meu coração dar um pulo.

— A família procurou em todos os orfanatos da pequena cidade por uma garota com dezesseis anos que soubesse

falar idiomas antigos, já que esses são comuns aos seres sobrenaturais. — Ruckia parou e continuou a me encarar.

A minha mente estava confusa, mais confusa do que uns dez minutos antes quando eu encontrei Klaus daquele jeito. Aquilo não podia ser verdade,

— Eu não posso ser um ser sobrenatural — falei, me levantando.

— Mas tu és, Isabell! És uma feiticeira muito poderosa! — Klaus disse, ainda encarando o teto.

Agora, sim, eu iria enlouquecer.

Primeiro, sou praticamente sequestrada por uma família de esquisitos, aí descubro que os esquisitos na verdade são vampiros, e, para completar, eu sou uma bruxa.

— Se acalme, Isabell! — Ruckia pediu, quando me viu praticamente pirando na sua frente.

— É muita informação! — gritei sem querer.

Para completar a desgraça, Vladimir ainda me lembra:

— Não te esqueças de que, além

de tudo, tu ainda se encontra noiva do filho mais novo de nossa família, que, no caso, é o Klaus.

Minha atenção foi para Klaus, que me olhou com os olhos arregalados. Ele estava com medo. De mim.

Minha raiva era tão grande naquele momento por aquele idiota ter me escondido algo tão importante, que nem prestei atenção quando os vidros das janelas se quebraram do nada e o fogo de repente ameaçou se apagar.

Tudo o que eu queria era matar

Klaus naquele momento. Eu queria me jogar sobre ele e apertar bem forte aquele seu pescoço pálido com as mãos, até sua cabeça estar bem distante do corpo. E foi isso o que eu fiz.

Capítulo 10

Isabell

Eu estava apertando o pescoço de Klaus o máximo que conseguia e ele estava em silêncio, apenas me encarando um pouco assustado. Era óbvio que eu não o

estava machucando nem um pouco, o que só aumentava minha raiva.

— Morre, praga! Morre! —
gritei.

Vladimir ria como louco ao nosso lado, se divertindo com aquilo tudo. Ruckia estava assustada, Helena me pedia para ficar calma e parar com aquilo. E Festus... Festus veio em minha direção e se pôs atrás de mim, rodeou minha cintura com seus braços e me puxou para trás na tentativa de me afastar de Klaus. Klaus o ajudou, tirando minhas mãos de seu pescoço sem

esforço.

— Tire suas mãos de mim! —
gritei para Festus enquanto tentava me
soltar.

— Não enquanto não se acalmar!
— ele disse. — Ruckia, leve tua irmã
para o quarto!

Ruckia se pôs na minha frente e
pegou meu braço. Festus me soltou e, no
mesmo instante, eu fui em direção a
Klaus, mas logo fui obrigada a parar
depois de dar dois passos, pois Ruckia
ainda me segurava firme. Eu me virei

para ela e puxei meu braço, mas ela nem se mexeu.

— Você, me solte! — gritei mais alto ainda.

Ela, então, apertou a mão e começou a caminhar para a porta me puxando facilmente para longe de Klaus.

— Eu vou lhe matar, ouviu bem?
— Eu o ameacei.

Klaus apenas me encarou com a expressão vazia até que eu não consegui mais vê-lo. Sua irmã me trouxe até meu quarto e fechou a porta atrás de si. Eu

cruzei os braços e a fuzilei com o olhar.

— Não adianta fazer essa cara feia para mim — ela disse, apoiando as costas na porta.

— Saia da minha frente! — ordenei.

— Eu só vou sair deste lugar quando você ficar mais calma e começar a raciocinar direito! — avisou.

Eu fiquei ali, parada por uns dez minutos, em silêncio, e ela me encarando com uma expressão tranquila no rosto. Tentei me acalmar, sentei-me

na cama e a encarei.

— Melhor? — Ruckia perguntou.

Coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha e assenti, sem ter certeza da resposta.

Ela suspirou e se sentou ao meu lado, passou a mão no meu cabelo e sussurrou:

— Desculpa não termos falado antes de tudo isso, queríamos contar devagar para tu não ficares como ficou...

Eu abri a boca para dizer algo, mas nada saiu. Suspirei, jogando as

costas para trás.

— Não vais dizer nada? — ela perguntou.

— O que quer que eu te diga?

— Diga-me qualquer coisa! Qualquer coisa é melhor do que ver-te assim, Bell — ela sussurrou, triste.

Eu sorri, mas era um sorriso triste... Senti quando uma lágrima escorreu pelo canto de meu rosto enquanto eu encarava aquele teto procurando entender tudo o que tinha ouvido havia poucos minutos.

— Não chores! — Ruckia pediu, passando o polegar em meu rosto para secá-lo. — Desabafe comigo.

Eu virei o rosto para fitá-la. Seu rosto tão belo e pálido estava com uma expressão triste.

— Você é uma boa irmã — sussurrei.

Ela levantou as duas sobrancelhas, surpresa com o que tinha ouvido.

— O quê?

Dei um breve riso. Ela ficava engraçada quando estava tão surpresa

quanto naquele momento. Levantei rapidamente e fiquei sentada. Ela fez o mesmo e ficou me olhando, confusa.

— O que vocês fazem para passar o tempo aqui? É tão entediante... — perguntei, mudando de assunto.

Ruckia ficou em silêncio por um momento, quem sabe procurando entender o que se passava em minha mente. Quanto a mim, eu só tentava aceitar o que já sabia. O líquido ao pé da porta, os sumiços de Vladimir... tudo já tinha me feito perceber o que acontecia, mas, quando o que acontece

não é considerado natural, é difícil aceitar.

— Nós jogamos xadrez, assistimos algum filme de terror, lemos algum livro. À noite, gostamos de observar as estrelas no céu... — respondeu baixo.

— São coisas tão comuns — Eu falei, interrompendo-a. — Pensei que vampiros faziam coisas mais legais!

— Tipo o quê?

— Tipo participar de guerras, reuniões com clãs, tramar planos contra

clãs inimigos, matar lobisomens...

Ruckia riu.

— Nós não matamos lobisomens, eles não são uma ameaça para nós e nem nós para eles. Só os matamos se eles se meterem em nossos negócios, como a qualquer outro ser sobrenatural que ficar em nosso caminho — explicou.

— E quanto às outras coisas? Vocês não fazem nada disso?

— O resto, nossos pais se encarregam de realizar, mas nós também participamos de reuniões de clãs. Aliás,

haverá uma reunião dessas amanhã, na sede dos vampiros.

Fiquei surpresa.

— E eu posso ir nessa reunião também? — perguntei, curiosa para saber como seria uma reunião dessas.

— Tu és um dos motivos desta reunião.

O quê?

Ruckia viu a confusão estampada em meu rosto e explicou:

— Tu és uma bruxa, Isabell, mas não era para ter nascido sendo uma, pois

seus pais eram vampiros. Há uma profecia que fala sobre uma grande feiticeira que mudará o nosso mundo, acabando com a maior guerra que acontecerá...

— E você acha que a feiticeira de que a profecia trata sou eu?

Ela assentiu. Revirei os olhos.

— Está errada. Estão todos errados.

Alguém bateu na porta.

— Entre — falei.

A porta foi aberta e logo em

seguida Klaus apareceu. Ele estava sem o chapéu na cabeça, deixando o cabelo loiro meio despenteado à vista. Ele estava muito sexy assim.

— Mais calma? — perguntou, sem me olhar nos olhos.

Demorei um pouco para responder e então disse:

— Sim.

Seu olhar encontrou o meu e permaneceu por alguns segundos.

— Bem, acho que agora que estás mais calma, posso me arriscar a deixá-

los conversar em particular — Ruckia disse, quebrando o silêncio e já deixando o quarto.

Assim que ficamos sozinhos, Klaus fechou a porta e a trancou. Não sei por que ele fez isso, mas não me atrevi a perguntar. Ele ficou de frente para mim e apoiou as costas na porta enquanto me encarava.

— Bem, agora que tu sabes de tudo, me diga o que achas do nosso casamento.

Minha mente ficou em branco. O

que é que eu ia falar se nem tinha pensado direito no assunto?

— Eu não sei o que achar. Eu nunca pensei muito em me casar um dia, nem em ter filhos...

Um canto da boca de Klaus se ergueu formando um meio sorriso.

— Então, pensas em termos filhos? — perguntou com malícia na voz.

Eu ignorei o modo como ele fez a pergunta e me concentrei em achar uma resposta.

— Talvez eu queira um dia...

— Eu quero ter uns cinco — Ele disse.

Eu arregalei os olhos, tamanha a surpresa que tive.

— Não vou parir cinco filhos! Teremos dois, no máximo — falei, cruzando os braços.

Klaus mordeu o lábio e me olhou com ainda mais malícia. Aproximou-se, ficou na minha frente e curvou-se para deixar o rosto da mesma altura que o meu. Fiquei tão surpresa e sem reação

com sua aproximação que meus olhos se arregalaram ainda mais, faltavam só pularem para fora.

— Tu acabaste de dizer que teremos dois filhos juntos, então isso quer dizer que pensa na possibilidade de nos casarmos — concluiu.

Eu abri a boca para negar, nem tinha reparado que, com aquela frase, tinha concordado com o casamento, mas logo eu a fechei novamente, pois os dedos de Klaus tocaram meus lábios acariciando-os enquanto ele prendia meus olhos aos dele.

— São muito macios —
sussurrou.

— O quê? — perguntei no
mesmo tom.

— Seus lábios. São muito
macios. Tão macios quanto plumas.

Prendi o ar nos pulmões. Ele estava
muito perto e estava se aproximando
ainda mais. O que veio a seguir foi
muito rápido. Klaus me empurrou para
trás fazendo me deitar na cama e se pôs
em cima de mim.

Eu o olhei, assustada.

— Estás tão tensa... —

sussurrou. — Deixe-me deixá-la mais relaxada...

— Klaus, o que está fazendo? — perguntei, quando finalmente consegui dizer algo.

— Estou pensando em fazer coisas com minha futura esposa. — E com isso, selou nossos lábios em um beijo ardente que fez meu corpo incendiar.

Capítulo 11

Isabell

— Pare! — gritei em meio aos beijos.

Klaus era muito hábil com as mãos, tocava-me em vários lugares. Senti quanto sua mão foi abaixando pelo meu rosto, depois meu pescoço, a região de meu colo, e então o vale entre meus seios. Foi aí que dei um tapa em seu rosto. Klaus afastou seus lábios dos meus, porém manteve seu rosto perto.

Sorriu.

— És bem agressiva —
sussurrou — Eu gosto disso, me deixa
mais excitado.

E com essas palavras, ele abaixou
meu decote do lado esquerdo e deixou
um de meus seios à mostra. Uma breve
convulsão de prazer se iniciou em meu
corpo quando seu lábio tocou o meu
mamilo. Gemi baixinho e fechei os
olhos.

— Assim... — ele sussurrou e
começou a me tocar com a língua. —
Fique bem relaxada...

Eu mal percebi quando ele abaixou mais o decote do vestido e deixou o outro seio à vista. Esse, ele abocanhou enquanto segurava o outro e dava-lhe leves apertos.

Eu não sabia muita coisa sobre sexo, só havia aprendido o lado científico em relação ao assunto, o que me deixava completamente inexperiente na cama.

— Klaus... — sussurrei quando comecei a sentir meu corpo ficar trêmulo — Isso é... tão bom...

Eu tinha certeza de que ele estava sorrindo quando disse:

— Bom será quando eu estiver dentro de ti.

Aquelas palavras transbordando de malícia me acordaram. *O que estou fazendo?* pensei.

A primeira reação que tive, então, foi chutar Klaus em seu ponto mais sensível.

— Ai! Isso dói, Isabell — ele gritou, saindo de cima de mim — Eu posso ser um vampiro, mas ainda assim

tenho partes muito sensíveis!

Eu rapidamente me levantei e arrumei o decote do vestido.

— Não toque mais em mim —
gritei não muito alto.

— Mas por quê? — ele
perguntou, parecendo confuso. —
Estava tudo prosseguindo tão bem! Tu
estavas...

— Eu não estava nada! — falei,
cortando-o. — Agora saia!

— Mas...

Estiquei o braço e apontei para a

porta.

— Saia! — falei novamente e, dessa vez, eu o olhava diretamente nos olhos

Ele bufou, me olhou uma última vez e se foi.

Eu estava cada vez mais confusa com meus sentimentos em relação a Klaus. Eu não sabia se minha raiva era pelo que acontecera mais cedo ou pelo

ocorrido há poucos minutos. Permaneci no quarto por algumas horas, sentada na cama, me arrependendo por deixar que Klaus tivesse chegado a tal ponto.

Alguém, então, bateu na porta.

— Quem é? — perguntei, esperando que não fosse um certo vampiro sexy que estava me deixando louca em mais de um sentido.

— Isabell... — Uma voz feminina me chamou. — Sou eu, Helena. Posso entrar?

— Pode. Claro que pode —

respondi.

A porta foi aberta e Helena entrou no quarto. Ela estava mais bonita que o normal, usava um vestido cinza-escuro com detalhes de renda preta no decote, mangas e saia. Estava com um colar repleto de pedras negras que brilhavam a cada movimento e tinha o longo cabelo escuro solto para trás.

— Como estás, querida? — ela perguntou, doce como sempre.

— Bem — menti.

Helena sorriu, satisfeita com a

minha resposta.

— Só vim para avisar-te que meu marido e eu vamos precisar sair com tua irmã. Nós dois deixaremos Ruckia na casa de seu noivo e, em seguida, vamos a um jantar com uns amigos.

Noivo? Ruckia não me contara de nenhum noivo. Eu ia perguntar a Helena sobre aquela história, mas decidi deixar para outra hora.

— Então, eu vou ficar com Klaus e Vladimir até vocês chegarem? — perguntei, pedindo uma confirmação.

Helena assentiu.

— Que horas vocês acham que chegarão, mais ou menos? Meia-noite? Uma hora?

— Talvez umas quatro ou cinco — ela respondeu.

Uni as sobrancelhas.

— Nós não os vemos há muito tempo, então a conversa será um pouco longa — justificou.

Assenti, evidenciando que tinha compreendido.

— Hum...

— Vais ficar bem? — ela perguntou, preocupada.

— É claro — falei, tentando ser convincente.

— Ótimo! Quando quiser jantar, fale com Klaus e ele irá preparar tua comida.

O quê?

— Mas e Gub e Bug?

— Eu os mandei para a cama mais cedo, assim como Féxia. — Ela, então, se aproximou e pôs-se na minha frente. — Então, era só isso. — Beijou

minha testa como modo de demonstrar afeto e disse: — Tenha um boa-noite, meu anjo.

Eu lhe dei um pequeno sorriso procurando retribuir o gesto de carinho e sussurrei:

— Uma boa-noite para ti também.

Helena sorriu e deixou o quarto.

Ótimo! pensei comigo mesma. *Vou ficar sozinha com um noivo pervertido e um irmão que não vou com a cara de jeito nenhum.*

Suspirei.

Meia hora mais tarde, deixei o quarto e caminhei pelo corredor. A casa estava escura em sua maior parte — como sempre — , porém o lustre do salão principal estava aceso, deixando a beleza do lugar ainda mais visível aos olhos.

Chegando à sala de estar, eu estranhei não ter visto Klaus ou o irmão em nenhum lugar ainda ou nem sequer ter escutado o som de suas vozes. Ao entrar no espaço escuro, notei o fogo ardendo na lareira, me sentei em um sofá e a encarei. Aquela noite estava fria,

porém aquela lareira a deixava maravilhosamente confortável.

— Buh! — alguém gritou em meu ouvido dando me um susto.

— Seu idiota! — gritei quando vi que era Klaus atrás de mim.

Ele riu. Eu fiz uma carranca.

— Ainda encontra-te brava, meu amor? — ele perguntou, fingindo-se confuso.

— É claro! — gritei.

— Não fique! Vamos passar a noite toda só nós dois juntos e não quero

que fiques com essa careta em teu belo rosto.

Ergui uma sobrancelha.

— Como assim, só nós dois? Tua mãe disse que Vladimir também ficaria conosco esta noite. Onde ele está?

Klaus uniu suas sobrancelhas.

— Vladimir está em casa? — Ele parecia realmente confuso sobre aquilo. — Eu não o vi em nenhum lugar depois que o resto da família saiu. Ele deve ter ido resolver seus misteriosos assuntos.

*Ótimo! Estamos eu e meu noivo
pervertido sozinhos numa casa imensa.
O que poderá acontecer?*

— Tome. — E me jogou um
casaco. — Vista isso.

— Pra que vestir isso?

— Lá fora está frio. Vai precisar
dele.

— Lá fora? O que vamos fazer
fora de casa?

— Por acaso tu já viste o céu à
noite neste mundo? — ele perguntou.

Eu neguei com a cabeça.

— Ótimo! Irá ver hoje.

Curiosa, vesti o casaco já imaginando o que poderia haver no céu de lá fora para Klaus estar tão ansioso em me mostrar.

Klaus e eu nos dirigimos à entrada da casa, que era logo depois do salão principal, e ficamos em frente a uma enorme porta de ferro.

— Feche os olhos — Klaus me pediu antes de abrir a porta.

— O quê? Não!

— Por favor, Bell.

Levantei uma sobrancelha.

— Prometo que vai gostar do que vai ver! — ele disse, confiante.

Eu refleti um segundo sobre aquela situação e resolvi aceitar seu pedido. Com os olhos fechados, escutei Klaus abrir a porta. Uma rajada de vento frio provocou-me arrepios. Klaus me puxou pela mão e me levou para a frente. Eu senti o que parecia ser grama embaixo dos meus pés descalços.

— Não abra os olhos ainda! — falou.

Ele me puxou para a frente por mais de dez passos e então me soltou.

— Pode abrir agora — sussurrou em meu ouvido.

Quando abri os olhos, encontrei Klaus na minha frente, olhando para cima e sorrindo. Ao seguir seu olhar, encontrei a coisa mais bela que já vi na vida. Sobre nossas cabeças, havia um céu incomum, repleto de estrelas. Eram milhares e milhares, realmente muitas e de vários tamanhos, brilhando intensamente e iluminando a noite. Para se ter uma ideia, aquelas estrelas

brilhavam tanto que o brilho da lua quase era ofuscado por elas.

— É lindo, não é? — Klaus sussurrou.

— É incrível — respondi.

Ele abaixou a cabeça para me olhar. Fiz o mesmo, então.

— Quer deitar na grama? Se fizer isso, vai conseguir vê-las muito melhor — falou.

Eu assenti e me abaixei. Nós dois nos deitamos na grama lado a lado e fitamos o céu.

— É a visão mais linda que já tive na vida — admiti. — Eu nunca vi nada assim antes.

— Eu quero ver a tua cara quando as chuvas de verão começarem... — ele comentou.

Eu virei o rosto para encará-lo.

— Por quê? O que têm as chuvas de verão de tão legais assim?

Ele me encarou também e deu um pequeno sorriso.

— Logo saberás.

Com aquelas palavras em minha

mente voltei minha atenção para aquele céu maravilhoso e o admirei um pouco mais. Ficamos ali deitados por mais de uma hora, admirando aquela linda visão em silêncio, até eu me virar a Klaus e dizer-lhe:

— Obrigada por me mostrar isso.

— Esse é o meu modo de lhe pedir desculpas por ir muito rápido mais cedo — sussurrou.

— Está perdoado — sussurrei de volta.

Estava tudo perfeito. Aquele céu,

à noite, Klaus e eu, mas em algum momento eu tive a sensação estranha de que alguém nos observava em algum lugar perto dali.

Naquela noite eu achei que estava enganada por sentir aquilo, mas mais tarde eu descobriria que não.

Capítulo 12

Isabell

Ainda naquela noite Klaus fez um maravilhoso prato de lasanha para mim.

Eu perguntei como ele sabia cozinhar tão bem e ele respondeu:

— É o dever de um futuro marido cuidar de sua esposa, incluindo providenciar sua alimentação.

Eu nem falei mais nada sobre aquele assunto depois daquela resposta. Tenho certeza de que minhas bochechas coraram naquele momento. Jogamos xadrez logo depois do jantar. Ganhei três partidas e Klaus uma. Eu até desconfiei de que ele estava me deixando ganhar. Fui dormir quase uma da manhã ali mesmo na sala

de estar, deitada no sofá com a cabeça no colo de Klaus.

Acordei no outro dia em um pouco mais da metade da manhã. Estava na minha cama. Tentei recordar-me de como chegara ali, já que tinha certeza de que adormecera no sofá. Então, lembrei-me de sentir um par de braços me segurando em algum momento da noite passada. Concluí que meu futuro esposo, sendo muito atencioso, me trouxe até meus aposentos e me pôs na cama.

Boa parte daquele dia é como um borrão. Lembro-me de que Ruckia só

chegou umas duas horas depois do almoço com uma mulher de cabelos castanho-claros, que segurava três rolos de tecidos de cores diferentes, além de uma bolsa enorme nos ombros.

— Bell, minha irmã, esta é a nossa costureira, Claire. Ela fará teu vestido hoje.

No quarto, enquanto eu tirava o vestido que estava usando e Claire espalhava seus instrumentos de costura sobre a cama, eu perguntei a elas:

— Não acham que não vai dar

tempo para fazer o vestido tão em cima da hora? Quero dizer, deveríamos tê-lo começado...

— Não se preocupe com isso, minha querida. Com um pouco de magia, seu vestido estará pronto em poucos minutos! — Claire respondeu.

Eu a olhei, espantada.

— Você é uma bruxa?

Ela sorriu para mim e assentiu com a cabeça.

— Assim como tu — ela disse.

— Ruckia te contou o que sou?

Mas... — perguntei, olhando para minha irmã.

— Não precisou. Eu senti sua magia assim que entrei nesta casa. És muito jovem e muito poderosa, minha criança.

— Poderosa? — Ri. — Não sei nem como se usam meus poderes! Se é que eu realmente os tenho...

Claire olhou para Ruckia.

— Ela ainda não possui um professor de magia? — perguntou à minha irmã.

— Estamos à procura de um.

— Eu posso lhes recomendar uma amiga minha.

— Ótimo! Depois discutiremos sobre isso com meus pais. Vou saindo agora para deixá-las trabalharem.

E com isso, Ruckia se retirou.

Eu já estava só de roupas íntimas quando Claire se aproximou e começou a tirar minhas medidas. Eu me perguntei como ela faria aquele vestido em tão pouco tempo, mas alguns segundos mais tarde descobri a resposta.

Claire estalou os dedos duas vezes seguidas, e então, os objetos espalhados pela cama começaram a mover-se pelo ar. Agulhas ganharam vida, assim como os carretéis de linha e o tecido.

O tecido deu uma volta sobre meu tronco antes da tesoura o cortá-lo. A linha, branca como o tecido, passou pela cabeça da agulha e, então, meu vestido começou a ser costurado.

— Isso é muito legal — falei, fascinada, enquanto observava os objetos em ação no ar.

— Tu ainda não viste nada —

Claire disse.

Logo a saia do vestido também começou a ser costurada e unida à parte do tronco.

— Você pretende pôr mangas longas, médias ou curtas? — perguntei, olhando para a mulher à minha frente.

— Não farei mangas, acho que tu ficarás melhor com um tomara que caia e um decote reto. — respondeu ela enquanto olhava para o vestido em meu corpo.

— Por que reto?

— Tu tens seios um tanto fartos, acredito que o decote reto os valorizará.

Cerca de cinco minutos depois um lindo vestido branco estava praticamente feito. Eu até pensei por um momento que estava parecendo uma noiva.

— Agora, faltam os detalhes — Claire disse, caminhando para um dos guarda-roupas, de onde tirou um lindo corpete preto, de renda.

— Como sabia que isso estava aí? — perguntei, desconfiada.

— Eu sabia porque fui eu quem o colocou aqui, há mais ou menos dois meses, para quando tu chegasses e precisasses usá-lo. Agora, vamos ver como fica em ti.

Ela pôs o corpete sobre o vestido e o amarrou na parte central da frente.

— Como ficou? — perguntei quando ela terminou de amarrá-lo.

— Espere aí... — E se afastou, andando para trás. — Está perfeito. Olhe no espelho.

Eu fiz o que Claire pediu e me pus

em frente ao enorme espelho da penteadeira. O vestido tinha ficado lindo. O branco do tecido deixava que o corpete se destacasse e chamasse a atenção, não somente pela, mas pela renda, que era maravilhosa.

— Ficou perfeito mesmo — sussurrei.

— Meu trabalho está feito.

Eu sorri pra Claire quando nossos olhares se encontraram no espelho. Eu me virei para agradecer a ela, mas, para minha surpresa, Claire tinha

desaparecido.

A hora de ir à reunião finalmente chegou. Ruckia tinha feito um penteado em meu cabelo, um tipo de coque um pouco acima do centro da cabeça com adereços de pedrinhas de brilhantes. Eu me arrumava, já tinha posto o vestido e luvas curtas de renda negra. Estava quase pronta quando alguém bateu na porta.

— Isabell. — A voz de Klaus me chamou. — Posso entrar?

— Sim — respondi, enquanto

me sentava na cama para começar a colocar um par de sapatos preto.

Klaus abriu a porta e entrou. Meu queixo caiu. Como ele estava gato! Estava usando calça e paletó preto, faixa de cetim na cintura, camisa branca, gravata-borboleta, meia social, sapatos sociais solados em couro e verniz preto. Para completar o visual perfeito, seu cabelo estava penteado para trás.

— Uau! — falei, olhando-o de cima a baixo.

— O quê? — ele perguntou,

estranhando o que eu havia dito.

— Você está um gato! — eu disse, enfatizando a última palavra.

Ele sorriu.

— Eu vim para lhe dar um presente, que quero que use hoje — falou, abrindo uma pequena caixa preta que, até aquele momento, eu nem havia percebido que ele estava segurando. Dentro da pequena caixa havia um colar todo empedrado, de cor preta, desde uma ponta à outra.

— São pedras negras, raras em

nosso mundo, chamadas de negreiras.

— Nossa... — sussurrei, impressionada com a beleza da joia. — Isso é para mim mesmo?

Klaus assentiu.

— Pode me dar a honra de colocá-lo em ti? — ele pediu.

Completamente corada com seu pedido feito de modo tão fofo, me levantei da cama e fiquei de costas para ele. Klaus se aproximou e pôs o colar em meu pescoço. Era pesado e estava muito frio, causando-me um pequeno

choque ao tocar minha pele quente.

— Pronto — Klaus sussurrou em meu ouvido causando-me deliciosos arrepios.

Virei-me para ele.

— Estás linda.

Sorri, um pouco corada. Depois de eu terminar de calçar meus sapatos, nós descemos e esperamos pelos outros no salão.

Ruckia apareceu no fim da escada com um vestido que eu não sabia se era roxo ou azul-escuro. Seu cabelo estava

solto, jogado todo pelo ombro esquerdo, e ela usava um par de brincos compridos, dourados.

— Isabell! — ela gritou assim que me viu ao pé da escada. — Estás deslumbrante!

No instante seguinte, Ruckia estava diante de mim com um enorme sorriso no rosto.

— Belíssima!

Helena e Festus também apareceram na escada. Festus estava arrumado do mesmo modo que Klaus e

Helena usava um vestido de seda, estilo sereia, cor de vinho e muito elegante. Tinha o cabelo solto, completamente liso, usava um batom vermelho e um colar que parecia ser de brilhantes.

— Ah, minha querida Isabell! — ela disse, sorrindo pra mim. — Como estás magnífica!

Helena veio até mim com Festus sempre ao seu lado e encarou a Klaus e eu.

— Ambos estão perfeitos.

— Estás belíssima, minha querida

— Festus me disse com um sorriso.

— Obrigada, pai — agradei, olhando-o em seus olhos azul-escuros.

Senti que todos os olhares ali estavam em mim por ter dito a última palavra. Festus abriu a boca para dizer algo, mas foi interrompido por Vladimir antes mesmo de começar. Ele estava vestido do mesmo modo que os outros dois homens da casa e descia os primeiros degraus quando disse:

— Minha querida irmã caçula, como estás bela esta noite!

Algo no modo como Vladimir disse aquelas palavras não me agradou, eu realmente não ia com a cara daquele ser.

— Bem, agora que já estamos todos aqui, podemos ir? — Ruckia perguntou olhando para os pais.

— Sim — Festus respondeu.

— As carruagens chegaram.

Todos nós nos dirigimos à saída e quando eu finalmente passei pela porta é que notei que na noite passada eu não havia percebido como era o lugar em

volta de onde os Durand moravam, já que eu estava ocupada demais observando o céu.

Olhei para cada canto que consegui guardando o máximo de informações na mente. O quintal da casa era gigantesco e tinha um terreno com grama, árvores com troncos compridos, lisos e negros de folhagem azul-marinho, mais árvores cercando o local que lembravam às do mundo comum e um caminho largo feito de pedras, que levava para além do que parecia ser uma floresta ao longe.

Em minhas observações, logo

notei também as carruagens que nos aguardavam alguns metros à frente que, por sua vez, eram muito chamativas, não só por serem ricas em detalhes do que parecia ser ouro, mas por causa dos seres que a puxavam. Cada carruagem era puxada por dois seres que andavam sobre quatro patas, tinham o corpo brilhante e luminoso como as estrelas, pequenos olhos e orelhas pontudas, focinhos largos que soltavam fumaça branca o tempo todo e rabos escamosos. As criaturas me lembravam brevemente dragões e eram muito belas. Helena,

Festus e Ruckia entraram na carruagem da frente e Klaus, Vladimir e eu entramos na de trás.

A viagem demorou uns quinze minutos que pareceram uma eternidade pelo silêncio que se manteve dentro do transporte. Klaus estava olhando a vista por uma janela e Vladimir por outra, enquanto eu ficava olhando para o nada, sentada no meio dos dois.

Quando finalmente a carruagem parou, um homem de cabelos grisalhos, porém jovem na aparência, abriu a porta para nós sairmos.

A primeira coisa que vi enquanto descia do transporte foi uma mansão cinza do mesmo tamanho da casa dos Durand, uma fonte à nossa frente com água jorrando da boca de um anjo negro e rosas vermelhas cercando o local, que estava bem iluminado. Vladimir logo nos deixou e dei a volta no braço de Klaus antes de entrarmos.

Antes que aquelas portas fossem abertas para entrarmos, senti um calafrio tomar-me o corpo e de algum modo eu soube que algo ali estava errado.

Capítulo 13

Isabell

As portas foram abertas e nossa família entrou. O lugar estava muito cheio, e meio mundo naquele salão bem iluminado, enquanto conversava, segurava uma taça do que, eu tinha certeza, era sangue. Todos pareciam muito elegantes, incluindo as crianças. Logo alguns começaram a sussurrar entre si algo

como “a família Durand chegou” e “a garota com eles, é ela mesmo?”

— Estão falando... de mim? — sussurrei para Klaus.

— Sim — ele respondeu.

Logo todos os olhares estavam sobre mim enquanto os murmúrios aumentavam.

— Não fique nervosa — Klaus disse, quando percebeu que eu estava tremendo.

— É tarde demais para isso.

Enquanto todos da nossa família

caminhavam mais para dentro do espaço, uma mulher de cabelo vermelho-fogo se aproximou de nós e sorriu:

— Meus queridos! Que Saudades! — ela disse com um enorme sorriso no rosto.

Ela abraçou Helena e Festus, Ruckia e Vladimir, e em seguida Klaus. Eu notei que ela demorou alguns segundos a mais abraçando Klaus, o que me fez sentir... ciúmes.

— Também sentimos sua falta,

Liandra — Ruckia disse.

A mulher me olhou e levantou as sobrancelhas.

— E esta só pode ser Isabell! — disse, me dando um abraço.

Ela cheirava a perfume, mas que me pareceu bem enjoativo.

— É um prazer conhecer a noiva do meu melhor amigo — Liandra disse, sorrindo pra mim

Aposto que era um sorriso falso. Sorri de volta.

— Vocês são melhores amigos?

— perguntei, olhando para Klaus.

Liandra assentiu.

— Aposto que ele deve ter falado de mim para ti. Nós passamos quase toda a nossa infância nos divertindo enquanto caçávamos animais selvagens.

Eu ri por dentro. Aquele velho truque de amiguinhos de infância para fazer ciúmes. Por isso, fui direta na resposta.

— Na verdade, ele nunca me falou de ti. Eu nem sabia que você existia antes deste momento. Vai ver é

porque estamos muito ocupados fazendo coisas de noivos, não é querido? —E olhei para Klaus com meu olhar mais carinhoso.

Por sua expressão de confusão, logo vi que ele estava surpreso com meu comentário.

— Pois é — ele disse, concordando. — Estamos muito ocupados ultimamente.

Liandra não mostrou desapontamento e continuou sorrindo quando disse:

— Os dois formam um casal muito belo.

— Obrigada, mas já sabemos disso — falei, já sem paciência para continuar aquela conversa.

Sem dizer mais nada, segurei a mão de Klaus e o puxei para longe. Havíamos andado até o outro lado daquele salão até ele me parar e perguntar:

— O que foi aquilo?

— O que foi o quê? — perguntei, sem entender sua pergunta.

— Tu. Tu foste tão grossa com ela... — ele disse.

— Você queria que eu fosse meiga com alguém que estava me fazendo ciúmes falando da infância maravilhosa com meu noivo? — Cruzei os braços.

— Ela não estava fazendo isso!

Revirei os olhos.

— Ah, estava sim! Você é que é muito inocente para perceber isso, querido.

— Por que estás me chamando

disso?

— Chamando de quê? De querido?

Ele assentiu.

— Você não gosta? Estou sendo carinhosa com você — falei, começando a corar.

Ficamos ambos em silêncio.

— Licença! — Um casal falou, se aproximando de nós.

O homem era alto, tinha cabelos pretos, pele pálida e olhos púrpura, e a mulher era morena de pele, de cabelos

também negros e olhos amarelos.

Eu, hein!, pensei olhando aqueles olhos exóticos, porém bonitos.

— Desculpe chegarmos assim, mas... — o homem começou.

— És tu mesmo aquela de que fala a profecia? — a mulher perguntou.
— És tu que salvarás nosso mundo?

— Foi o que me disseram, mas não faço a mínima ideia — respondi, nervosa.

Ela sorriu para mim.

— É um imenso prazer conhecê-

la — disse, apertando minha mão e sorrindo para mim.

— O mesmo — sussurrei.

— Eu ainda nem acredito que estou a falar contigo! Sabias que há muitas histórias sobre ti? Sobre como tua magia é poderosa e como podes derrotar qualquer um que se atrever a ficar em teu caminho...?

Ergui as sobrancelhas.

— Estou bem longe de ser o que essas histórias dizem — falei, sendo sincera.

Não sei se Klaus percebeu que eu não estava me sentindo bem com aquela atenção toda, mas ele logo disse:

— Minha noiva e eu precisamos nos retirar um pouco para termos uma conversa particular. Logo estaremos de volta.

Sem esperar por uma resposta do casal, Klaus pegou minha mão e me levou para um corredor ali perto. O corredor estava bem iluminado por um lustre e tinha a mesma decoração de paredes e teto brancos com o chão de madeira escura envernizada.

— Obrigada — agradecei enquanto caminhávamos, ainda de mãos dadas.

Klaus parou de repente no meio do corredor e virou se para o lado oposto de onde eu me encontrava. Ali havia uma escada não muito larga entre duas paredes.

— Venha — ele disse, puxando-me pela mão.

— Aonde estamos indo? — perguntei enquanto subíamos.

— Para um lugar mais reservado.

Ele continuou me puxando até um pequeno corredor na parte de cima, que estava todo apagado. Abriu uma porta e me colocou para dentro. Eu não estava enxergando praticamente nada pois o lugar estava escuro e só escutei quando a porta foi fechada.

— Klaus, o que está... — Não pude terminar de falar pois minha boca foi calada pela dele.

— Eu estava louco para fazer isso... — ele disse em meu ouvido e depois beijou meu pescoço. — E isso aqui também. — Em seguida, deu

mordidinhas na minha orelha. — E isso também...

Gemi. Meu corpo começou a se acender, desejando aquele toque.

— Céus, Isabell! Tu estás me deixando louco! — Ele disse enquanto sua mão descia até a barra do meu vestido. — Quando vais fazer amor comigo?

Sua boca desceu até o começo do vale entre meus seios e beijou-me. Eu já estava tendo um ataque de tanto que meu corpo pegava fogo.

— Deixe-me possuí-la aqui, Isabell? — ele implorou enquanto puxava a barra do vestido para cima e colocava a mão por baixo, tocando em minhas coxas.

— Agora? — perguntei, arfando.

Klaus foi subindo a mão por baixo do vestido... e subindo... quando faltava tão pouco, escutamos gritos vindo lá de baixo.

— Algo está acontecendo — Klaus disse, arrumando minha roupa.

— O que é? — perguntei,

alarmada.

— Eu não sei. Venha. — No escuro, ele puxou minha mão e saímos do quarto.

Descemos as escadas rapidamente e corremos até o salão. Quando chegamos, no topo da escada principal vimos uma mulher de cabelos soltos, meio suja, gritando:

— Onde ela está?

Muitos dos vampiros no salão estavam alarmados. Havia uma outra mulher na porta de entrada bloqueando a

saída e procurando por alguém.

— São bruxas. Bruxas de magia negra — Klaus falou — E estão procurando por ti.

— O que elas querem comigo?
— perguntei.

— Eu não sei, mas boas coisa não deve ser. Vamos...

Ele me puxou para o corredor atrás de nós e nos levou a uma sala meio empoeirada. Klaus soltou minha mão e se aproximou da enorme lareira apagada, apertou um dos tijolos da parte

de cima, que logo se afundou na parede. Uma passagem secreta se revelou no lugar onde antes era a parede do fundo da lareira.

— Que negócio mais show!

— falei, surpresa. — pensei que isso só existia em filme!

— Entre logo! Não podemos perder tempo. Tenho que te tirar daqui!

— Mas e a sua família? — perguntei, lembrando-me dos outros.

— Eles vão ficar bem, todos vão. Tudo o que as bruxas querem é te ter.

Respirei fundo e entrei pela passagem. A parede atrás de nós se fechou deixando tudo escuro. Continuei andando e logo vi que luzes começaram a acender se acima de nós.

— Mais rápido, Bell! — Klaus disse atrás de mim.

Segurei meu vestido e tentei ser o mais rápida que pude, mesmo com os saltos gigantescos que eu usava. Depois de uns três minutos chegamos a uma porta branca, meio descascada. Klaus pôs a mão por dentro da gola de sua blusa e tirou do pescoço um cordão com

uma chave.

— Como tinha a chave dessa porta? — perguntei, enquanto ele girava a chave e destrancava a porta.

— Todos os vampiros têm.

Assim que ele abriu a porta, nós dois saímos. Estávamos provavelmente na parte do fundo da sede e começava a chover.

— Vamos — ele disse, segurando novamente minha mão.

Começamos a correr, mas logo paramos quando percebemos que não

muito ao longe havia alguém parado que nos observava. Eu não vi o rosto do ser, mas vi seus olhos vermelhos e brilhantes olhando para nós.

— Aonde é que o caszinho acha que está indo? — a criatura de voz feminina perguntou.

A chuva piorou e não muito atrás do ser um raio caiu com um som estrondoso e iluminando as feições do ser. Isso me deixou ainda mais nervosa do que já estava. Era uma mulher com um vestido que mais parecia feito de trapos, seu cabelo estava arrepiado e se

movendo lentamente no ar como quando o cabelo se move quando caímos na água. Seu rosto belo tinha uma cicatriz enorme que ia desde a testa ao pescoço e ela sorria para nós.

— Você deve ser Isabell, não é?

— o ser perguntou — Eu vim lhe buscar.

Capítulo 14

Isabell

A mulher estendeu a mão, me chamando.

— Venha para mim, querida —
ela disse.

Por mais estranho que pareça, era
isso que eu queria fazer. Eu sentia uma
enorme necessidade de ir até ela.
Segurei a mão de Klaus bem forte.

— Klaus, algo está errado, eu
quero...

— Eu sei o que essa bruxa está
fazendo, ela está usando o vínculo da
raça de vocês para atrair-te até ela! —

ele disse — Resista, Isabell!

— Cale a boca, seu sanguessuga!

— ela gritou para ele. — Isabell, venha!

Eu entrei em guerra comigo mesmo naquele momento. Estava fazendo o máximo para resistir àquela vontade absurda.

— Nós temos que sair daqui — Klaus sussurrou.

Eu me desviei por um segundo do olhar daquele demônio à nossa frente para encarar Klaus, que parecia

apavorado. Quando voltei a olhá-la, ela estava caminhando em nossa direção. Eu não sabia o que fazer naquele momento, porque, mesmo que eu tentasse correr, tinha certeza de que minhas pernas não iriam sair do lugar de tão assustada que eu estava.

— Venha, minha criança —
aquele demônio disse, mantendo a mão estendida para mim.

Ela estava cada vez mais perto, e eu cada vez mais nervosa. Não tinha ideia do que precisava fazer. Eu estava entrando em pânico. Estava com tanto

medo e tão nervosa que apenas senti algo emanar de mim para o ar à minha volta.

A chuva parou. Repito, ela parou. Ela não cessou. Digo que parou porque as gotas pararam de cair, porém não quando chegaram ao chão, mas sim no próprio ar. Várias e várias bolinhas de água estavam paradas no ar à nossa volta.

A mulher parou a uns vinte passos de nós, assustada. Os raios também haviam parado de cair. O silêncio reinou por uma fração de tempo.

— Vamos — Klaus sussurrou

— Agora.

Eu mal tive tempo para raciocinar depois de suas palavras, pois no instante seguinte Klaus já estava agarrado a mim, me segurando bem forte pela cintura. Depois, eu só vi borrões por quase meio minuto até minha visão voltar ao normal e eu perceber que já não nos encontrávamos mais no fundo da sede e sim em frente a um portão de ferro entre enormes muros. O portão preto se abriu de repente e Klaus me puxou para dentro, onde pude ver uma enorme casa

verde-abacate alguns metros à frente.

— Onde estamos? Como viemos parar aqui do nada? — perguntei tão rápido que quase não entendi o que eu mesma estava falando.

Estávamos perto da entrada quando Klaus disse:

— Respondendo à sua segunda pergunta: eu aproveitei que aquela praga se distraiu com o que tu fizeste e nos trouxe para cá.

— O que eu fiz? — Uni as sobrancelhas. — Está dizendo que foi

eu quem fez a chuva parar?

Ele assentiu.

— E respondendo à tua primeira pergunta: estamos na casa da família de bruxos Dornell.

Klaus continuou a puxar-me pela mão sem dizer mais nada e me levou até a porta da entrada da enorme casa. Ele deu duas batidas na porta e esperou.

— Eu não entendo. Se tem bruxas me perseguindo, então por que me levar a uma casa de bruxos? — perguntei, enquanto minha mente se enchia de

pontos de interrogações.

— Os Dornells são uma família de bruxos da nossa confiança. Já havíamos planejado que eles seriam teu refúgio, caso algo como o que aconteceu hoje viesse a acontecer.

A porta foi aberta e uma garota pálida, de cabelos cacheados bem longos e brancos, apareceu e sorriu quando nos viu.

— Mestre Klaus — ela disse, abrindo a porta e em seguida se curvando para meu noivo. — Entre,

entre!

Klaus entrou na casa e me puxou pela mão.

— Emily, onde estão teus pais?

— ele perguntou à garota.

— Estão lá em cima, no segundo andar, na sala silenciosa — ela respondeu enquanto fechava a porta.

Eu estava impressionada com a beleza exótica de Emily. A garota não só tinha os cabelos mais diferentes que já vi em toda minha vida, como também tinha os olhos azuis como estrelas, além

dos lábios e bochechas rosados.

— Pode nos levar lá? — Klaus lhe pediu gentilmente.

— Será um prazer — ela disse, fazendo uma breve reverência para ele.

Seguimos pela casa, até chegarmos diante de duas escadas de vidro, uma do lado da outra. Subimos pela escada do lado esquerdo e caminhamos mais um pouquinho até chegarmos em uma sala de estar toda bagunçada.

Eu fiquei maravilhada quando vi

dois esfregões se mexendo sozinhos, limpando o chão de um lado do espaço e uma vassoura varrendo cacos de vidro do outro lado.

Chegamos, então, na frente de duas portas de madeira clara, que estavam fechadas. Emily ficou à nossa frente e as abriu.

A primeira coisa que vi quando as portas foram abertas foi um lindo chafariz no centro de uma sala bem iluminada. Então, quando entramos, notei flores azul-escuras em vários locais da sala, de madeira clara

incluindo os cantos, e enroladas nas colunas. Na sala também havia um piano branco com mais daquelas flores em cima, borboletas voando, alguns candelabros nas paredes e almofadas no chão em alguns lugares.

Encontrei uma mulher de cabelo loiro sentada na volta do chafariz, olhando a água que jorrava para cima.

— Mamãe — Emily disse chamando a mulher, que a olhou — , mestre Klaus está aqui com a jovem feiticeira.

A mulher se levantou e caminhou em nossa direção, olhando de Emily para Klaus e de Klaus para mim. Ela sorriu e era um sorriso tão lindo quanto o da filha.

— A que devo a visita do filho do meu melhor amigo e da feiticeira dona da profecia mais famosa do mundo sobrenatural? — a mulher perguntou.

— Vou ser direto, Morgan. Lembra do pacto que tu, meu pai e outros mais fizeram? É hora de cumprir a tua parte — Klaus disse, sério.

O sorriso sumiu do rosto da

mulher e ela lhe assentiu.

— Do que precisa?

— Por enquanto, de um lugar para minha noiva e eu ficarmos enquanto nossa família não aparece e não tivermos certeza se é seguro voltar para casa.

Ela assentiu novamente sinalizando que havia compreendido.

— Emily, mostre ao casal o quarto onde vão dormir hoje — Morgan ordenou à filha. — Tem problema vocês dividirem o quarto?

Não temos muitos quartos nesta casa...

— Não tem problema algum. —

Fui rápida em responder. — E muito obrigada por nos deixar ficar.

Ela me abriu um sorriso meigo.

— É um prazer tê-la em minha casa, minha querida. Estão com fome? Posso pedir para que os empregados preparem algo para vocês.

Eu neguei sentir fome. Ainda estava tão transtornada com o que acontecera minutos antes que sabia que não ia conseguir colocar nada na boca.

Klaus fez o mesmo que eu e negou.

— Estamos cansados, mesmo.

— Entendo. Emily, acompanhe-os.

Emily nos levou para o outro lado da casa, passando novamente pela sala que estava bagunçada e com vidro quebrado no chão, porém agora com tudo arrumado e limpo. Não demorou muito para chegarmos à porta do quarto.

— Espero que gostem. Daqui a um minuto trarei roupas para dormirem hoje e para usarem amanhã — Emily

disse reverenciando-nos e em seguida retirando-se.

Entramos no quarto, que era enorme, e logo nos deitamos na cama. Achei o quarto lindo, em outras circunstâncias eu ficaria admirando a bela decoração do lugar, com cores delicadas presentes nas paredes e nos móveis, além dos detalhes em ouro em cada canto.

— Eu não tinha reparado por causa do que nos aconteceu, mas agora percebo que estou cansada — falei, fechando os olhos.

Em silêncio, Klaus começou a tirar meus sapatos dos pés. Eu não disse nada, apenas continuei ali com os olhos fechados, estava realmente muito cansada.

— Deixe-me soltar teu cabelo — ele me pediu em um sussurro.

Eu me sentei na cama ainda de olhos fechados e me mantive em silêncio enquanto Klaus tirava os adereços do meu cabelo.

— É lindo — ele disse.

— Eu também os achei lindos —

falei, achando que estava concordando.

— Não falo dos adereços e sim do teu cabelo. É muito belo. — Alguns segundos depois ele disse: — Pronto.

Passei a mão no cabelo da raiz às pontas, onde encontrei a mão fria de Klaus. Suspirei e apoiei minhas costas em seu peito. Ele beijou minha testa. Alguém bateu na porta.

— Posso entrar? — A voz de Emily perguntou.

Eu me afastei de Klaus, que suspirou antes de responder. Abri os

olhos e pude ver quando Emily entrou no quarto com um pequeno sorriso e se aproximou de nós pondo uma pequena fileira de roupas que tinha nas mãos em cima da cama.

— Eu trouxe os pijamas para os dois e suas roupas para amanhã.

— Obrigado — Klaus agradeceu gentilmente.

Ela se curvou novamente a ele e lançou outro de seus sorrisos simpáticos antes de se retirar. Mexi na pilha de roupas e logo encontrei uma camisola

preta.

— Como é curta! — falei, espantada com o tamanho da peça.

Klaus riu enquanto pegava uma blusa branca simples e uma calça de algodão também branca. Sem avisar, ele começou a tirar o terno do smoking e depois a gravata. Estava tirando a blusa de baixo quando eu falei:

— O que está fazendo?

— Me trocando — ele respondeu enquanto terminava de desabotoar a blusa.

Corei.

— Mas aqui? Na minha frente?

— perguntei, assustada.

— O que é que tem? — E tirou a blusa.

Oh, céus! Klaus tinha um corpo maravilhosamente bem definido. Havia músculos para todos os lados e uma barriga muito bem esculpida. Eu já estava virando um pimentão nesse momento.

— Você é um homem e eu sou uma mulher!

— E tu notas isso agora? — ele perguntou sorrindo enquanto desabotoava o botão da calça.

Eu me virei para o outro lado. Não queria explodir de vergonha.

— Por que escondes o rosto? Não tens motivo para fazer isso.

— Não tenho? — perguntei, olhando para a porta.

— Não. Somos noivos. Quando nos casarmos, tu me verás desse jeito todos os dias depois de acordarmos.

Eu fiquei tão focada na conversa que por um segundo me esqueci que Klaus estava se trocando atrás de mim e me virei para debater com ele cara a cara. Porém, meus olhos ficaram arregalados quando o vi só de cueca, além de ser impossível não perceber o tecido colado em seu membro deixando visível o tamanho. Era enorme. Eu estava dez vezes pior do que um pimentão. Abaixei a cabeça e olhei para as mãos. Ele não reparou que eu o tinha visto porque estava pondo a camisa, o que me deixou mais aliviada.

Peguei minha camisola e corri para o banheiro no fim do quarto sem sequer olhar para ele outra vez. Respirei fundo quando fechei a porta depois de entrar.

Enquanto eu tirava o vestido, a memória de seu corpo bem definido me atormentava. Logo notei que estava ficando calor ali dentro. Pus então a camisola, que além de pequena ficou justa, apertando meu corpo e deixando visíveis minhas curvas.

— Ótimo — falei irônica.

Quando resolvi voltar para o quarto, abri a porta bem devagar e encontrei Klaus já vestido novamente e deitado na cama. Eu abri mais a porta e caminhei para fora do corredor. Klaus me viu me aproximando e bateu com a mão no espaço vazio ao seu lado na cama.

— Estava te esperando, amor — ele disse. — Vem deitar aqui com seu noivo. Teremos uma longa noite hoje.

Capítulo 15

Isabell

Estávamos Klaus e eu deitados na cama. Ambos em silêncio e fitando o teto.

— Boa-noite — eu falei, me virando para o lado da beirada da cama para não ter que olhar para ele.

Acho que uns vinte ou trinta minutos se passaram e eu ainda não tinha conseguido dormir.

— Isabell? — Klaus chamou-me.

— Ainda acordada?

Não falei nada, apenas fechei os olhos. No segundo seguinte, senti uma mão tocar minha cintura e joelhos tocarem a parte de trás dos meus. Klaus estava me abraçando. Mesmo começando a ficar vermelha com sua aproximação inesperada, não vi nada de errado em relação ao seu ato, então me mantive quieta.

— Boa-noite, amor — ele sussurrou em meu ouvido docemente.

— Boa-noite, querido — falei de volta com um pequeno sorriso no rosto.

Piu... Virei para o outro lado.

Piu... piu... Virei para o lado que estava antes.

Piuu...

— Cala a boca! — gritei abrindo os olhos.

A porta da varanda do quarto estava aberta, assim como as cortinas. O sol adentrava o quarto e dava para ver

lá fora pássaros cantando nas árvores ali perto.

Eu me sentei e olhei para a cama. Havia um espaço vazio ali.

— Klaus? — chamei, olhando em volta.

Klaus saiu do banheiro colocando uma jaqueta preta.

— Bom-dia, Bell — ele disse, sorridente.

Antes de eu sequer perceber, já estava lhe sorrindo de volta.

Os olhos de Klaus deixaram os meus

para olhar para baixo. Procurando saber o que chamara sua atenção, segui seu olhar e notei que meus peitos estavam quase pulando da camisola e a parte debaixo estava quase deixando à vista minha calcinha.

— Olha para lá, seu perverso!

— gritei, jogando-lhe um travesseiro.

Klaus riu e se virou. Ajeitei a camisola e fiquei de pé.

— Pode se virar.

Klaus obedeceu e em seguida me olhou da cabeça aos pés.

— Ainda continua sexy! — ele disse fazendo cara de sério.

Eu estava vermelha de vergonha, mas ainda assim sorri e peguei a roupa que Emily trouxera. Klaus provavelmente a pusera em cima de uma cadeira ao lado de uma mesinha de leitura na noite anterior. Em seguida, fui para o banheiro me trocar.

Assim que fechei a porta atrás de mim, tirei a camisola e dei uma olhada na roupa. Eu segurava um vestido azul-celeste de algodão que não era curto, porém ficava cerca de um palmo acima

dos joelhos, tinha mangas finas que iam até o cotovelo e um decote quadrado.

— Que graça — eu disse, encantada com a peça. O vestido era simples, porém lindo.

Eu pus a roupa rapidamente e penteei o cabelo com os dedos.

Quando saí, Klaus estava abrindo a porta da entrada do quarto.

— Bom-dia! — Ouvi a voz de Emily.

— Bom-dia — Klaus disse baixo.

— Só vim para lhes avisar que o café da manhã está pronto.

— Obrigado. — E fechou a porta.

Quando ele se virou, seu olhar encontrou o meu.

— Era Emily na porta — ele disse.

— Eu percebi pela voz meiga. — E caminhei para sentar-me na cama. Queria pegar um par de sapatilhas brancas e calçá-las.

Klaus se pôs diante de mim e se

agachou, pegou as sapatilhas da minha mão e começou a colocar em meu pé esquerdo sem dizer nada.

— Esse vestido ficou uma graça em ti — ele disse começando a pôr a segunda sapatilha em meu pé.

— Obrigada. Eu achei estranho que ele seja comprido, sendo que os vestidos que eu usava em nossa casa eram longos...

Klaus parou o que estava fazendo e me olhou.

— Por acaso reparaste o vestido

que Morgan estava usando ontem? — ele perguntou.

Fiz que não com a cabeça.

— E o de Emily?

— Também não. Eu estava muito cansada e assustada para perceber.

— Bem, as bruxas circulam tanto no mundo sobrenatural quanto no mundo humano, o que faz com que elas usem e acabem por fazer parte de seu dia a dia vestes mais modernas e parecidas com as vestes do mundo em que tu nasceste. Já um vampiro raramente vai ao mundo

dos humanos, e quando vai é para se alimentar. Vampiros não gostam muito de mudar suas tradições, estamos acostumados a usar esse tipo de roupa desde a Idade Média.

Demorou um pouquinho para eu processar tudo aquilo, mas consegui.

— Isso também justifica o modo formal como vocês vampiros falam?

Klaus assentiu.

— Então, você não gosta de nada que está usando? Nem das calças jeans?

— perguntei, olhando seu visual

moderno.

Ele sorriu.

— Eu até gosto, mas me sinto mais confortável usando o que sou mais acostumado a usar normalmente.

— Entendi... — falei quando ele voltou a colocar o sapato em mim.

— Vamos — ele falou assim que terminou e ficou de pé novamente.

Klaus e eu nos dirigimos ao corredor, onde ele percebeu que não sabia onde ficava a sala de jantar. Para nossa sorte, encontramos Emily nas

escadas, e ela logo disse que estava à nossa procura para nos ajudar a encontrar o caminho.

Chegando à enorme sala, encontramos uma mesa farta de comida, a mãe de Emily sentada à mesa e um garotinho branquinho de cabelos loiros que parecia ter uns oito anos.

Todos nós nos sentamos, Klaus ficou na cadeira do meu lado direito e Emily do lado esquerdo. Logo notei que, diante de Klaus, havia uma taça cheia de um líquido vermelho. Fiz cara de nojo enquanto imaginava o gosto daquele

sangue.

Morgan apresentou-nos o garotinho, ele era seu filho mais novo e se chamava Bobby.

Como Bobby não disse nada, nem um “oi”, resolvemos começar a refeição. Eu comi ovos com bacon, que estavam maravilhosos, e tomei groselha.

— Eu quase esqueci —
Morgan disse do nada, atraindo a atenção de todos ali presentes. — Klaus, seus pais mandaram avisar que estão bem e que mais tarde virão se juntar a nós. Eu os convidei para ficarem aqui

enquanto aqueles demônios estão à solta.

— Eu agradeço por tudo, senhora Dornell — meu noivo disse, educadamente.

Ela sorriu.

— Não há necessidade de agradecimentos, meu querido, somos todos amigos e temos que unir forças em tempos turbulentos.

Um silêncio tomou conta do lugar por um breve momento.

— Soube que Emily está se

saindo muito bem em seus treinamentos com magia — Klaus começou.

Morgan lhe sorriu novamente e assentiu, confirmando a informação passada.

— Isabell começou a ter conhecimento de seus poderes agora, será que Emily não poderia ajudá-la a desenvolvê-los?

Eu abaixei o garfo com um pedaço de bacon que estava a ponto de pôr na boca quando ouvi o que ele havia perguntado.

— É uma ótima ideia! Está tudo bem para ti, filha? — Morgan perguntou à Emily, que assentiu e pareceu feliz com a ideia.

— Podemos treinar daqui a pouco, assim que terminarmos o café, OK? — Emily perguntou-me.

Concordei. Uns dez minutos mais tarde terminamos o café. Assim que me levantei, Emily me puxou pelo braço, toda alegre, e me levou até o jardim da casa, que aliás era lindo! Eu vi árvores carregadas de frutas para todo lado um pouco mais à frente, palmeiras em

alguns cantos, roseiras brancas cercando o local, um caminho de pedra desde a porta dos fundos da casa até o portão de trás, e uma pequena fonte com ninfas de pedra espirrando água pelas mãos.

— Seu jardim é lindo! — falei, maravilhada com a beleza do local.

— Fico feliz que ache isso, eu cuido deste lugar todos os dias — Emily disse enquanto colocava uma mão na testa para proteger seus olhos azuis do sol. — Então, o que quer aprender primeiro?

— O que você acha que devo

aprender primeiro? — perguntei, sem saber que resposta dar à pergunta.

Emily ficou pensativa por uns segundos. Ela olhou em volta e sorriu de repente.

— Que tal fazer as flores se abrirem? — E me puxou para mais perto do canteiro de rosas cujas flores ainda eram apenas brotos.

— Veja. — Ela estendeu o braço, abriu a mão na direção do broto que escolheu e disse séria: — É só você olhar para o seu alvo e imaginar o que você quer que aconteça a ele.

Ela mal havia dito tais palavras e o broto começou a se abrir. No início, eram apenas pequenas pétalas ainda verdes, que depois foram ficando maiores e assumindo o tom branco.

Quando Emily abaixou o braço, uma linda rosa branca estava aberta.

— Uau! — falei, impressionada.

— Sua vez. Escolha um e foque nele.

Respirei fundo e escolhi meu alvo, levantei o braço e abri a mão. O nervosismo me tomou.

Fechei os olhos e imaginei aquele broto

sendo uma bela rosa, mas quando abri os olhos novamente, não havia acontecido nada.

Desanimei. Olhei para Emily e suspirei.

— Acho que não sou muito boa nisso. Estou vendo que lhe darei muito trabalho — sussurrei.

Emily abriu um sorriso que me deixou confusa, seus olhos desviaram-se dos meus para olhar algo atrás de mim.

— Eu acho que discordo de você. Olhe para trás — ela disse, animada.

Quando eu obedeci e me virei, notei que a grande maioria dos outros brotos fechados daquela roseira estavam abertos, e agora eram lindas rosas brancas e perfeitas.

— Foi eu quem fez isso? — perguntei, ainda duvidando.

— Aham!

Eu me virei para Emily novamente e sorri alegre.

— Isso é muito show! — gritei, enquanto dava pulinhos. — Me ensina mais!

Capítulo 16

Isabell

A chuva caía além de mim, era para eu estar molhada, mas minhas roupas estavam secas. Olhei em volta tentando reconhecer o lugar onde me encontrava, mas não avistei nada que fosse familiar.

— Alguém? — gritei para a noite sombria.

Não obtive resposta.

Sem ter um rumo para seguir, caminhei pelas ruas vazias daquele lugar até encontrar um prédio de uns cinco andares. Havia uma placa pendurada ali, mas não consegui ler o que estava escrito devida à péssima iluminação do local.

Escutei, então, passos atrás de mim e me virei. Havia uma mulher de cabelos negros usando uma capa preta e segurando uma cesta. Ela vinha na minha direção e parecia me olhar.

— Moça — eu a chamei, me caminhando em sua direção. — Pode

me dizer o lugar onde me encontro?

A mulher não parou quando me aproximei dela, apenas continuou andando em minha direção.

— Moça? — chamei outra vez acenando para ela.

Prendi a respiração quando a senti passar sobre mim como se eu não estivesse presente ali, diante dela. Eu me virei para encará-la, assustada, enquanto a mulher continuava a caminhar. Ela parou na porta do prédio que eu havia visto alguns segundos antes

e pôs a cesta no chão, tirando, em seguida, um bebê enrolado em uma manta cor-de-rosa. A mulher

beijou a testa da criança e pude ver no mesmo momento algo brilhar no local do beijo. Depois de colocar a criança de volta na cesta, ela tocou a campainha e saiu andando para longe do lugar. Eu continuei a olhar para a cesta por mais alguns segundos enquanto pensava o que era aquela coisa brilhante na testa daquele bebê.

Uma mulher de cabelo castanho escuro abriu a porta enquanto bocejava.

Ela estranhou não ter visto ninguém na porta e logo fez cara de zangada.

— Essas crianças!! Em vez de estarem em casa dormindo, estão brincando na rua até tarde! — disse, já fechando a porta.

Foi nesse momento que ela reparou na cesta que estava no chão. Não parecendo acreditar no que estava à sua frente, a mulher abriu a porta novamente, abaixou-se, tirou o bebê da cesta e o pegou no colo.

— Meu Deus! — sussurrou.

Eu fiquei olhando para ela enquanto ela balançava a criança no colo, que começava a chorar. Aquela mulher era muito familiar. Um nome então me veio à mente: Helenor.

Eu acordei assustada e logo me sentei na cama. Olhei para o lado e encontrei a xícara de chá vazia que Ruckia me trouxera antes de eu dormir. Depois olhei para a janela e notei que ainda era noite.

— Amor... — Klaus disse, sonolento, ao meu lado.

— Oi — sussurrei de volta.

Ele abriu os olhos e me encarou por um momento.

— Está tudo bem? — perguntou, preocupado.

Eu assenti. Não estava mentindo por completo, nem dizendo a verdade.

— Sim. Foi só um sonho estranho — respondi.

— Outro sonho estranho? — Ele levantou uma sobrancelha.

Dei de ombros como quem diz que aquilo não era nada demais.

— Quer me falar o que sonhou?

Neguei com a cabeça. Eu não estava muito a fim de conversar. Klaus ficou em silêncio, me encarando.

— Eu posso te pedir algo? — perguntei.

Klaus pareceu confuso com a minha pergunta, mas assentiu. Eu me deitei novamente, estendi seu braço para a frente e pus a cabeça em cima. Klaus ficou parado por um momento surpreso com o meu ato. Depois puxou a coberta mais para cima e a pôs sobre nós dois

enquanto juntava seu corpo ao meu. Ficamos daquele jeito por um longo tempo e Klaus fez carinho em meus cabelos até que eu adormecesse.

Já fazia quatro dias desde que Klaus e eu chegamos à casa dos Dornell e durante todo aquele tempo eu estava treinando e aprendendo com Emily a controlar meus poderes. O treinamento estava me deixando exausta no fim de cada dia. Eu estava tendo muita insônia

graças à exaustão e o que me ajudou muito a dormir foram as xícaras de chá que Ruckia preparando para mim.

— Mais alto — Emily disse.

Eu tentei mais alto, mas não consegui.

— Mais alto!

Nós estávamos no jardim e eu estava fazendo com que a água subisse em finas camadas e o mais alto que eu conseguisse. Pode não parecer difícil, mas era para uma novata em magia!

— Você quer mais alto que isso?

— perguntei, olhando pra cima.

— Bem mais alto! — ela disse
— , mas tente não deixar que fique tanto
em cima de você!

Minha mão estava levantada para
cima em direção à camada de água
suspensa no ar, eu estava muito
concentrada no que estava fazendo.

— Estás a ir muito bem, Bell!
— escutei Klaus dizer.

Só bastaram suas palavras para eu
olhar para ele e acabar me distraindo. O
resultado foi que a água caiu sobre a

minha cabeça me molhando toda.

— Ótimo — falei, irônica.

Tobby, o irmãozinho caçula de Emily, ria de mim como louco, enquanto Ruckia escondia o riso pondo a mão em cima da boca.

Peguei meu cabelo, coloquei-o todo para o lado do ombro esquerdo e o torci para tirar o excesso de água.

— Desculpe — Klaus sussurrou, se sentindo culpado.

Eu o encarei séria e, enquanto o distraía fingindo-me zangada,

preparava-me para atacá-lo com um jato de água. E assim o fiz. Comecei a rir quando ele olhou em volta sem entender como aquilo aconteceu. Klaus estava com o short — sim, short! — e com a camisa toda molhada. Ruckia e Emily também riam muito dele, que começou a parecer ficar zangado quando entendeu o que eu havia feito.

— Eu não acredito no que fizeste, Isabell! — disse ele me fuzilando com os olhos.

Eu o olhei fingindo estar com medo e falei:

— Fiz mesmo! E você? O que vai fazer?

Todo mundo parou de rir e encarou Klaus esperando sua reação. Ele me fuzilou com o olhar por mais alguns segundos e depois vi um canto de sua boca se erguer formando um meio sorriso perverso. No segundo seguinte, Klaus estava à minha frente. Eu o olhei assustada e com um pouco de medo enquanto imaginava o que ele ia fazer. Para minha surpresa, ele deu início a uma longa sessão de cócegas.

— Pare! — falei rindo enquanto

ele continuava. — Pare!

— Tu que pediste, agora aguenta!

— E continuou a tortura.

Eu ri tanto, mas tanto, que sentia meu rosto ficar vermelho e a barriga doer. Eu tentei revidar e tentar pará-lo, mas era praticamente impossível, Klaus era muito rápido! Eu acabei caindo no chão em meio aos risos e o puxei junto comigo. Continuei a rir por uns dois minutos depois dele ter parado de me torturar e então percebi que estávamos sozinhos no jardim.

— Para onde o povo foi? —
perguntei olhando em volta.

— Acho que foram para dentro
para nos dar um momento a sós — ele
respondeu.

Klaus mal disse tais palavras e se
pôs em cima de mim, colocando a testa
sobre a minha e tapando a luz do sol.
Seu cabelo estava pingando nos cantos
do meu rosto e seus cílios estavam com
gotas de água nas pontas. Seus
olhos verde-água estavam fixos nos
meus. Ele pousou a mão em meu rosto e
acariciou-me a têmpora.

— Eu sei que nós nos conhecemos há pouco tempo, mas Bell... Eu te amo... — sussurrou.

Meu coração acelerou ao ouvir aquelas palavras. A sensação de ouvi-lo dizer aquilo era tão bom.. Eu pus a mão sobre sua nuca molhada e lhe dei um sorriso.

— Eu também te amo... — sussurrei de volta.

Klaus abriu um de seus sorrisos perfeitos, que fez com que eu abrisse ainda mais o meu. Fechei os olhos e

aproximei mais meu rosto do dele. Primeiro nossos lábios roçaram um no outro enquanto podíamos sentir a respiração ofegante de ambos. Então, nossos lábios finalmente se uniram e se demoraram um no outro dando início a um lento e doce beijo.

Capítulo 17

Isabell

Os dias passavam e nenhum sinal daquela bruxa/demônio ou de alguma outra ameaça. Eu pensei que os dias passariam lentamente, mas me enganei, pois eu só me lembro mesmo das horas de treinamento. O resto era apenas um borrão, pois o cansaço era tanto que eu ia dormir cedo e acordava cada vez mais tarde no outro dia, além de mais cansada.

No décimo primeiro dia na casa dos Dornells e no meio da uma tarde cinzenta, eu escutei o barulho da porta indicando que alguém havia entrado no

quarto.

— Isabell — Klaus me chamou baixinho.

Escutei seus passos ficarem cada vez mais próximos, porém permaneci imóvel e com os olhos fechados. Senti a cama afundar com seu peso e, em seguida, sua mão fria tocar a minha pele.

— Isabell — chamou-me mais uma vez. Percebendo que não houve resposta, gritou meu nome com a voz abalada: — Acorde!

Sua mão tocou minha testa e

permaneceu ali por um tempo. Ele então me chacoalhou, porém eu não me mexi. Eu até tentei abrir os olhos ou levantar o braço, mas eu me sentia cada vez mais cansada a ponto de nem coisas tão simples quanto aquela conseguir fazer.

— Meu Deus! Alguém, por favor!

— ele gritou enquanto voltava a pôr a mão em minha testa.

Eu escutei a porta ser aberta novamente.

— O que aconteceu? — Era a voz de Festus.

— Isabell! Ela não está a acordar e está a ferver de febre! — Klaus gritou.

— Por que esses gritos? — Era a voz de Morgan.

— Isabell encontra-se ardendo de febre e não está acordando. — Festus respondeu.

Eu escutei mais passos em minha direção e uma mão quente tocar-me a testa.

— Tragam uma bacia com água fria e alguns pedaços de pano para

abaixar a febre! — ela gritou para os dois, sua voz perto de meu ouvido.

O espaço ficou silencioso de repente. Senti as cobertas que me cobriam serem tiradas, fazendo com que os pelos do meu corpo ficassem arrepiados. Sua mão tocou-me no peito como se quisesse sentir meu coração bater e ali se manteve por um tempo.

— Mamãe! — escutei Emily chamá-la com a voz ofegante entrando no quarto. — Klaus acabou de me dizer o que aconteceu e por isso vim correndo!

— Que bom que veio! Vou precisar da sua ajuda! Eu acho que Isabell foi envenenada, mas não por um veneno comum — Morgan disse à filha.

— Por que acha isso? — Emily perguntou.

— Eu acabei de sentir a presença de um forte feitiço sobre esta menina. É um feitiço que geralmente colocamos em bebidas para darmos às vítimas.

— Céus! — Emily disse, a voz assustada. — Ela vai morrer?

— Não, para que isso aconteça ela precisa continuar ingerindo essa tal bebida por pouco mais de um mês. E eu só quero saber quem fez isso com ela para que eu acabe com esse ser!

— Aqui! — Escutei a voz de Klaus.

— Ótimo! — Morgan disse. — Coloque aqui em cima do criado-mudo.

Depois de escutar o som da bacia sendo posta sobre o móvel, ouvi Morgan começar a dizer umas coisas estranhas:

— *Get hanc aquam omne*

immundum a corpore — E repetiu isso mais duas vezes.

Eu sabia, por suas palavras em latim, que ela estava fazendo um forte feitiço para expulsar o que estava em mim.

Ela torceu um pano e o pôs sobre minha cabeça, com outro próximo e também molhado ela foi passando sobre meus braços e pescoço.

— O que estás a fazer? — Ruckia, que até então eu não sabia que estava presente, perguntou.

— Estou passando o pano em seu corpo para que ele absorva todo o veneno que está no corpo dela — Morgan lhe respondeu calmamente.

— Há veneno no corpo de Bell?

— Klaus perguntou, nervoso.

— Sim, mas não acho que quem a envenenou a queira morta — a bruxa respondeu.

— Por que diz isso? — Festus perguntou com a voz parecendo curiosa e preocupada ao mesmo tempo.

Senti quando Morgan passou o

pano na minha perna direita.

— Porque se quem fez isso com Isabell a quisesse realmente morta, teria lhe dado um veneno com efeito imediato.

Senti minha boca ficar seca. Tentei sussurrar e pedir água.

— Bell! — Ouvi Klaus gritar.

Eu estava me sentindo mais leve, mais relaxada. Abri os olhos. A luz estava em meus olhos, então eu coloquei a mão na frente do lustre.

— Aff! Quem acendeu essa luz?

Todos riram, parecendo nervosos.

— Como estás? — Por incrível que pareça foi Vladimir, quem eu nem sabia que estava ali, quem perguntou, parecendo preocupado.

— Estou na medida do mais ou menos — respondi, enquanto observava Morgan passar um pano branco na minha outra perna.

— Por um momento eu pensei que tu não irias mais acordar... — Klaus sussurrou com os olhos cheios d'água.

— É, mal eu acordei. — E lhe

sorri. — O mais estranho é que, apesar de eu não conseguir me mexer antes, eu podia ouvir todos vocês falando.

Morgan chegou com o pano ao meu pé e parou por ali.

— Alguém aí também está sentindo cheiro de chá? — Emily perguntou.

— Sim, eu estou — Klaus respondeu.

Morgan virou a parte do pano que passava em mim para cima e lá estava uma mancha enorme amarela.

— Você andou tomando chá recentemente? — a bruxa me perguntou com as sobrancelhas loiras unidas.

— Sim. Eu estou tomando chá de camomila desde o dia em que vim parar neste mundo. Ruckia faz toda noite antes de dormir para me ajudar a relaxar. —
Falei olhando para minha irmã adotiva.

— Bem, foi o chá que lhe fez isso — Emily disse, olhando Ruckia também com uma sobrancelha levantada. — O chá é a bebida envenenada.

Agora todos os olhares se

encontravam focados em minha irmã, que estava assustada.

— Eu jamais... — Ruckia começou a se defender.

— Eu sei — falei, fazendo todo mundo me olhar novamente. — Eu sei que Ruckia jamais faria isso. Mas alguém que sabia que ela estava me trazendo a bebida se aproveitou da oportunidade para fazer tal coisa.

— Quem? — Klaus perguntou-me.

Todos ficaram em silêncio

encarando uns aos outros, imaginando quem poderia ser e se quem fez aquilo estava presente na sala. Emily então pareceu lembrar-se de algo e disse com o rosto iluminado:

— Onde é que você conseguiu a planta do chá de camomila? — perguntou à Ruckia.

— Eu não consegui exatamente. Bug me deu uma caixa com alguns saquinhos para fazer o chá na primeira noite de Bell em nossa casa. Ele me disse que aquilo ia ajudá-la a relaxar mais. — Ruckia respondeu.

— Quem é Bug? — Emily perguntou.

— É um dos cozinheiros da família, o duende zangadinho que parece não ir com a minha cara — falei, enquanto começava a encaixar as peças.

— Duende? — Morgan perguntou com os olhos azuis arregalados

Eu assenti.

— Duendes são servos de bruxas. Ele provavelmente pegou a erva com sua mestra e deve tê-la informado sobre

quem é Isabell! — ela disse pondo as mãos na cabeça.

— Então, foi ele? — Klaus disse em um rosnado. — Como ele pôde? Eu vou matá-lo!

Meu coração acelerou. Klaus estava furioso, veias negras se tornaram visíveis em seu rosto e suas presas cresciam.

— Klaus, não! — gritei, alarmada.

Mas já era tarde, Klaus havia desaparecido.

Capítulo 18

Isabell

— Ele está demorando muito!

— falei, enquanto começava a roer as unhas.

— Ele vai voltar logo! —

Helena disse, tentando me acalmar.

Estávamos todos na sala dos Dornells, minha família e os Dornells, e estávamos sem notícias de Klaus há

mais de oito horas. Já era tarde da noite, chovia muito e ainda não havíamos tido nenhuma notícia de meu noivo. Meu coração estava batendo como louco e eu estava com medo de algo ter acontecido a ele.

Morgan também tinha recebido notícias de seu marido umas duas horas mais cedo, que diziam que ele encontrava-se viajando pelo mundo dos humanos para ajudar cientistas com uma nova experiência. Naquele momento, eu tive um breve *de já vu* do dia em que Helena me contou quem eu realmente

era, quando meus olhos encontraram o fogo ardente queimando na lareira. Suspirei.

Escutamos, então, um barulho alto que vinha lá de baixo.

— O que foi isso? — Emily perguntou, olhando para a entrada fechada da sala onde estávamos.

— Acho que foi a porta da entrada da casa sendo aberta por alguém. — Vladimir respondeu. — É melhor irmos ver quem é.

Os que estavam sentados nos

sofás, incluindo eu, se levantaram e os que já estavam em pé, Festus e Morgan, caminharam calmamente em direção à porta. Porém, antes de qualquer um de nós chegar à saída, a porta foi escancarada e alguém todo encharcado de chuva apareceu.

— Klaus! — gritei.

Mal dava para enxergá-lo por causa da pouca luminosidade, mas eu logo vi o contorno de seu chapéu na cabeça e algumas partes do cabelo loiro. Eu nem me preocupei com o que os outros iriam pensar, apenas corri para os

braços do meu noivo como se só
houvéssemos ele e eu ali. Enterrei meu
rosto em seu peito e o abracei o mais
forte que pude. Tenho certeza de que
todos ali na sala ficaram surpresos com
meu ato, incluindo o próprio Klaus, que
demorou para me abraçar de volta, mas
o fez.

— Você está bem? — perguntei,
olhando pra cima para ver seu rosto.

Ele assentiu.

— Graças aos céus! —
sussurrei, apertando-o novamente em um

novo abraço.

— E Bug? — Festus perguntou.

Eu me separei de Klaus, que me olhou nos olhos quando respondeu.

— O desgraçado desapareceu.

Ouvi alguém às minhas costas bufar e outro suspirar.

— Eu acho que ele foi avisado!

— Klaus disse, olhando para todos no local. — Pois quando eu fui até ele encontrei Gub primeiro, que disse que o primo estava na dispensa. Quando fui ver, o infeliz já havia sumido.

— Bem, vá se trocar então, estás todo molhado — Ruckia disse ao irmão.

Klaus assentiu.

— Vamos subir juntos — eu sussurrei para ele. — Quero falar em particular contigo.

Klaus uniu as sobrancelhas parecendo se perguntar o que eu queria conversar com ele e em seguida assentiu. Seguimos os dois as escadas em silêncio e depois pelos corredores até chegarmos ao nosso quarto. Klaus

parou na porta e a abriu para eu entrar primeiro, mas eu apenas o olhei com raiva e apontei para dentro do quarto como um modo de mandá-lo entrar logo. Ele levantou as mãos como sinal de paz e fez o que eu queria. Assim que entrei atrás dele, tranquei a porta com a chave e me apoiei nela enquanto o encarava. Ele me olhou de volta, sem entender o que eu estava fazendo.

— Então, o que queres falar comigo? — perguntou.

— Primeiro troque a roupa — mandei.

Klaus pareceu me estranhar por um segundo.

— Troque a porra da roupa! — falei, já ficando nervosa e com raiva ao mesmo tempo.

— Tá! Tá bem! — ele disse, tirando o chapéu e jogando-o em um canto do quarto.

— Enquanto esteve oito horas fora, eu tive que ficar aguardando notícias suas e tomar um copo de água com açúcar a cada meia hora — falei calmamente.

Klaus tirou a jaqueta preta que usava e a jogou junto com o chapéu.

— Sem contar o fato de que todo mundo nesta casa estava preocupado com você.

Ele me olhou pelo canto do olho.

— Hum... — ele disse.

— "Hum"? É só isso o que você fala? — gritei.

Então ele me olhou, mas dessa vez ele realmente estava assustado.

— Você sumiu por oito horas e só sabe dizer "hum" como justificativa? —

gritei ainda mais alto.

— Calma, mulher! — ele pediu enquanto tirava a camisa branca e deixava visível seu tronco bem desenvolvido.

Eu ri. Ri muito. Ri de raiva.

— Calma uma ova!

— Tu estás stressadinha, hein!

— ele falou, tirando os sapatos.

Aquilo foi a gota d'água. Eu estiquei o braço e abri a mão. Klaus foi jogado contra a parede e ficou ali, pendurado no ar.

— É melhor falar direito com a sua noiva se ainda quiser estar vivo pra se casar! — gritei, me aproximando dele, que estava ainda mais assustado. — Você entendeu?

Klaus rapidamente assentiu.

— Pode me colocar de volta no chão agora, por favor? — ele pediu, gentilmente.

Eu lhe dei um falso sorriso meigo.

— Ainda não. Tenho mais coisas a dizer. — E me sentei na cama. — Vamos ter algumas regrinhas novas por

aqui. Primeira: não saia mais para fazer burrices. Segunda: quando sair sozinho, não fique mais de uma hora sem avisar se está bem. Terceira: não quero mais ouvir da sua boca tons de deboche enquanto falar comigo. Quarta e última: não fale com nenhuma mulher que não seja da sua família ou as Dornells. Entendido?

Ele assentiu novamente, ainda que estivesse com as sobrancelhas unidas mostrando que estava confuso. Com calma, eu o pus de volta no chão. Klaus me encarou com uma mistura de medo e

surpresa em seus olhos.

— Qual o motivo da quarta regra? — ele perguntou baixinho.

— Eu criei a quarta regra pensando naquela sua melhor amiguinha de infância, que conheci lá na reunião — respondi no mesmo tom de voz.

— Tu não gostas mesmo de Li...

— Não fale o nome dela. — Eu o repreendi. — Não no nosso cantinho de amor. — E me levantei caminhando em sua direção.

Klaus recuou à medida que eu me

aproximava até parar ao sentir a parede atrás de si.

— "Nosso cantinho de amor"?

— Ele me olhou com os olhos arregalados.

Eu o olhei de volta com uma expressão dengosa e acariciei seu rosto. Sua sobrancelha esquerda se ergueu.

— O que estás a fazer? — perguntou, estranhando minha mudança rápida de comportamento.

Eu sorri. Aproximei minha boca de sua orelha e dei lhe mordidinhas no

local. Ele gemeu baixinho me fazendo ficar louca. Eu não aguentei muito tempo e acabei beijando-o. Senti sua língua invadir-me a boca e o beijo ficar ainda mais ardente. Eu pus minha mão em seu pescoço e o puxei para a frente. Nós dois caímos na cama, onde eu pousei a mão em seu peito e comecei a acariciá-lo naquela região.

— Klaus... — sussurrei seu nome entre nossos beijos.

Ele se afastou e me olhou. Eu o olhei bem no fundo de seus olhos e lhe disse baixinho:

— Eu quero... você.

— Tem certeza? — ele perguntou, parecendo não acreditar no que eu dissera.

Eu assenti. Nós nos sentamos e Klaus me ajudou a tirar minha blusa roxa de algodão e depois a minha saia preta. Respirei fundo quando ele me abraçou para abrir o fecho do meu sutiã. Meu coração disparou quando fiquei apenas de calcinha na sua frente.

— Respira fundo — ele disse, notando meu nervosismo. — Você é

linda.

Aquelas palavras me acalmaram um pouco, mas o que me acalmou mesmo foi quando seus lábios se juntaram aos meus novamente e ele me deitou, ficando em cima de mim. Logo reparei que Klaus já estava sem nada. Como ele fez isso? Não sei. Eu nem notei o momento em que ele tirou o resto da roupa e quando também tirou as peças que me sobravam.

— Eu nunca fiz isso antes, então vai com calma, OK? — pedi, olhando em seus olhos.

Senti suas mãos me acariciarem abaixo dos seios e em minha barriga e então desceram para minhas pernas, que ele abriu gentilmente. O quarto estava um pouco escuro, só o que iluminava o espaço eram as velas nos candelabros, mas já era o suficiente para eu enxergar seu rosto. Ele me acariciou a têmpora e sussurrou a coisa que eu mais gostava quando ele dizia:

— Eu te amo, minha Bell.

— Eu te amo, meu Klaus —

sussurrei de volta.

E então eu senti. Seu membro estava em minha entrada e aos poucos ele foi colocando-o e mim. Abafei meu grito fechando a boca e fechei os olhos com força. Estava doendo um pouco. Klaus se afastou um pouquinho para segurar-me pela cintura e então disse:

— Pronta?

— Sim.

E começou a se mexer lentamente. Doía um pouco, mas aos poucos eu comecei a sentir outra coisa no lugar na dor. Era prazer. Não sei quantos minutos

se passaram, talvez já passasse de uma hora que extávamos ali naquela mesma posição enquanto Klaus se mantinha gentil e cuidadoso comigo o tempo todo.

— Eu vou começar a ir um pouco mais rápido, tudo bem? — perguntou.

— Tá... — eu sussurrei.

Quando ele começou a acelerar as estocadas, eu senti o prazer aumentar e aumentar.

— Céus! — eu disse em meio a gemidos.

Klaus também gemia às vezes. Ele

se aproximou mais de mim novamente enquanto se mexia e colocou a testa na minha. Eu escutei sua respiração ficar ainda mais rápida quando senti que ele estava chegando ao clímax e me levando junto.

— Bell... — sussurrou.

E então eu senti algo quente me encher. Abafei os gemidos quando senti que estava chegando ao meu clímax. Klaus abriu os olhos e encontrou os meus. Ele beijou minha testa, saiu de mim e se deitou ao meu lado. Sem dizer nada, eu deitei minha cabeça em seu

peito e lá fiquei até adormecer.

Capítulo 19

Isabell

Meus olhos se abriram devagar. Eu ainda estava com sono, mas não queria ficar dormindo até muito tarde. Olhei para o lado e lá estava quem eu queria ver. Klaus estava adormecido, parecia

um anjo em seu descanso. Eu toquei seu rosto e o acariciei.

— Klaus? — chamei-o em um sussurro doce.

Suas sobrancelhas se uniram enquanto ele ainda permanecia dormindo.

— Querido, acorde! — pedi, passando as mãos em seu cabelo claro.

— Hum? — ele disse, enquanto abria os olhos lentamente.

Klaus me olhou por um momento enquanto se acostumava com a claridade

à nossa volta. Então, ele sorriu.

— Bom-dia, Bell — ele sussurrou enquanto estendia o braço para passar a mão em meu rosto.

Eu lhe dei um sorriso.

— Como és bela... — ele disse, beijando a minha testa.

Ficamos um tempinho olhando um para o outro, deitados naquela enorme cama até eu dizer:

— É melhor nos levantarmos.
Deve ser quase meio-dia!

Klaus fez bico.

— Queria ficar contigo assim um pouco mais... — sussurrou enquanto dava um suspiro.

— Nós teremos a vida inteira para isso, querido.

Seu belo rosto se iluminou com minhas palavras. Eu me levantei primeiro do que ele, me enrolando em uma das cobertas da cama.

— Por quê estás a se cobrir? — ele perguntou, estranhando minha ação.

Eu o fitei por um momento e então respondi:

— Eu me sinto... sei lá, desconfortável. — Dei de ombros.

— Não tem que sentir-se assim. Além do mais, eu vi tudo na noite passada. — E sorriu.

Eu fiquei com as bochechas vermelhas, muito vermelhas! Eu o fuzilei com os olhos. Com raiva, joguei a coberta no chão e andei até o guarda-roupa nua, onde peguei um vestido branco de alças finas com flores amarelas. Eu o fuzilei mais uma vez antes de ir para o banheiro tomar banho e percebi que ele não parava de me

olhar de cima a baixo.

Entrei no banheiro e encostei a porta. Pus a roupa em cima da tampa do vaso sanitário e escolhi tomar banho de chuveiro, pois queria ser rápida. Enquanto eu enxaguava o cabelo e mantinha os olhos fechados, ouvi a porta ser aberta. Abri os olhos imediatamente, a tempo de ver Klaus nu entrando no box onde eu estava e me encarar.

— O que você faz aqui? — perguntei, quase em um grito.

— Vim tomar banho contigo —

ele respondeu. — Agora, me deixe ajudá-la com o xampu.

E se aproximou, pondo a mão em meu cabelo.

— Feche os olhos para não entrar sabão em teus olhos — ele disse, massageando a minha cabeça.

Eu obedeci e fechei os olhos. Em seguida, Klaus passou creme condicionador em meu cabelo e o lavou também. Quando chegou o momento de eu passar sabonete, ele pegou o pequeno objeto escorregadio de minhas mãos e

disse:

— EU vou passar isso em ti!

— É ruim, hein! — eu falei, pegando o sabonete de volta.

— Mas eu quero passar! — ele disse do mesmo jeito que uma criança faz quando teima de querer fazer algo.

— Não! — Comecei a me ensaboar.

— Deixe-me pelo menos passar em tuas costas. — ele pediu, com jeitinho.

Depois de pensar um pouquinho,

eu aceitei.

— Mas só nas costas!

Klaus sorriu como uma criança que acabou de ganhar um doce. Dei-lhe o sabonete e me virei. Enquanto ele passava o objeto em mim, eu tentava não achar estranho nós dois estarmos no mesmo banheiro, nus, tomando banho juntos. E eu não podia esquecer do fato de que estava difícil não reparar no enorme membro de Klaus. Assim que eu achei tinha as costas inteiras com sabão, me virei para ele que logo me beijou. Só escutei o sabonete cair ao chão e Klaus

me agarrar pela cintura. Foi um banho MUITO bom!

Se você está pensando se fizemos... aquilo no banho, sim! Fizemos. Depois de vestidos, descemos e fomos de mãos dadas para a sala de jantar, onde encontramos todos almoçando.

— Ah! Aí estão eles!! — Ruckia disse quando nos viu chegar. — Como vocês demoraram a acordar, hein?

— Pois é — falei, enquanto trocava olhares com Klaus.

— O que aconteceu aos dois ontem? Sumiram depois que subiram para o quarto... — Helena disse olhando para o filho.

Vladimir sorriu maliciosamente.

— Acho que eles ficaram bem ocupados ontem, mãe! — E mexeu as sobrancelhas para mim enquanto abria mais seu sorriso malicioso.

Eu o fuzilei com os olhos.

Klaus e eu nos sentamos à mesa um ao lado do outro e começamos a comer, eu degustando um macarrão com

molho branco e uma carne que eu não sabia de que animal era, porém tinha um gosto muito bom, e Klaus com sua taça de sangue.

— Isso é carne de quê? — perguntei baixo à Emily, que estava sentada ao meu lado comendo o mesmo que eu.

— É carne de hidra — ela disse, colocando um pedaço na boca.

Eu olhei espantada para o prato, enquanto lembrava da hidra das histórias mitológicas. Até hidras eram

reais nesse mundo!

O almoço estava indo muito bem até as enormes janelas de vidro, que iam do chão até o teto da sala de jantar, se quebrarem do nada e os cacos de vidro caírem a poucos metros de onde estávamos.

— Céus! — Helena disse, se levantando e olhando para as janelas quebradas.

Todos fizemos o mesmo que ela, levantando e fitando as janelas sem compreender o que estava acontecendo.

Foi então que as vimos: uma fileira das quatro bruxas que vimos no dia da reunião, flutuando no ar, incluído a bruxa que Klaus e eu havíamos encontrado, a vários metros da casa e olhando para nós.

— É um ataque! — Morgan gritou.

E então a fileira de bruxas começou a se aproximar.

— Emily, leve Bell, os Durand e seu irmão e para o esconderijo! Eu vou chamar os outros para afastá-las daqui!

— Morgan ordenou à filha.

Emily puxou-me pelo pulso e fez o mesmo com o irmão, guiando todos para fora da sala.

— Aonde estamos indo exatamente? — perguntei enquanto corríamos.

— Vamos para as passagens secretas! — ela respondeu enquanto nos levava para seu quarto.

Quando chegamos lá, logo avistei um enorme espelho que ia do chão ao teto, e foi nas bordas de ouro dele que

Emily passou a mão até parar em um detalhe de alto relevo. Ela pressionou até ele se afundar e o espelho virar uma espécie de porta, que se abriu mostrando o túnel que ele escondia.

— Entrem todos! — ela disse, nos dando passagem.

Klaus e eu fomos os primeiros a entrar na passagem, depois Ruckia e Helena, Vladimir e Festus, Emily e Toby. A porta/espelho se fechou atrás de nós.

O lugar estava escuro, o que me

fez lembrar do túnel que Klaus e eu havíamos percorrido depois da aparição das bruxas na reunião da sede. Eu abri a mão e logo criei uma pequena esfera de luz branca, que fiz com que ficasse um metro à frente de nós para iluminar caminho.

Escutamos o som de coisas se quebrando vindo do andar de cima e apressamos o passo. Encontramos uma porta cinza, em cujo centro Emily pôs a mão, fazendo com que o objeto se abrisse. Uma enorme sala apareceu. Possuía umas dez camas de solteiro com

cobertas e travesseiros em uma parte, sofás que pareciam bem confortáveis e ao mesmo tempo, luxuosos, candelabros nas paredes, duas portas ao fundo, uma pia, um armário e um fogão do outro lado.

— Entrem! — Emily pediu.

Depois de todos entrarmos na sala, Emily pediu para nos acomodarmos e escolhermos nossas camas.

— Quanto tempo acha que ficaremos aqui? — Vladimir perguntou

a ela.

— Eu não sei, podemos ficar horas ou até dias, vai depender de quanto tempo a guerra lá em cima durar.

— E como sabe que não vão nos achar aqui? — Ruckia perguntou, sentando-se na cama que escolhera.

— Este espaço é protegido por um feitiço muito poderoso que foi feito há mais de cem anos. Esse feitiço esconde o lugar e impede que qualquer um aqui dentro seja rastreado.

— Uau! — falei, impressionada.

Passaram-se quase cinco horas. Estávamos todos em conversas paralelas, Festus conversava com Helena e Vladimir no sofá, Ruckia e Emily falavam de algo perto do fogão, Toby dormia, e eu e Klaus estávamos sentados em uma cama.

— Eu quase me esqueci de te dar isso... — falei, tirando do bolso do vestido uma corrente de prata com um pingente que parecia uma bolinha de gude e o entreguei a ele. — Fui eu que fiz. É um modo que arranjei de te proteger das bruxas.

Klaus olhou para a corrente e depois para mim.

— O verde do pingente combina com seus olhos. — sussurrei. — Deixe-me colocá-lo em você.

Peguei a corrente, abri o fecho e coloquei-a em seu pescoço.

— Ficou legal — eu disse em voz baixa.

Klaus não falou uma palavra, apenas me olhou em silêncio com uma expressão que não consegui interpretar.

Algo de repente, atraiu nossa

atenção. A maçaneta da porta começou a girar. Alguém estava tentando entrar.

Capítulo 20

Isabell

Seja lá quem fosse querendo abrir aquela porta, estava desesperado! O estranho foi que, do nada, quem quer que estivesse querendo entrar parou de girar a maçaneta.

Ficamos todos em silêncio, com os olhos fixos na porta. Passaram-se alguns segundos.

— Acham que já foi? — Toby perguntou em um sussurro.

E, então, um barulho ensurdecedor. A porta foi, de certo modo, arrancada e jogada para fora.

— Essas portas enfeitiçadas só dão trabalho! — disse alguém, que, pela voz, era uma mulher.

Nós não sabíamos quem era o ser que disse aquilo porque, seja lá quem

fosse, estava em algum lugar atrás das paredes. Ouvimos passos que ficaram mais altos até ela se mostrar na passagem que antes a porta ocupava. Era a bruxa da sede que eu assustei, aquela com a cicatriz no rosto.

— Boa-tarde a todos — a bruxa disse com um sorriso medonho no rosto. E então ela me olhou — Isabell! Finalmente te encontrei!

Ela deu um passo para dentro do quarto enquanto me olhava. Emily se pôs ao meu lado rapidamente,

assim como Klaus, que se levantou enquanto a encarava.

— Ágnes! — Emily gritou, reconhecendo à mulher — O que quer com Isabell?

Ágnes deu outro passo em nossa direção.

— Pare onde está! — Klaus gritou.

— Você não me dá ordens, seu sanguessuga imundo! — a mulher xingou calmante. — Eu vim para levar Isabell comigo.

Ruckia riu.

— E tu achas que é só chegar assim que a gente vai deixar que a levem daqui?

Ágnes deu de ombros e abriu mais o sorriso.

— É, acho.

E levantou o braço mostrando os dedos indicador e do meio unidos. Ela mexeu a mão e, em seguida, todos, menos eu, foram atirados nas paredes. Ágnes não perdeu tempo e se aproximou de mim rapidamente, me pegando pelo

braço.

— Me solta!

— Vamos logo! — ela disse e em seguida me puxou pra si.

Eu não tive tempo de fazer algo, pois assim que ela me aproximou de si, uma nuvem negra nos cercou e tudo ficou escuro. Quando eu deixei de ver apenas breu, enxerguei um teto negro com um lustre de velas acesas. O breu se foi e o espaço se revelou.

Céus! Era assustador! Havia uma mesa enorme com coisas quebradas

em cima, além de cacos de vidro no chão por toda a parte, teias de aranha em cada canto, janelas compridas e empoeiradas... E o que mais me assustou foi ver um animal enorme preso em uma corrente enquanto dormia tranquilamente. O animal lembrava um cão negro, porém tinha três enormes olhos e seis patas.

Eu me lembrei que Ágnes me segurava e me afastei dela, porém com os olhos fixos na bruxa. Ágnes sorriu pra mim.

— Onde estamos? — perguntei,

séria.

— Estamos na antiga sede das bruxas.

— E o que aconteceu para esse lugar estar assim? — perguntei, avistando uma gosma verde no chão.

— Bem, depois que minhas servas e eu fomos expulsas da convenção de bruxas por alguns motivos bestas, nós tivemos que arranjar um lugar para ficar, e como aqui estava abandonado... — E deu um suspiro.

— Vocês transformaram isso em

um chiqueiro!

Ágnes ignorou meu comentário e começou a dizer:

— Bem, Isabell, eu te trouxe aqui por uma razão. Imagino que já te adiantaram algo...

Neguei com a cabeça.

— O que você acha que quero de ti?

Dei de ombros.

— Se não souber, chuta!

— Me matar? — Parecia-me a resposta mais plausível.

Ágnes riu.

— Por que eu iria querer te matar?

— Sei lá! Talvez porque eu posso ser a bruxa que todo mundo está dizendo que é a mais poderosa de todas?!

— Eu não quero te matar! Se quisesse, já teria feito isso — ela respondeu, séria.

Acreditei em suas palavras.

— Então, o que quer?

— Você acabou de dizer que talvez seja a bruxa mais poderosa de

todas. E eu te afirmo que você é! Você é dona da profecia mais famosa que existe no mundo sobrenatural. Você é a bruxa que irá pôr um fim à guerra que está por vir e estará do lado vencedor! — ela disse, enfatizando a última palavra. — E por isso que eu quero que você esteja do meu lado quando o momento chegar.

Eu ergui uma sobrancelha e cruzei os braços enquanto dava um meio sorriso zombeteiro.

— E o que te faz pensar que eu ficarei do seu lado quando a guerra chegar?

— Resposta fácil! — ela sussurrou, sorrindo de volta. — Se você ficar do meu lado, eu deixo sua família viver.

— Acha mesmo que vai conseguir colocar as mãos em alguém da minha família? Helena e Festus conhecem um monte de bruxas que os ajudarão a se defender de você!

— Acho que você me entendeu errado, minha querida! Venha, eu vou te mostrar algo que eu tenho certeza que te fará mudar de ideia.

Meio desconfiada, eu a segui até à próxima sala, onde ela tirou um tapete cor de vinho do lugar, deixando à vista a entrada de um alçapão. Descemos vários degraus, estava bem escuro lá embaixo. Ágnes usou uma esfera de fogo que criou para iluminar nosso caminho.

Chegamos a uma porta larga de madeira bem velha. Ágnes pôs a mão sobre a porta e fechou os olhos. A porta se abriu.

— Entre primeiro — ela disse, me dando passagem para entrar.

Eu a fitei por um momento, ainda

mais desconfiada, mas obedeci. Entrei no lugar, que estava vazio, a não ser pelo fato de ter uma mesa de pedra com dois seres sobre ela. Havia um homem e uma mulher, ambos com os olhos fechados. Eu me aproximei mais da mulher e a observei. Ela era muito bonita, parecia uma princesa com seu vestido vinho, estilo Idade Média, rico em detalhes de ouro. Ela era branca, muito branca, tinha os cabelos castanho-escuros bem lisos, e o que mais me chamou a atenção nela foram seus lábios roxos. Já o homem era tão branco quanto

a mulher. Estava vestido com trajes antigos como o que Klaus usava normalmente, tinha os cabelos negros, lábios também roxos e era muito bonito.

— O que você vê, Isabell? —

Ágnes perguntou, me fazendo desviar os olhos do casal para olhá-la.

— Vejo um homem e uma mulher.

— E o que acha dos dois?

Olhei para eles de novo.

— Eu acho a mulher muito bonita, e o homem, um gato! — falei, dando uma boa olhada nos rostos de ambos.

— Não foi bem isso que eu perguntei. Na verdade, eu quero saber se eles não te são familiares...

Eu continuei observando os dois naquela mesa e, sem entender o porquê de Ágnes dizer tais coisas, dei de ombros.

— Não acho eles familiares. —
E me virei para ela. — Mas por que quer saber isso? Eu devia reconhecê-los de algum lugar?

Ela ergueu um canto da boca formando um meio sorriso e, em seguida, cruzou os braços.

— Eu não esperava que você os reconhecesse. Afinal, eles te deram para uma bruxa quando você tinha apenas dias! Uma semana de vida, no máximo!

Comecei a pensar que ela não estava sabendo direito da história.

— Não foram eles que me deram para a bruxa, foram os meus... — Parei de falar quando comecei a entender.

Desviei os olhos de Ágnes para encarar o chão, enquanto tentava encaixar as peças.

— Seus pais — ela continuou

quando percebeu que eu não terminaria a frase.

Olhei para os dois novamente e então percebi. Eu tinha traços de ambos, como o nariz do homem que era igual ao meu, e a boca da mulher que era idêntica à minha.

— Céus! Foi você quem os matou! — gritei para ela.

— Epa! Eles não estão mortos! Apenas estão dormindo por quase dezesseis anos.

Eu a fuzilei com os olhos.

— Então... — Ágnes continuou,

me encarando com a expressão serena.
— Como eu havia dito antes, você fica do meu lado na guerra, e eu deixo a sua família viva. Você aceita?

Capítulo 21

Ruckia

Estávamos todos na sala de jantar dos Dornells. Meu pai estava andando de um

lado para o outro da sala enquanto pensava. Klaus estava enfurecido, queria ir atrás de Bell de qualquer modo, Morgan até teve que invocar um feitiço para prendê-lo em um dos lugares da mesa. Um grupo de lobos enormes adentrou o lugar e abaixou as cabeças para Morgan como modo de reverenciá-la.

— Alguma pista dela? — a mulher perguntou a eles.

Um dos lobos se aproximou mais dela e mostrou sua forma humana. Era um homem com barba curta e cabelos

negros, de olhos verdes, que usava roupas simples.

— Ainda nada, senhora. Aposto que Ágnes colocou um feitiço para esconder a menina.

Morgan suspirou.

— Obrigada, Joseph. Já podem ir.

O homem e os lobos se curvaram para ela e depois saíram em silêncio.

— Céus! — Vladimir disse, pondo as mãos na cabeça — Onde estará Isabell?

Eu levantei uma sobrancelha e

perguntei:

— Desde quando tu te importas com Bell?

Ele me olhou, parecendo incrédulo com a minha desconfiança.

— Eu posso não mostrar isso, mas eu me importo com Isabell tanto quanto tu, minha irmã!

Fiquei em silêncio por alguns segundos.

— Perdoa-me, então — pedi em um sussurro, me sentindo mal por ter duvidado dele.

Vladimir assentiu.

— Se aquela vaca encostar um dedo em minha noiva na intenção de machucá-la, eu vou estripá-la e espalhar as partes de seu corpo nos lugares mais movimentados no nosso mundo para todos saberem o que acontece quando alguém se mete com a nossa família! — Klaus disse, rosnando.

— Não mantenha a vingança presente em seu coração, meu filho. — Helena disse e pôs a mão no ombro de Klaus — O destino dará a Ágnes o que ela merece por cometer tais atos.

Klaus bufou. Cole, o bruxo que ficou para representar seu grupo, que até a meia hora antes estava lutando para proteger Isabell junto com Morgan e que eu nem me lembrava mais que estava presente devido ao seu silêncio, disse:

— Eu estou com medo do que Ágnes pode fazer a essa moça por saber o quão poderosa Isabell é.

— O que acha que ela pode fazer? — Emily perguntou.

Cole jogou uma pequena mecha do seu cabelo azul-celeste, cujas pontas

eram azul-marinho para o lado, na tentativa de livrar sua visão daquilo.

— Bem, eu estava pensando em várias possibilidades e a minha primeira foi que Ágnes poderia matá-la.

Klaus o encarou com os olhos arregalados.

— Mas logo descartei essa possibilidade porque Ágnes é louca por poder. Então, eu pensei em algo mais provável, como o fato de que Ágnes pode ameaçar a garota, caso Isabell não coopere com a bruxa.

— Estás a dizer que ela poderia chantagear Bell para poder tê-la ao seu lado para seja lá o que ela deseja? — Festus perguntou, na tentativa de procurar entender o que o bruxo falava.

Cole lançou seus olhos cinzentos na direção de meu pai e assentiu.

— Mas o que ela poderia usar contra Bell? — perguntei, enquanto tentava lembrar-me de algo com que Bell pudesse se importar muito.

Um segundo de silêncio até o meu olhar e o de todos se dirigir a Klaus.

— Por que me olham? — ele perguntou, sem entender nada.

— Klaus, tu e Bell se encontram bem próximos no momento, não? — perguntei-lhe.

— É claro que estão! Os dois chegaram de mãos dadas no almoço, cheios de gracinha! — Emily disse no lugar de meu irmão.

Vi Klaus se encolher na cadeira, parecendo sem graça com o comentário de Emily.

— Vocês dois estavam tão fofos

mais cedo juntos! — Minha mãe falou, sorrindo para o filho.

— Vocês podem parar de falar de mim e da minha noiva? — Klaus pediu, parecendo incomodado.

— Só estamos a dizer fatos, meu filho! — meu pai disse, sorrindo. — Mas, me diga: vocês estão a se dar bem um com o outro?

Morrendo de vergonha, Klaus assentiu.

— Então, é tu mesmo! — falei. — Aposto que a Bell deve se importar

muito contigo, a ponto de fazer qualquer coisa que Ágnes queira para que nada te aconteça!

Klaus levantou uma sobrancelha em sinal de dúvida e depois revirou os olhos. Eu ignorei seus gestos e falei, apontando para o meu irmão:

— O que faremos com ele?

— Teremos que protegê-lo de algum modo! — Morgan falou.

— Proteger a quem? Eu? — Klaus gritou — É ruim, hein! Eu não estou a precisar de proteção nenhuma!

— Cale a boca! — Vladimir disse ao irmão e recebeu um olhar raivoso.

Eu ri daquilo.

Foi decidido que Klaus ficaria na mansão dos Dornells mais um tempo com a vigia de Cole e de Emily, caso as bruxas tentassem algo contra ele.

— Eu me recuso a aceitar isso! Posso muito bem me defender sozinho! — ele disse, indignado.

— Eu sei que você é capaz de se defender sozinho, mas não esqueça que

nós somos a segunda espécie sobrenatural mais poderosa que existe, perdendo apenas para as bruxas — Helena lembrou. — Infelizmente, não possuímos poderes que possam nos levar ao mesmo grau que elas!

Klaus bufou.

— Eu sei — ele disse, quase cuspiendo as palavras.

— Ótimo! Então, não se fala mais nisso! — Cole disse, dando fim à reunião.

Horas se passaram depois disso.

Esperamos aflitos por notícias de Isabell, que continuava sumida. Klaus estava impaciente, com raiva, e jurava que, se visse Ágnes, a mataria. Morgan teve que pôr um feitiço nele para acalmá-lo um pouco, o que o fez apagar por um tempo. Minha mãe estava no quarto vigiando de Klaus enquanto ele dormia profundamente.

Eu estava no quarto que eu e Emily estávamos dividindo, já que não havia mais quartos disponíveis e eu não queria dormir no mesmo quarto em que Vladimir dormia, porque ele roncava.

Eu estava sentada em minha cama enquanto Emily dormia e eu pensava um pouco. Minha mente estava sobrecarregada. Eu não achava que Klaus poderia ser o alvo de Ágnes, pois mesmo ele sendo importante para Bell, ainda poderia haver algo mais com que Bell se importasse muito também. Mas o que poderia ser? Suspirei quando não consegui achar nenhuma resposta.

Era tarde da noite quando ouvi passos do lado de fora do quarto. Quem estaria acordado àquela hora? Como eu

sempre tive o costume de nunca fechar a porta por completo, pude olhar pela brecha enquanto Vladimir entrava no quarto em que meu pai e minha mãe estavam dormindo.

O que ele fazia indo para o quarto dos nossos pais àquela hora, sendo que nossa mãe estava com nosso irmão? O que ele queria falar com nosso pai de tão importante a ponto de não poder esperar até a manhã seguinte?

Assim que ele fechou a porta depois de entrar no local, eu caminhei na ponta dos pés até lá e fiquei parada

em silêncio prestando atenção em qualquer ruído, voz ou outra coisa que eu pudesse ouvir dali.

— Parece que eles estão convencidos de que Klaus é muito importante para Isabell — Ouvi Vladimir dizer baixo.

— Tivemos sorte deles não pensarem em mais nada além disso...
— meu pai disse.

— Mesmo que viessem a pensar, não chegariam à resposta certa.

— Não tenha tanta certeza assim,

meu filho! Se chegaram a tal conclusão é porque não sabem o que mais poderia importar à garota tanto quanto ele. Mas é bom que tenham pensado desse modo! Assim, não vão atrapalhar nossos planos. — A voz de meu pai soava confiante.

— Acha mesmo que Ágnes vai conseguir usar a carta que tem para obrigar a garota a fazer o que queremos?

— Nós temos a carta perfeita para a jogada perfeita e já está na hora de usá-la!

Eu encarei a porta, espantada. Não podia acreditar que eles tinham algo a ver, de algum modo, com o sumiço de minha irmã.

— Agora é melhor tu voltar para teu quarto antes que Helena apareça aqui do nada! — Meu pai falou liberando meu irmão.

No próximo segundo eu só vi a maçaneta girando e corri num piscar de olhos para dentro do meu quarto. Vi quando Vladimir passou pelo corredor novamente e entrou em seu quarto. Suspirei e encostei a porta do meu

quarto e voltei para minha cama me enterrando nas cobertas. Minha mente girou e teve momentos de curto circuito enquanto eu tentava entender o porquê de meu pai e irmão estarem unidos a Ágnes e fazendo isso contra Isabell.

Antes que eu conseguisse dormir, — o que demorou muito — uma última pergunta ecoou em minha mente: *Qual é a carta tão perfeita que eles tinham para chantagear Bell a ponto de ela fazer tudo o que eles quisessem?*

Capítulo 22

Ruckia

Depois de ver meu irmão ter ataques, gritar com todos, quase subir pelas paredes e querer matar meio mundo, ele se sentou no chão pelo resto da manhã do dia seguinte. Klaus estava silencioso enquanto se perdia em seus pensamentos, e estava me deixando ainda mais preocupada.

— Ei! — falei, chamando sua

atenção enquanto me aproximava dele.

Klaus levantou a cabeça para me encarar. Sentei-me no chão diante dele e peguei sua mão.

— Não fique assim. Isabell é esperta e sabe se cuidar.

— Ela só tem 16 anos! Mesmo sendo um ser poderoso, ainda é quase uma criança! — ele sussurrou, meio melancólico.

— Tenha um pouco de confiança em sua noiva. Sei que ela está bem.

Klaus suspirou e voltou a encarar

o chão.

Mordi o lábio inferior, esperando que Bell desse algum sinal de que estava bem para que meu irmão parasse de se preocupar. E, estranhamente, foi isso que aconteceu. Quando olhei para o teto enquanto suspirava, vi o que parecia ser uma poça negra.

— Aquilo não devia estar no chão? — perguntei.

Klaus seguiu meu olhar e viu a poça, que pingou no chão.

— Mas que porra é essa? — ele

disse, se levantando.

Foi aí que aconteceu. No segundo seguinte nós vimos pernas e então ela saiu e caiu no chão dobrando um pouco os joelhos para não se machucar com a queda. Eu olhei para Klaus sorrindo, sabia que se o coração dele pudesse bater, estaria tendo um ataque cardíaco.

— Bell! — ele gritou.

Isabell olhou para ele e balançou a mão igual a quando a gente dá tchau a alguém. Klaus não esperou nem mais um segundo para abraçá-la e girá-la.

— Você está me apertando! —

Isabell disse, enquanto se sentia desconfortável com a força com que ele a abraçava.

— Céus! Tu estás inteira! Inteira!

— Klaus disse sorrindo e beijando Isabell por todo o rosto.

— Céus! — sussurrei, sorrindo.

— É muito amor!

— É claro que estou inteira! —

Bell parecia não estar entendendo a preocupação de meu irmão.

Klaus finalmente a colocou de

volta no chão e deu uma boa olhada nela.

— Eu pensei que algo tinha te acontecido! — De repente, ele já estava mal de novo. — Eu fiquei desesperado!

Bell levantou uma sobrancelha.

— Ouch! Não sei por que você ficou assim! Não tem motivo para isso.

Ela não devia ter dito aquilo para meu irmão. Os olhos de Klaus se tornaram negros e veias escuras apareceram em seu rosto. Ele estava

com raiva. Muita raiva.

— Eu não tenho motivo pra isso??? — ele gritou. — Tu foste sequestrada bem diante de mim e nem tive tempo pra fazer nada! Ninguém sabia se tu estavas viva!

Isabell o encarou com uma cara de tacho que... Meu Pai! O que aconteceu com essa garota?

— Eu vou para o quarto tomar banho porque estou com cheiro de gambá. Avise aos outros que voltei, sim? — E saiu andando para longe.

Nem Klaus nem eu acreditamos no que havíamos acabado de ouvir. Ficamos ali parados por um longo tempo sem entender nada.

— Eu vou matá-la! — Klaus sussurrou, enquanto a raiva subia à cabeça.

— Tu não vais fazer nada à tua noiva! — eu disse. — Eu vou ter uma conversa séria com ela e descobrir que diabos aconteceu a essa garota para ela estar agindo assim.

E deixei-o na sala sozinho para

me dirigir ao quarto do casal. Eu nem bati na porta, já entrei sem convite mesmo e encontrei Isabell sentada no chão com as costas na lateral da cama. Ela estava com os joelhos juntos à cabeça, que estava abaixada. Bell chorava em silêncio.

— Bell? — Eu a chamei em um sussurro.

Ela levantou a cabeça e me encarou ao secar as lágrimas em seu rosto.

— O que quer?

— Quero que me diga o que realmente está acontecendo.

— Nada. Não está me acontecendo nada! — ela disse com a voz tomando um tom de raiva.

— Se não estivesse acontecendo NADA, tu não estarias aí se derretendo em lágrimas!

Isabell me fuzilou com os olhos. Eu cruzei os braços e a encarei com a expressão mais calma que consegui. Ela se levantou e falou:

— Eu não vou ficar ouvindo

besteiras!

Ela se levantou me dando as costas enquanto andava a caminho do banheiro. Eu me pus na frente dela e a encarei novamente.

— Não me obrigue a tirar você do meu caminho! — Isabell disse.

— Vai usar magia contra sua própria irmã? — E pus a mão no peito.

Isabell apertou as mãos como se fosse me dar um soco, seu rosto estava vermelho de raiva.

— Ai, sua... suaa...!

— É, eu sei que sou demais! —

E lhe dei um sorriso. — Agora, respira fundo porque preciso te contar umas coisas que aconteceram enquanto tu estavas ausente.

Isabell deu um longo suspiro e esperou eu começar.

— É melhor se sentar, porque o que tenho a dizer não é bom!

Isabell me obedeceu e sentou-se na cama.

— Bem, eu descobri que Vladimir e meu pai estão a tramar contra

ti — comecei, indo direto ao assunto.

Os olhos da pequena bruxa se arregalaram.

— O quê?! — ela gritou.

— Fala baixo — pedi. — Se estiverem perto, podem ouvir!

— Mas, mas... como soube disso?

— Eu estranhei Vladimir estar a perambular pelo corredor na noite passada e o segui até a porta do quarto de meus pais. Minha mãe estava com Klaus, então não estava sabendo da pequena reunião dos dois traidores. —

Eu olhava para Bell enquanto explicava. Ela estava séria, prestando atenção em tudo que eu dizia. — Os dois falaram sobre ti e da jogada que tinham para que tu fizesses tudo o que eles desejassem.

Isabell parecia não acreditar em minhas palavras, ela enterrava os dedos no cabelo enquanto sua mente se enchia de pensamentos que eu tinha medo até de saber.

— Festus e Ágnes estão trabalhando... juntos! Eu não acredito que Festus fez isso comigo! Depois de pedir me para me chamar de filha... —

Seus olhos se encheram d'água —
Como ele pôde?

Eu sabia que ela estava muito magoada, então a abracei.

— Não fique assim, deixe para lamentar depois. Agora temos que nos concentrar em conseguir mais informações do que eles realmente pretendem... o que me faz lembrar... —
Eu me afastei para encará-la — O que Ágnes te disse enquanto estavas sumida?

A tristeza sumiu do rosto de Bell para dar lugar ao medo e receio.

— Bell? O que ela usou para te chantagear?

Bell abaixou a cabeça e sussurrou:

— Ágnes está com os meus pais.

— O QUÊ? Seus pais estão vivos?

— É isso aí. Você ouviu certo.

— Céus! O que faremos para salvá-los?

— Eu não sei, mas precisamos salvá-los logo. Ela quer usá-los para fazer com que eu fique do lado dela e daqueles dois traidores.

Então, eu sorri fazendo com que Bell ficasse sem entender nada. Dava até para imaginar um enorme ponto de interrogação na frente da testa dela.

— É isso!

— Isso o que, mulher?

— Eu tive uma ideia.

Capítulo 23

Isabell

Passaram-se alguns dias e, em cada um deles, Ruckia e eu ficávamos atenta a cada passo de Vladimir e Festus. Fomos muito cuidadosas, então acreditamos que eles não perceberam nada. Nesse mesmo tempo, ainda tive que ouvir um bruxo de cabelo azul, Morgan e Helena no meu ouvido perguntando se Ágnes me fizera algo, como escapei da casa para a qual ela me levara e se ela não tinha me obrigado a fazer nada.

Obviamente, eu neguei ter sido machucada pela bruxa, o que era verdade. Falei também que consegui

escapar assim que ela me trancou em um quarto e menti sobre ela ter me obrigado a fazer algo.

Com as coisas mais calmas e nenhum sinal de Ágnes ou de alguma outra bruxa que estivesse ajudando-a, nossa família retornou ao lar acompanhada por Cole e Emily, que decidiram vir junto conosco pra nos proteger, caso Ágnes tentasse algo contra alguém que eu amasse ou a mim.

Era começo de tarde quando todos, menos Vladimir, que disse que estava cansado e que não faria diferença

o fato dele estar ou não presente, saíram para ter uma conversa com os outros vampiros representantes da sede sobre a situação na qual nos encontrávamos. Emily ficou conosco para nos proteger de algum possível ataque surpresa, enquanto Cole acompanhou os outros. Antes de Ruckia sair, ela me pediu para ficar atenta ao seu irmão, até porque era estranho Vladimir simplesmente querer ficar em casa.

Emily começou a preparar o almoço, já que Gub pediu demissão por estar mal por ficar numa casa cuja

família a qual servia tinha sido traída por seu próprio irmão. Enquanto Emily preparava o almoço, nós duas conversamos sobre como quando ela aprendeu a cozinhar e outras coisas relacionadas à comida.

Nós duas preparamos a mesa colocando um caminho de mesa enorme de crochê de cor branca, as taças, os pratos e talheres, as panelas no centro, jarras de suco, vinho e... fiz até cara feia quando coloquei a última jarra cheia de sangue na mesa.

Vladimir logo se sentou conosco,

pegou sua jarra e encheu seu prato com o líquido escuro, pegou uma colher e começou a tomar aquilo como se fosse sopa.

Eu olhei para Emily e vi que ela também o olhava com nojo. Eu enchi meu prato de estrogonofe e pus suco de laranja em minha taça.

— Quer suco também? —
perguntei à Emily.

Ela me deu um pequeno sorriso e disse:

— Sim, por favor.

Eu enchi sua taça e deixei-a a apenas um dedo da borda.

— Obrigada.

Eu lhe dei um sorriso meigo e comecei minha refeição.

— Então, meninas, o que vamos fazer essa tarde? — Vladimir perguntou do nada.

Eu olhei para ele surpresa. Ele estava sugerindo que nós três fizéssemos algo juntos?

— Bem, acho que eu vou para a biblioteca ler algo. — Emily

respondeu sem olhá-lo.

— E tu, Isabell? — ele me perguntou.

Dei de ombros. Eu não tinha planejado nada para fazer o resto da tarde.

— Acho que vou dormir, ou arrumar umas coisas em meu quarto... coisas do tipo. E você? — Eu só perguntei por educação mesmo.

— Não sei ainda, acho que também vou ler ou assistir um filme...

— Hum.. — falei, sem interesse

algum.

Passamos o resto do tempo da refeição em silêncio. Eu já não aguentava mais sentir o cheiro de sangue do meu lado e desisti de comer o estrogonofe. Quando cheguei havia um pouco mais da metade do prato e eu estava enjoada só de ver Vladimir tomando aquilo e parecendo gostar muito.

Credo, pensei, acho que mesmo que eu me tornasse uma vampira como ele um dia, não iria gostar de tomar sangue nunca, seja lá de qual ser vivo

fosse.

Assim que o fim da refeição chegou, Vladimir e eu ajudamos Emily com os pratos e o resto. É, eu sei, é estranho pensar em Vladimir ajudando alguém. Nós lavamos tudo, secamos e guardamos.

Eu fui para o meu quarto e fiquei deitada por um tempo pensando em meus pais.

Uma lágrima até escapou do meu olho e eu sorri ao perceber que não estava sozinha todos esses anos, que meus pais me amavam e que fizeram de tudo para

me proteger.

Meus doces pensamentos foram interrompidos quando escutei a porta ser aberta. Eu me sentei e vi Vladimir entrar no quarto com os olhos em mim.

— O que quer? — perguntei.

Vladimir fechou a porta atrás de si e me encarou.

— Sabe, no dia em que nossa família visitou aquele orfanato e te encontrou, eu fiquei impressionado com a sua beleza. O seu jeito, o seu olhar... eu logo reparei que era diferente.

Ele deu um passo à frente.

— Eu esperei tanto por uma oportunidade como esta!

— Posso saber do que está falando? — Ele estava tramando algo.

Então, o susto. No segundo seguinte, Vladimir estava em cima de mim e com o rosto tão perto do meu que me fez recuar para trás e cair totalmente na cama.

— Agora entende do que falo?

— sussurrou com malícia presente na VOZ.

Céus! Eu estava com uma mistura de medo e susto por dentro.

— Seu coração está batendo tão forte... está assustada?

— O que está fazendo, Vladimir?

Seus olhos cor de vinho desceram até o meu decote.

— Acho que sabe a resposta.

— Você é louco? Se Emily nos ver assim...

— Emily está na biblioteca lendo um livro neste exato momento, eu passei

por lá há pouco tempo e ainda faltavam umas quarenta páginas pra ela terminar a história, além de eu acabar de escutá-la mudar de página. Acho que ainda vai levar uma hora ou mais para ela terminar. — Seus olhos voltaram-se para os meus. — Podemos fazer muita coisa em uma hora, não acha?

Eu abri um sorriso travesso e passei a mão em seu rosto.

— E que tal isso? — Pus minha mão em seu peito, jogando-o para a parede.

Vladimir ficou imóvel ali, preso diante de mim.

— Não encoste em mim, entendeu? Nunca mais! — Eu o repreendi.

Vi quando algo como ódio ou raiva tomou conta de seus olhos escuros.

— Vais se arrepender disso! — jurou.

Dei um meio sorriso.

— É o que vamos ver! — E saí do quarto deixando-o jogado no chão.

Capítulo 24

Klaus

Tínhamos chegado à sede e encontrado os representantes, a reunião havia sido marcada em segredo para evitar surpresinhas como da última vez.

Encontrei Domenic, o noivo de minha irmã, logo de primeira, e assim que ele viu Ruckia a abraçou fortemente e beijou-a na testa com ternura. Naquele mesmo momento lembrei de minha amada Isabell. Eu estava muito

preocupado em deixá-la em casa sozinha com Vladimir e Emily, pois mesmo a bruxa sendo poderosa, não acreditava que apenas ela fosse capaz de proteger meu irmão e minha noiva. Assisti Ruckia colocar uma mecha do cabelo ruivo de seu amado para o lado e dizer-lhe que o amava muito. Suspirei. Mal havia chegado e já queria retornar aos braços de Bell, mesmo ela estando tão estranha comigo.

Na Sala da Mesa do Destino, todos nós nos sentamos e Otto, o mais velho vampiro de nossa raça, iniciou a

reunião.

— Como todos aqui já sabem, assim como nós temos conhecimento sobre a profetizada, muitos outros seres do nosso mundo também têm. Porém, o que nos preocupa é o fato das bruxas também saberem sobre a garota. Eu fui avisado, há meia hora, por uma de nossas agentes duplas, que Ágnes pretende reunir um exército de bruxos de magia negra para nos atacar, alegando que os vampiros estão pondo Isabell contra sua própria raça, que seriam as próprias bruxas.

— Que motivo ridículo! —

Marta, uma vampira de cabelo roxo e olhos verdes como os meus disse: — A quem elas acham que estão a enganar?

— Por incrível que pareça, elas estão conseguindo enganar quase um terço dos seres do nosso mundo! — Otto respondeu. — Muitos minotauros, metamorfos, duendes e outros seres estão se aliando a elas.

— Céus! O que faremos? — Minha mãe perguntou, aflita.

— Teremos que começar a unir

nosso exército! — meu pai disse, se levantando.

— Eu concordo. — Marta se levantou também. — Temos que começar a juntar o quanto antes todas as nossas forças!

— Alguém aí sabe quando será o ataque? — Domenic perguntou.

— Ainda não temos tal informação, só sabemos que será logo! — Otto respondeu.

— E quanto a Isabell? — Ruckia perguntou, parecendo

preocupada.

Todos olharam para Otto esperando uma resposta.

— A menina deve ser protegida e vigiada noite e dia, a todo momento. Não podemos deixar que Ágnes se aproxime dela nunca, pois essa víbora é capaz de tudo para conseguir poder, ainda mais um poder tão grande quando o de Isabell.

— Que assim seja, então — meu pai concordou, sério.

Eu fitei Festus por uma fração de

segundo e ele parecia muito atento àquela reunião. Não que ele fosse avoado ou algo do tipo nas reuniões anteriores, porém nessa ele parecia mais empenhado que nunca. Eu dei um meio sorriso. Meu pai era um homem incrível! Um exemplo perfeito de ser sobrenatural a se seguir. Bem, era o que eu pensava.

O Conselho conversou um pouco mais sobre Isabell e foi decidido que algumas pequenas tropas de bruxos de magia pura iriam nos acompanhar até em casa e lá ficariam até o próximo comando.

Com o fim da reunião, eu parei por alguns segundos para pensar em Bell. Todos se empenhavam em protegê-la, em instruí-la em relação à magia, dar-lhe conhecimento sobre o nosso mundo e tantas outras coisas que não percebiam do que Bell mais precisava naquele momento, que era nada mais nada menos que ser ouvida e compreendida. Tudo aquilo estava caindo nas costas dela de modo muito rápido e complicado, deixando-a perdida, triste e com raiva ao mesmo tempo.

Quando meus pensamentos se foram, percebi que só havia eu sentado em minha cadeira, Otto conversando com um de seus aprendizes no canto da sala e Liandra, que se aproximou de mim. Eu nem tinha notado sua presença na sala até aquele momento.

— Oi, viajante! — ela disse, sempre alegre.

— Viajante?

— É! Essa sua cara aí de quem está a viajar em pensamentos está bem óbvia!

Eu lhe dei um pequeno sorriso.

— O que foi? Por que tu te encontras assim? — Liandra perguntou, parecendo preocupada.

Suspirei.

— Coisas... só coisas...

Ela me fitou em silêncio por alguns momentos e em seguida pegou minha mão e me puxou para fora da cadeira.

— Pois não fique assim! — ela disse, ficando alegre novamente. — Tenho uma coisa a te mostrar!

E me puxou para fora da sala.

— O que é? — perguntei, enquanto estranhava ela estar me levando para as mesmas escadas onde Bell e eu subimos na noite da reunião.

— Tu já vais saber!

Continuou a me puxar por mais dois corredores de grande comprimento até abrir a porta de um quarto e me jogar dentro dele.

— O que queres me mostrar tanto assim, Liandra? — perguntei, estranhando ela estar trancando a porta

atrás de si. Provavelmente, ela não queria que ninguém interrompesse o que eu pensei que seria a nossa conversa.

Liandra se virou para mim e abriu um largo sorriso.

— Tu estás estranha! — falei, levantando uma sobrancelha.

Sem dizer nada, ela começou a desamarrar seu corpete roxo. Vi seus seios fartos se mostrarem um pouco mais.

— O que estás a fazer, Liandra?
— perguntei, assustado.

— Estou a te fazer lembrar de velhos momentos! — E então deixou o corpete cair e começou a descer o zíper nas costas do vestido com calma.

— É melhor parar, eu não posso mais fazer isso...

Meus olhos se arregalaram quando ela deixou o vestido já aberto cair ao chão e revelar seu corpo completamente nu.

— Eu sei que tu gostas! — E pôs-se na minha frente no segundo seguinte.

Liandra pegou minha mão e a passou por seu pescoço até seus seios, mas eu afastei minha mão antes que tocasse seus mamilos rosados.

— Pare! — E me pus no outro canto do quarto de costas para ela. — Coloque tua roupa de volta!

— Ah, vamos lá, Klaus, vamos nos divertir um pouquinho? — E senti seu corpo tocar o meu por trás.

Eu podia sentir o cheiro que ela exalava, indicando que estava em seu período fértil e aquilo me deixou louco.

— Eu estou tão pronta para ti! Me possua! Me use! — ela disse em meu ouvido enquanto se esfregava em mim.

Liandra era o tipo de mulher que todo homem sonhava ter, era bela tanto de rosto quanto de corpo, possuindo tudo na medida certa. Ela estava me deixando cada vez mais fora de mim. Então, prendi a respiração por um momento e tentei pensar em qualquer coisa que me viesse à cabeça primeiro e pensei em Bell, minha doce Bell. E foi o suficiente para eu conseguir encontrar forças contra minha própria natureza, me

virar para Liandra e olhar seus olhos escuros.

Ela aproximou o rosto e tentou me beijar, mas antes que conseguisse, eu disse:

— Se acha que vai conseguir algo de mim, estás enganada. A única mulher a qual eu pretendo beijar, tocar e acariciar está em casa e provavelmente vai me receber com gritos quando eu retornar, porque imagino que se encontre com TPM, porém é a única a qual eu desejo e amo.

Liandra ficou com cara de tacho para mim.

— Mas... e nós dois? — perguntou, enquanto lágrimas ameaçaram escapar de seus belos olhos.

— Eu sinto muito, mas "nós" deixamos de existir desde que Bell retornou à minha vida. E agora ela é tudo de que eu preciso.

Não perdi tempo. Peguei seu vestido do chão e joguei para ela, que o agarrou no ar enquanto me fuzilava com os olhos.

— Foi um prazer revê-la, minha cara. Até um dia, talvez.

Capítulo 25

Isabell

Não é fácil sentir-se traído por aqueles que são queridos por ti. Quando isso acontece, é como se a dor ferisse o coração de dentro para fora.

Era nisso o que eu pensava em uma tarde chuvosa. Talvez fosse dois ou três dias depois da última reunião na sede, realmente sinto muito, mas não me recordo muito bem. Tudo de que lembro é o som dos raios caindo lá fora e ecoando em minha mente enquanto eu xingava Vladimir e Festus por dentro e olhava para um livro aberto de feitiços, no qual eu tentava me focar na biblioteca.

Eu tinha uma vontade absurda e oculta de dar um fim naqueles dois. Que pagassem pela traição que cometeram à

própria família. Mas, ainda que eu ansiasse por vingança, Ruckia tinha me pedido para me segurar e esperar o momento certo, pois o destino se encarregaria de castigá-los por seus erros.

— Senhorita? — alguém chamou e tinha a voz fina.

Eu olhei pra cima e vi Féxia. Acho que você, meu caro leitor, talvez não se lembre daquela pequena fadinha que mencionei no primeiro dia em que eu acordei na casa dos Durand. Féxia era uma fada muito lindinha, tinha

cabelos cor-de-rosa e olhos azul-claros e era uma espécie de bibliotecária da nossa família, já que era ela quem cuidava dos livros da casa.

— Oi, Féxia! — eu disse com um pequeno sorriso.

— Está tudo bem, senhorita? — Vi preocupação presente em seus olhinhos.

Eu lhe assenti, mentindo.

— Não me parece bem...

Ela não estava convencida com a minha resposta. Ótimo.

— Só estou com sono... não tenho dormido muito bem esses dias... — Não era totalmente mentira.

— Não se preocupe, eu lhe farei um chá e...

— Não! — Quase gritei, fazendo com que ela levasse um susto — Eu... ando meio traumatizada com chá. Vai demorar um pouco até que eu possa tomar isso novamente.

Féxia abaixou a cabeça, deixando com que eu pudesse ver melhor suas pequenas asas.

— Perdão! Perdão! — pediu,
quase implorando.

— Ei! — Eu a chamei.

Ela me olhou novamente.

— A culpa não é sua, OK? —
sussurrei.

Ela assentiu com a cabeça. Eu lhe
dei um sorriso.

— Vamos mudar de assunto!

— Do que gostaria de falar?
— ela perguntou, enquanto pousava em
cima do livro que eu estava lendo.

Dei de ombros.

— Eu já sei! — disse, toda alegre. — Você está animada com o seu casamento com o senhor Klaus?

Fiquei surpresa com a pergunta. Eu andava com tanta raiva nos últimos dias que já havia me esquecido daquele assunto.

— Bem, estou sim.

— E você acha que ele te ama?

— Féxia perguntou, parecendo uma menininha de oito anos perguntando sobre paixão.

Um pouco corada, respondi:

— Eu vejo isso nos olhos dele toda vez que ele me olha.

— Aiii, que fofo! — E soltou um gritinho que me fez rir. — Vocês já planejaram quantos filhos querem ter?

Eu olhei para o nada, lembrando-me da nossa conversa sobre filhos.

— Quanto a isso, nós ainda não chegamos a um acordo, mas sei que vamos ter no máximo dois.

— Como tem certeza disso? — O pequeno ser curioso perguntou.

Passei a mão no cabelo.

— Porque dessa maravilha aqui, oh!... — E aponte para mim mesma — Só saem no máximo dois.

Féxia riu. Riu e riu.

— É sério que ainda queres só dois? — uma voz atrás de mim perguntou.

Eu me virei, já sabendo que era ele e o encontrei apoiado no batente da porta.

— Sim, e já aviso que isso não está aberto a discussão — falei, sorrindo.

Klaus se aproximou devagar. Notei que ele carregava uma maçã verde nas mãos enquanto se aproximava.

— Tu que pensas. — E sorriu de volta. Seu olhar se dirigiu a Féxia. — Tu podes nos dar um tempo as sós, por favor?

Ela assentiu e começou a voar para longe. Assim que Klaus e eu ficamos a sós, ele pegou uma cadeira e se sentou à minha frente no outro lado da mesa.

— Tu vais me dizer em algum

momento o que anda te preocupando?

Eu abaixei a cabeça.

— Eu não sei se seria bom te contar... — sussurrei.

Klaus suspirou.

— Bem, vou esperar então até que se sintas à vontade para desabafar comigo. Só te peço que não fique do modo que ficaste comigo no dia em que retornaste naquela poça de sei lá onde, OK? Tu cortas-me o coração quando me trata daquele modo.

Nossos olhares se encontraram e

eu assenti.

— Desculpe — sussurrei.

— Mas então, fico feliz que vejas em meus olhos o quanto eu te amo. —
Havia um meio sorriso presente em sua face.

Senti vontade de me esconder naquele momento.

— Você escutou minha conversa com Féxia? — Eu não acreditava que ele havia feito aquilo.

— Talvez. Tem algum problema eu ter feito isso?

Eu o fuzilei com os olhos.

— Não. — E fiz bico.

— Que coisa mais fofa! — Ele sorriu.

— O quê? — perguntei, querendo saber sobre o que ele falava.

— Esse bico aí! Estás a pedir um beijo meu?

Fiquei vermelha.

— Não! — E cruzei os braços.

— Não precisa ter vergonha... eu te dou um se quiseres — E apontou para seus lábios.

Eu o fulminei e ele riu. Peguei meu livro e o fechei. Levantei-me da mesa com o livro nas mãos e comecei a bater em Klaus com ele.

— Seu folgado!

Ele começou a rir como louco e nem se importou com minhas livradas. Eu ri também enquanto lhe batia mais. Em algum momento, Klaus agarrou meu pulso e me puxou para si. Caí em seu colo e fui torturada cruelmente por suas mãos hábeis, que me fizeram cócegas na cintura. Eu comecei a rir alto e a me jogar pra trás enquanto ele continuava a

fazer aquilo.

— Para! — E ri mais.

— Não enquanto não me pedir para te dar um beijo!

Aquilo era maldade! Ele estava me chantageando!

— Eu não vou lhe pedir isso! Nunca!

Então, Klaus parou de repente e olhou no fundo de meus olhos com uma expressão traiçoeira. E tudo o que veio a seguir foi bem rápido, em pouquíssimos segundos, para ser mais

exata. Klaus me colocou na mesa e jogou um livro que estava no canto do móvel para longe. Eu levei um susto com sua rapidez e só entendi o que ele pretendia fazendo aquilo quando ele tirou o terno e rasgou brutalmente o corpete que eu usava antes de se pôr acima de mim. Eu estava ofegando por causa dos risos e de sua doce tortura de momentos antes, porém o encarava séria, com os olhos fixos nos dele.

— Agora tu vais me pedir? — ele disse em um sussurro ardente.

Eu mordi o lábio. Vi desejo

revelar-se em sua face com o meu ato.

Passei as pernas por seu quadril enquanto passava a língua levemente pelos lábios, provocando-o com minha tentativa bem-sucedida de ser sensual.

— Terás que roubar de mim! —

E pus as mãos em sua gravata, começando a desmanchá-la.

Klaus não resistiu a mim e selou nossos lábios com um beijo intenso e caloroso. Ele parecia desesperado a cada movimento que realizava com a língua. Consegui tirar sua gravata e começar a abrir os botões de sua

camisa, mesmo enquanto o beijava. Ele afastou os lábios dos meus de repente e me olhou com ainda mais desejo. Seus olhos desceram até meus seios e ele pôs as mãos na borda do decote do vestido, rasgando o tecido até o fim de minha barriga. Klaus encarou meus seios nus à mostra e passou a mão entre eles, descendo com um dedo até o fim da minha barriga. Eu gemi com seu toque.

— Eu posso sentir a sua feminilidade, sei que está pronta pra mim e eu estou louco para estar dentro de ti mais uma vez... — disse, olhando

para meu corpo.

Sem dizer mais nada, ele abocanhrou um dos meus seios e girou a língua em volta do bico antes de começar a das sugadas e mordiscadas deliciosas. Eu estava enlouquecendo! Estava desesperada para tê-lo ali mesmo. Levantei a cabeça para observar meu noivo sendo hábil com a boca quando vi pelo canto do olho que alguém estava na porta aberta, olhando-nos por uma brecha. Era Vladimir. Eu o encarei séria e ele me encarou de volta. Seus olhos estavam negros e havia veias

negras em alto relevo por sua pele pálida. Eu sabia que ele estava furioso por me ver daquele modo com Klaus.

Eu não fiquei com medo, na verdade não me importei nem com o que ele achava. Afinal, Klaus era meu e eu dele e não estávamos fazendo nada de errado. Encarei Vladimir uma última vez e então estiquei o braço e mexi a mão uma vez de um lado para o outro, assim fechando a porta na cara do vampiro.

Capítulo 26

Isabell

Sangue quente escorria por meu braço. Eu estava parada e assistia a toda uma guerra que estava acontecendo ao meu redor. Se isso é um sonho? Não, não é. Está achando estranho esse capítulo começar assim? Acha que eu esqueci de escrever o resto da história antes de chegar a tal momento, meu caro leitor? Não esqueci, não, vou resumir o que aconteceu dias antes.

Ruckia e eu tivemos uma conversa particular com Helena e contamos a ela sobre a traição do marido e do filho. Ela duvidou de nossas palavras no início, mas convenceu-se assim que percebeu que não estávamos brincando. Como ela reagiu? — risos irônicos. — Ela chorou como louca, xingou os dois, quis matá-los e lamentou novamente com lágrimas. Lembro-me que fiquei com pena, mas era preciso contar-lhe logo antes que ela pudesse descobrir da pior maneira. Klaus não reagiu muito diferente quando também ficou sabendo.

Ele não chorou, mas pude ver a raiva em seus olhos. Tivemos que acalmá-lo muitas vezes para que não estragasse todo o nosso plano. Com todo o resto da família sabendo da traição, mantivemos tudo em segredo. Houve mais uma reunião na sede, essa foi marcada às pressas porque Otto tinha notícias urgentes para dar a todos. A nossa família toda, incluindo os dois traíras, foi à reunião, quando percebi que muito mais vampiros haviam comparecido do que à última que eu tinha ido.

Otto surgiu no topo da escada no meio do grande salão onde todos nos encontrávamos.

— Minhas notícias não são boas. Desculpem-me por ter chamado a todos desse modo, mas é urgente o que tenho a dizer — Otto começou, já me deixando arrepiada de medo. — Uma carta do nosso informante chegou a mim no começo desta manhã, e nela estava escrito que Ágnes reuniu um exército com quase cem mil bruxas, metamorfos, alguns lobisomens que não aceitam o acordo de paz que a espécie tem

conosco e alguns mais, cuja informação ainda não é conhecida.

— Droga! — Klaus reclamou baixinho ao meu lado.

— Estamos com problemas! — Ruckia disse.

— Problemas é pouco para o que estamos passando, minha irmã — disse Vladimir. — Estamos é fudidos!

Meu rosto se virou lentamente para Vladimir, que olhava para Otto e nem reparou meu olhar raivoso. Eu queria desmascará-lo ali mesmo, mas

aquele traidor iria pagar no momento certo. Eu me virei para o outro lado e vi Klaus dirigir o mesmo olhar que eu para o irmão.

— Se acalme, querido — pedi, quase encostando o lábio em seu ouvido para que só ele pudesse me ouvir.

Ouvi Klaus dar um longo suspiro antes de voltar sua atenção para o líder daquela raça de vampiros.

— Nós também estamos agindo, já enviamos pedidos de ajuda através de cartas para outras raças de vampiros

pelo mundo, raças de lobisomens, fadas, trolls, manticoras, ogros, além de criadores que grifos, dragões e todo tipo de animais que possam ser usados em batalha — Otto continuou. Deu um segundo de silêncio e então um suspiro. — Esta não será só uma guerra por orgulho de quem é mais forte como muitos aqui pensam, será por território, por vingança, e por assuntos mal resolvidos do passado. Estejam prontos, não sabemos quando será o dia, mas será muito breve.

Então, pude sentir a tensão que se

espalhou pelo lugar. Todos estavam apavorados, com medo não por si mesmos, mas por suas famílias, pois se o nosso lado perdesse, não ganharia só o título de perdedor, ganharia também a chance da extinção.

Otto começou a orientar todos a ficarem atentos nos próximos dias e que, se algo acontecesse, avisássemos a todos imediatamente.

Eu acabei não conseguindo entender muita coisa porque uma chuva grossa lá fora se iniciou junto com raios, cujo som abafava a voz dele. Como eu

não tinha uma audição incrível como a dos vampiros ficou complicado, tive que utilizar um pouco da habilidade que eu possuía de fazer leitura labial, mas logo desisti.

Assustei-me quando um raio caiu em algum lugar perto dali. Todos olhamos para uma enorme janela com uma vidraça impecável, que nos possibilitava ver tudo lá fora, incluindo os pingos de chuva que caíam na parte de fora e manchavam o vidro de... vermelho?!

— Céus! — ouvi uma voz

feminina gritar lá na frente do salão, provavelmente tão assustada quanto o resto ao ver a chuva grossa do que parecia ser sangue caindo.

Mas o que deu mais medo foi quando letras começaram a aparecer na vidraça, letras escritas com sangue. Eu senti um calafrio tomar-me o corpo quando as seguintes frases foram terminadas e o sangue já começava a derramar se: “Daqui a 2 dias, às 2h, onde o nascimento que deu início a tudo aconteceu. Preparem se, pois falta pouco para seu fim.”

Então o pânico teve início! Meu Pai! Uns gritavam, enquanto outros começavam a orar e outros já começavam a planejar estratégias. Como se já não bastasse aquele barulho ensurdecedor, Klaus começou a conversar com a mãe e a irmã na minha frente, já planejando o que iam fazer em relação a mim como se eu não estivesse ali para decidir.

Aquele barulho de chuva, raios e gente gritando e falando estava me deixando louca! Eu estava com medo de acabar surtando. Pus as mãos nos

ouvidos e fechei os olhos com força. Respirei fundo algumas vezes tentando me acalmar, mas aquilo não estava dando certo. Então, eu explodi.

— Calem a boocaaa! — gritei o mais alto que pude.

E então, silêncio. Todos olharam para mim. Que constrangedor. Abaixei as mãos e respirei fundo.

— Prestem atenção! — falei alto.
— Não podemos ficar aqui parados em pânico! Enquanto estamos aqui desse modo, as bruxas estão lá com tudo

planejado para obter a vitória! Enquanto estamos aqui assustados, elas estão rindo de nós e fazendo apostas de quanto tempo duraremos em campo de batalha! — Eu estava apavorada por dentro, mas continuei: — Não podemos perder nenhum segundo porque o tempo é precioso!

— E o que acha que devemos fazer? — um homem lá no fundo gritou.

— Estratégias! Eu escutei alguns poucos começando a elaborar algumas. Juntem as estratégias e escolham as melhores, não se esqueçam que pouco

importa o quanto os jogadores são bons se o tabuleiro não for bem usado! Utilizem bem o campo de batalha e tenham em mente os pontos fracos das bruxas, pois elas sabem os seus! Eu não estou nesta guerra só para ganhar um título de vencedor, porque eu não me importo com isso. Eu estou nesta guerra para pôr um fim a esse confronto entre bruxas e vampiros. Afinal, ninguém deve ser mais do que ninguém! Então, estão comigo?

— Eu estou! — Uma garota que não parecia ter mais do que treze ou

quatorze anos falou dando um passo à frente. — Eu lutarei pelo fim desse preconceito, já estou cansada de tudo isso!

— E eu também! — Um menino ainda menor do que ela disse, também dando um passo à frente.

— Eu também! — Mais alguns disseram, dando coragem aos outros.

Em questão de segundos, praticamente todos no salão também me apoiaram. Eu olhei para Klaus e o vi sorrir pra mim, vi orgulho em seus

olhos. Vi também pelo canto do olho Festus e Vladimir surpresos pelo apoio de todos a mim e sorri com a pequena vitória. Era bom que eles estivessem assistindo a tudo aquilo para verem que eu não estava de brincadeira. Eu olhei para a frente novamente e dei um meio sorriso.

— Todos, agora, ao trabalho!
Temos muito a fazer!

Assim que cada um foi para um lado, eu puxei Helena e Ruckia para um canto e falei:

— Vocês duas, distraiam os dois enquanto Klaus e eu nos juntamos aos outros para armarmos o plano.

As duas assentiram e deram início à sua parte. Eu peguei Klaus pela mão e o puxei, falando:

— Vamos! Temos muita coisa para fazer em dois dias.

Capítulo 27

Isabell

E lá estávamos nós, todo o pessoal do Conselho em volta de uma enorme mesa discutindo sobre as armadilhas, a linha de frente e um monte de outras coisas às 11 e pouco da noite.

— Pense bem: as bruxas, fadas e ninfas possuem magia própria, o que lhes permite lançar feitiços de defesa e ataque apenas tendo uma breve visão do campo de batalha — Otto disse fazendo uma observação. — O melhor é

que todas fiquem nas montanhas mais atrás para poderem ter melhor chance de ataque, não acha?

Eu assenti. Ele tinha razão.

— Senhor Russel! — chamou um ruivo de cabelo laranja e olhos azuis que adentrava a sala.

— O que se passa, senhor Addams? — Otto perguntou ao garoto, que parou na nossa frente.

— Os cambions estão aqui. Vieram responder pessoalmente ao seu pedido de ajuda.

Otto e eu trocamos um olhar de surpresa. As grandes portas que guardavam a sala foram abertas e um grupo de quatro do que pareciam ser homens adentraram em silêncio e se aproximaram de nós.

Eles pararam poucos passos à nossa frente e um deles se pôs mais perto de nós. Esse era alto, bronzeado, com os cabelos escuros penteados para trás e olhos mais claros do que mel.

— Meu nome é Liam Burton. Estou aqui para representar aos súcubos e aos cambions, que, no caso, é o que

somos. — Ele reverenciou a Otto e a mim como demonstração de respeito.

Otto e eu fizemos o mesmo, reverenciando-o também.

— Eu me chamo Otto Russel, sou um dos líderes da nossa raça de vampiros.

Com Otto tendo terminado sua apresentação, o belo homem me olhou. Fiquei sem compreender por um segundo o que ele queria, mas logo minha mente parou de dar *loading* e eu me apresentei também:

— Meu nome é Isabell Bergmann,
sou uma bruxa.

— Mas não uma simples bruxa

— Otto foi rápido em lembrar.

Meio sem graça, eu falei:

— Bem, segundo o que todos me dizem, eu sou a bruxa da profecia.

Liam me olhou parecendo espantado.

— Está dizendo que é a dona da profecia mais famosa do mundo sobrenatural? Aquela que colocará um fim na maior guerra de todos os tempos?

— Essa mesmo! — Otto se

apressou em confirmar as suspeitas do belo cambion à minha frente.

Olhando para o chão eu sussurrei:

— Pois é.

— É um prazer conhecê-la, milady. — Ele pegou minha mão e beijou-a.

Corei com o ato.

— Bem, fico feliz que esteja aqui, é mais um motivo para nós nos juntarmos a essa guerra! — Sorri. — Então, vocês aceitam nosso pedido de

ajuda?

— Conte conosco — ele disse, olhando no fundo dos meus olhos.

Nesse momento senti o mundo parar e só havia ali ele e eu.

— Obrigada — E abri mais o sorriso.

Era tarde da noite, já passava das 11 horas e nós ainda estávamos planejando tudo. Para nossa alegria,

mais respostas chegaram de clãs de bruxas e treinadores de animais que, por intermédio de uma carta ou por um mensageiro, aceitaram nosso pedido de ajuda. Aquilo era ótimo, porém ainda tínhamos mais detalhes do plano que precisavam ser revistos com todo cuidado para que não houvessem erros quando o momento chegasse. Estávamos eu e Marta dando uma rápida revisada em tudo quando Klaus entrou e me chamou.

— O que foi? Algo aconteceu? —
perguntei a ele, já ficando nervosa e

preocupada.

— Na verdade, é algo que não aconteceu, mas que devia ter acontecido.

Aí é que eu fiquei mais preocupada ainda.

— Diz logo o que é.

— Tu.

— Eu?

— Sim. Tu.

— Eu o quê? — Eu fiquei

assustada.

Klaus levantou uma sobrancelha.

— Tu ainda não jantaste — ele finalmente respondeu.

Suspirei, enquanto revirava os olhos.

— Garoto, você me deixou nervosa à toa! — reclamei.

— À toa? — Ele riu — Desde quando não jantar é algo que não seja importante? Vamos para casa.

— Ah, mas eu...

— Ah mais nada!

Eu me virei para Marta, que assistia a tudo em silêncio.

— Nós temos que terminar...

— Amanhã — Klaus disse pegando no meu braço.

— Isabell? — Marta chamou.

Nós dois a olhamos. Com um pequeno sorriso no rosto ela disse:

— Não falta muita coisa aqui. Nos vemos amanhã.

Eu ia contestar, mas Klaus me juntou a si e tudo o que vi a seguir foram vultos por alguns segundos. Quando finalmente eu vi tudo claro outra vez, eu

me afastei de Klaus e pisei no pé dele com força. Ele me olhou sem entender nada.

— Por que fizeste isso?

Cruzei os braços.

— Eu estava ocupada! Não tinha o direito de me tirar de lá, ainda mais daquele modo.

— É claro que eu tinha, sou teu noivo. E se te tirei de lá daquele modo foi porque sei que tu não sairias antes de terminar o que estava fazendo e também porque me importo contigo — ele

falou, sem perder o tom calmo da voz.

Mordi o lábio e o encarei emburrada.

— Te deixei sem palavras? — E sorriu — Essa é nova.

Eu desviei os olhos dos dele e segui para a cozinha de casa, onde percebi que Emily tinha deixado um bilhete.

Querida Bell, deixei teu prato e o de teu noivo na geladeira, quando sentirem fome é só esquentá-los no micro-ondas, há também suco e outras

bebidas na geladeira, além de pudim de sobremesa para ti. Espero que goste.

Bom apetite.

Eu li aquele bilhete e fiquei surpresa ao saber que tinha um micro-ondas na casa. Afinal, mesmo criaturas com costumes antigos como os vampiros também possuíam coisas modernas. Esquentei a comida de Klaus e a minha enquanto ele arrumava a mesa para nós dois.

Jantamos em silêncio e depois lavamos tudo.

Assim que subimos, eu fui para o banheiro e fiz minha higiene antes de dormir. Klaus desta vez não se juntou a mim no banho, o que me fez perceber que estava um clima meio pesado entre nós. E sim, sou muito lerda para perceber algumas coisas, ainda mais quando se trata de coisas sobre casais.

— Ei — eu o chamei assim que ele saiu do banheiro secando o cabelo.
— Desculpa por eu ter sido grossa mais cedo... — sussurrei.

Ele abaixou a toalha e me encarou por um tempo em silêncio.

— Não tem problema — disse por fim.

Eu me sentei na cama e bati no vazio ao meu lado. Klaus entendeu o recado e se sentou ali. Eu enterrei meu rosto em seu pescoço.

— O que foi? — ele sussurrou.

— E se não der certo? — perguntei sem me mexer.

— Vai dar.

Eu o encarei no fundo de seus olhos claros.

— Não quero que pense mais

assim, entendeu? — Klaus disse sério.

Eu abaixei a cabeça e assenti.

Ele me puxou para si e nos deitamos os dois. Dormi ali mesmo com a cabeça no peito de Klaus. Acordei mais tarde com um barulho de algo sendo arranhado.

Sentei-me e olhei em volta. Estava escuro ainda. Olhei para Klaus, ele dormia muito bem. Era estranho que ele, que tinha uma audição absurdamente boa, não tivesse acordado com aquele barulho.

— Mas que droga é essa? —

sussurrei pra mim mesma olhando para a porta, pois o som vinha de algum lugar além dela.

Levantei-me com cuidado para não acordar Klaus e caminhei até a porta. Assim que a abri, olhei para os dois lados do corredor, que estava escuro. O som aumentou, vinha do lado direito. Não pensei duas vezes e deixei o quarto para descobrir de onde aquele barulho irritante vinha.

Desci as escadas e me guiei pelo som até encontrar um gatinho preto arranhando uma porta que eu nunca tinha

percebido que existia. Senti meus pelos se eriçarem e um calafrio me tomar. Eu fechei a mão como se fosse dar um soco e, com a parte dos dedos para cima, sussurrei:

— Luz.

Abri a mão com calma e uma chama azul mostrou-se alguns centímetros acima dela.

Abri a porta com muita calma e entrei. Eu só conseguia ver coisas quebradas no chão, quadros arranhados e poeira. Então eu congelei, pois uma mão tocou meu ombro.

— Que bom que veio. — A
criatura sussurrou em meu ouvido.

A seguir, escutei a porta bater
atrás de mim e a chama acima da minha
mão se apagar.

Eu gritei.

Capítulo 28

Isabell

Minha boca foi tapada antes que meu

grito se tornasse mais alto e acordasse os outros da casa.

— Você pode parar de gritar? — ela pediu.

Eu conhecia aquela voz!

— Você sempre me deu muito trabalho! — ela reclamou.

Eu tirei sua mão da minha boca e me virei para a garota.

— O que é que você faz aqui, Tania? — perguntei, quase gritando.

— Fale baixo!

Eu mal conseguia vê-la naquela

escuridão, mas logo seu rosto se tornou visível quando ela sussurrou:

— Luz.

E igual como eu havia feito antes, uma chama, porém de cor verde, surgiu acima de sua mão. Ela sorriu para mim.

— Não sentiu minha falta? — perguntou.

Eu cruzei os braços.

— Você aparece aqui, no mundo sobrenatural, no meio da madrugada, me dá um susto da porra...

— Olha o palavrão! — advertiu.

— Não me interrompa, eu falo o que eu quiser! Retomando... Me dá um susto da porra com esses sons infernais de arranhões, cria luz magicamente e assim que eu te encontro, tudo o que sabe perguntar é se eu senti sua falta?!

— Quase gritei novamente. — Cadê o "Como você está?", "Você está bem?"

Ela passou a mão no cabelo loiro e perguntou:

— Você está bem? Klaus está te tratando bem? Eu sei que ele é irritante às vezes, mas ainda assim ele...

— Espera! — falei, pondo a mão quase na cara dela. — Como sabe do Klaus?

Com um sorrisinho sem graça, ela respondeu:

— Klaus e eu somos primos.

— O QUÊ?! — Agora eu gritei mesmo.

— Fala mais baixo! — ela disse, ficando apavorada.

Eu respirei fundo.

— Bem, não somos primos de verdade, é só de consideração porque

nossas famílias são muito próximas! —
ela explicou, alegremente.

— Você está *bugando* a minha
mente! — falei mais baixo — Explica
direito isso!

— É melhor se sentar, porque aí
vem bomba!

Eu olhei à minha volta e encontrei
um sofá negro que, diferente do resto,
estava em muito bom estado. Caminhei
até ele em silêncio e me sentei. A luz
que Tania tinha na mão cessou e ficamos
as duas no escuro novamente.

— Por que apagou? — perguntei, tentando achá-la.

— Espere.

A seguir, escutei alguns barulhos mínimos vindos de um canto do quarto e então vi velas acesas nos candelabros, agora organizados em pé.

Com mais luz que antes, pude perceber que Tania usava roupas negras, um cordão no pescoço com uma pedra branca como pingente e botas de couro pretas. Ela parecia uma mulher adulta naquelas roupas.

— Antes de tudo, queria te dizer que, assim como você, também sou uma bruxa, porém não da mesma raça que a sua. Sou uma befana, mas não se preocupe! Não somos muito diferentes. Lembra-se de quando eu apareci no orfanato?

Eu assenti.

— Eu tinha 101 anos. Fui enviada para lá pela bruxa que te deixou naquele lugar e que te escondia das outras. Ela foi envenenada, mas, pouco antes de sua morte, conseguiu me avisar de sua localização e me pediu pra cuidar de ti

em segredo. Eu usei um disfarce e me infiltrei no orfanato para poder te vigiar e cuidar de ti de perto. Foi com um pouco complicado no começo para que eu me acostumassem com o tamanho e com o modo de falar de uma criança de seis anos, mas logo me acostumei e valeu a pena no fim, porque agora eu tenho uma amiga maravilhosa...

Sorri com suas palavras.

— É, eu sei que sou maravilhosa... — E joguei o cabelo pra trás de modo exagerado.

Tania riu.

— Mas então... e essa camisola sexy aí? Isso tudo é para o Klaus?

Ah, obrigada Tania! Me deixou sem graça!

— Vocês dois já estão se pegando? — ela perguntou descaradamente.

— Nossa, tu és muito cara de pau, hein!? — falei, cruzando os braços.

— Que linguagem formal é essa? Você está aqui há no máximo um mês e já está falando como eles?! Imagina

daqui a mais um mês?!

— Como assim? — perguntei sem entender muito bem. — Como acha que vou estar daqui a um mês?

— Sei lá! Talvez... Casada?

Não pude evitar, meus olhos se arregalaram de tal forma que eu tinha medo que pulassem dos meus olhos.

— COMO ASSIM, CASADA?!

— Xiiiiiuu! — ela fez colocando o dedo na frente da boca pedindo que eu abaixasse mais o tom de voz.

— Explica isso agora! —

sussurrei, querendo urgentemente uma explicação.

Tania respirou fundo e então respondeu:

— Como você provavelmente já sabe, você e Klaus são noivos desde que você nasceu, SÓ QUE, o que não te falaram é que o casamento de vocês dois está marcado para o dia de um evento celestial que acontece exatamente a cada cem anos.

— Então, a gente só vai se casar daqui a cem anos? — Tania estava

confundindo cada vez mais a minha mente.

— Aí é que está... os cem anos que estamos vivendo terminam no primeiro dia do mês que vem, que é quando acontece o evento.

— Você está dizendo... — Ela só podia estar brincando comigo... — Por que ninguém me disse nada disso?

— Calma!

Tania se aproximou devagar de mim e pôs as mãos de cada lado do meu rosto. Eu estava entrando em pânico.

— Não acha que eu sou jovem demais pra casar? — perguntei, desesperada.

Ela sorriu levemente.

— Você o ama?

Eu assenti.

— Então, é só isso o que importa!

— ela sussurrou docemente e depois me abraçou.

Eu a abracei forte e permaneci com a cabeça enterrada em seu ombro.

— Se serve de consolo, eu me casei com a mesma idade que você tem

agora... — ela disse.

Eu me afastei dela e a encarei, surpresa.

— É uma tradição que todos os tipos de bruxas têm em comum, casar aos 16... — ela continuou.

— E como foi quando você se casou? — perguntei.

— Foi perfeito. É sempre perfeito. E será perfeito com você também...

Eu lhe dei um pequeno sorriso tentando não mostrar o quanto eu ainda

estava abalada com a notícia.

— Bem, eu queria ficar mais, mas preciso ir, já vai amanhecer e eu tenho coisas a fazer. Nos vemos onde o nascimento que deu início a tudo aconteceu. — E começou a recuar dando passos lentos para trás.

— Sabe, eu ainda não entendi esse negócio do nascimento que deu início a tudo... — falei, dando alguns passos em sua direção.

Ela parou e uniu as sobrancelhas.

— Você realmente ainda não

entendeu? — Acho que ela não estava acreditando no que eu estava dizendo.

Eu balancei a cabeça em negativa e Tania riu.

— Você é realmente muito avoada! Pergunte ao Klaus. Ele lhe dirá o que você deseja saber. — Deu mais um passo para trás e me olhou novamente. — Até breve, Bell!

Dando um último passo para trás seu pé e seu corpo em seguida afundaram no chão como se ela tivesse caído em um buraco. Então, ela

desapareceu por completo. Eu voltei para a cama andando na ponta dos pés durante todo o caminho e voltei a dormir.

No outro dia, quando acordei, vi Klaus colocando seu terno preto e ajeitando em seguida a gravata.

— Bom-dia — sussurrei, olhando para ele.

Klaus sorriu e no segundo seguinte estava em pé no lado da cama. Depois de um beijo terno, ele sussurrou:

— Bom-dia, meu amor.

Eu sorri.

— Eu vou ajudar Emily com o seu café da manhã e já volto, OK?

Eu assenti. Klaus se afastou e caminhou até a saída do quarto, mas, quando ele ia abrir a porta, resolvi perguntar algo que estava me incomodando desde a visita de Tania.

— Klaus, espere — pedi.

Ele parou e virou-se para mim enquanto segurava a maçaneta.

— O que foi?

Mordi o lábio interior. Eu estava

um pouco receosa sobre o que eu queria saber dele. Arranjei coragem e finalmente perguntei:

— Por que não me contou que o nosso casamento está marcado para o próximo mês?

Capítulo 29

Isabell

Klaus me olhou com os olhos arregalados.

— Como sabe disso? — ele perguntou, largando a maçaneta.

— Não importa como eu sei, só quero saber por que você não me contou algo tão importante.

Klaus passou a mão no cabelo e mordeu o lábio.

— Eu não queria que soubesses por outros como acabou de acontecer, queria te contar eu mesmo.

— Então, por que não me contou?
Ele suspirou.

— Olha, eu não quero que sintas-te

obrigada a casar comigo só porque nossos pais planejaram isso. É ridículo decidir o futuro de um filho...

Eu encarei o chão.

— Klaus, eu te amo. Se você quiser que eu me case com você, eu caso! Eu não me sinto mais obrigada a me unir a ti porque é ao seu lado que eu quero passar o resto da minha vida... — sussurrei.

Eu o encarei novamente e vi uma expressão de surpresa em sua face.

— Realmente, é isso o que

desejas? — ele perguntou baixinho.

Eu assenti, sorrindo.

— É o que mais quero.

Klaus não disse nada. Em vez disso caminhou até o criado-mudo e abriu uma gaveta de onde tirou uma caixinha preta aveludada.

Era o que eu estava pensando? Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus vezes dez!

Ele se ajoelhou na minha frente ao pé na cama e abriu a caixinha, revelando dentro dela um anel prateado com um

diamante branco rodeado com várias pequenas negreiras.

— Isabell Bergmann, queres me dar a coisa que mais desejo, que é tê-la caminhando ao meu lado para construirmos uma família e ainda deixar com que eu cuide de ti e dedique o resto dos meus dias ao nosso amor?

Ai, meu coração! Ele estava batendo como louco! Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Espera! — eu falei, me abanando. — O negócio aqui está

louco!

Klaus riu. Respirei fundo e fixei meus olhos nos dele.

— Olha, desde que você não queira uma penca de filhos, eu com certeza me caso com você!

Ele pareceu pensativo.

— Que tal sete? É razoável! — propôs.

— É muito! Vou ficar com a pele flácida! Que tal dois?

— Eu ouvi um seis?

— Três e podemos adotar um

changueling para você cuidar.

— Changuelings dão muito trabalho! Cinco filhos!

Ainda eram muitas crianças para nós dois cuidarmos.

— Quatro e dois bakenekos, um branco e um preto — falei.

Klaus pareceu convencido.

— Podem ser bakenekos com asas de morcego? — perguntou com a voz toda fofa.

— Se isso existir... — Dei de ombros — Que seja!

Klaus sorriu.

— Então, aceitas casar comigo?

Com um enorme sorriso no rosto,
eu respondi:

— Aceito.

O dia da guerra finalmente chegou. Faltava apenas uma hora para o início da batalha e estávamos todos na sede, arrumando os últimos detalhes do plano. Havia seres sobrenaturais

passando por todos os lados, incluindo bichos que eu nunca tinha visto na vida. Estávamos Helena e eu ao pé na escada principal e ela estava me contando que Vladimir e Festus não desconfiavam de nada, nem em relação ao plano nem que sabíamos da traição deles, quando o noivo de Ruckia se aproximou de nós.

— Só queria avisar que os arions chegaram e estão todos lá fora junto com os amaroks. Eles querem lhe conhecer.

— Me conhecer? — sussurrei, quase gaguejando de medo.

Domenic assentiu.

— OK. Obrigada por avisar, Domenic. E... se não for incômodo, você poderia acompanhar-me até lá?

— Claro.

Nós nos desviamos de meio mundo naquele lugar, pois havia muitas criaturas sobrenaturais ali, até sairmos pelas portas da frente e darmos a volta no chafariz.

Notei que estava um lindo dia de sol, pena que eu não poderia aproveitá-lo.

Depois de caminharmos mais um pouco,

encontramos uma grande alcateia de lobos gigantes e, ao lado deles, uma tropa de cavalos com a juba... verde? OK, né...

— Tu és Isabell? — um dos cavalos que estava na frente perguntou, dando um passo em minha direção.

Eu o olhei espantada.

— Você pode falar?!

— Sim, todos podemos. Desculpe se a assustei — Ele disse, baixinho.

— Isso é incrível! — eu sussurrei, maravilhada. —

Assustador... porém incrível!

— Assustador? — Um lobo cinzento, provavelmente o alfa daquela alcateia, falou também dando um passo à frente. — Está na cara que a senhorita é nova neste mundo.

— Um pouco, estou me acostumando ainda — respondi.

— É um prazer conhecer aquela que irá nos liderar nessa guerra — o cavalo disse.

Eu abaixei a cabeça.

— É triste que essa guerra tenha

que acontecer. Para mim, violência nunca é a solução, mas se esse é o único modo de resolvermos isso... que assim seja.

— Que assim seja. — Tanto o cavalo quanto o lobo disseram juntos.

— É melhor se preparar para a batalha, não falta muito tempo — O lobo falou.

Eu assenti.

— Eu os encontrarei em breve. Com licença. — Antes de deixá-los, falei: — E muito obrigada por estarem

aqui.

— Nós é que agradecemos por ter nos requisitado. Assim como tu, nós queremos que esse preconceito e que esse mal que está se espalhando pelo nosso mundo, acabe — o lobo falou.

— Eu acredito que o preconceito, o mal e outras coisas do tipo, nunca vão acabar, mas, ainda assim, eu não quero deixar que essas coisas se espalhem e também tomem conta dos seres sobrenaturais, como tomam conta de muitos dos humanos do meu mundo.

Um segundo de silêncio.

— Belas palavras, criança — o cavalo sussurrou.

— Licença mais uma vez. — E dei fiz uma breve reverência antes de me afastar com Domenic.

Domenic me deixou com Ruckia, os dois trocaram um breve beijo e então ela me levou para uma enorme sala, onde mais mulheres se preparavam colocando roupas adaptadas para a ocasião. Ruckia já estava vestida de azul-escuro e preto.

Ela me ajudou com minhas roupas, que eram muitas para vestir. Coloquei uma calça preta cujo tecido me lembrava couro, uma blusa branca de algodão bem larga, uma outra blusa verde-escura por cima, que grudava em mim, um tipo de colete também verde-escuro, que fechava com algumas fivelas na frente, luvas pretas que iam até o pulso e botas de cano alto, também pretas.

Notei que minhas vestes e as de Ruckia eram idênticas, com exceção da cor.

— Eu não entendo — falei, quando terminei de me arrumar. — O que tem de especial nessas roupas para eu ter que usá-las?

— As roupas que estamos vestindo servem como um tipo de armadura que absorve parte da magia que for lançada sobre nós, diminuindo o poder do feitiço e evitando graves consequências — Ruckia explicou.

— Uau! — fiquei impressionada.

— Tome — ela disse, me entregando três punhais, cada um com a

lâmina de uma cor diferente. Um era azul, o outro, vermelho, e o outro, verde.

Eu peguei os punhais que ela me oferecia e perguntei:

— Onde vou guardá-los?

— Um em cada bota e o outro, na lateral da calça. Esconda-os bem. Se precisar usar força, o verde causa alucinações, o azul faz perder os sentidos, e o vermelho... só de encostar na pele da vítima, é morte instantânea.

Meus olhos se arregalaram.

— Vou ter muito cuidado com

esse vermelhinho, então!

Ela deu um pequeno sorriso.

— Como tu estás em relação a tudo isso?

Mordi o lábio.

— Estou nervosa... com medo...

— Não se preocupe, se algo der errado, vamos te tirar de lá o mais rápido possível.

Eu neguei com a cabeça.

— Não estou com medo por mim, mas por vocês, pelos que amo, pelos que admiro, pelos que são corajosos de

terem se unido a nós pondo sua confiança em mim. E se eu falhar?

— Não vai — Ruckia respondeu rápido. — Não pense nisso. Respire fundo.

Eu obedeci, mas ainda assim o medo e tudo que eu estava sentindo manteve-se.

A guerra se aproximava rapidamente e tudo em que eu pensava era nas vidas que ali seriam tiradas. Será que as mortes que ocorreriam seriam o suficiente para conseguirmos a vitória? A que custo poderíamos ganhar?

Capítulo 30

Isabell

Meus olhos estavam fechados, eu estava recordando tudo, desde a conversa com Helena e Klaus sobre os dois membros traidores da família, os planos que o Conselho e eu havíamos formado, o pedido de Klaus em casamento... tudo até chegar àquele momento.

Eu abri os olhos devagar o olhei para o céu azul. O sol brilhava forte,

porém não havia calor. Tudo o que eu escutava era um silêncio torturante, ainda que houvesse tantos seres sobrenaturais ali, à minha volta. Encontrava-me em uma parte mais alta da montanha, e parte do exército estava espalhada ali comigo, principalmente as bruxas, para termos uma boa visão do campo. Era nosso dever ajudar os outros que iriam primeiro, que estavam mais abaixo e também no solo, que eram criaturas como minotauros, amaroks, asanbosans...

Eu fiquei surpresa ao ver tantos

guerreiros dispostos, que eram voluntários para combater o preconceito e me proteger, ainda que eu não achasse que iria precisar de tanto. Afinal, eu era capaz de me proteger sozinha.

Ainda não havia nenhum sinal de Ágnes e seu exército, estávamos apenas nós lá. Esperando. Alguns esperando pela morte. Eu olhei em volta, éramos muitos, realmente muitos.

Acho que as montanhas quase sumiam de tantos sobrenaturais havia nelas. Vi Klaus um pouco mais abaixo ao lado de Ruckia, Helena estava mais à

direita; a uns cinco metros deles, Emily e a mãe estavam cerca de dez metros à esquerda, as duas montadas em arions, e havia um homem entre elas também montando um. Deduzi que era o pai de Emily.

Procurei Festus e Vladimir. Não os encontrei. *Onde é que aqueles dois se meteram?*, perguntei a mim mesma em pensamento.

O som de uma trombeta tocando bem alto acabou por chamar a atenção de todos. Olhamos para a frente e encontramos Ágnes a cerca de quase

cem metros de nós. Pouco a pouco, seu exército começou a aparecer do nada, uns ao lado dos outros formando fileiras e fileiras. Todos estavam prestando atenção nos seres do lado oposto, mas eu só prestava a atenção em Ágnes. Ela sorriu para mim.

" Você lembra do nosso acordo? " ela perguntou em meus pensamentos: "Bem, eu fiquei com medo que você não fosse cumpri-lo, então lhe trouxe um incentivo."

Então, dois seres apareceram, um de cada lado de Ágnes. Já adivinhou

quem eram? Sim, eram os meus pais. Meus olhos se arregalaram.

"Eles estão enfeitiçados por mim, então farão tudo que eu mandar sem contestar." E abriu ainda mais o sorriso. "Vai me ajudar, não vai?"

Morrendo de ódio por dentro, mas séria por fora, eu assenti discretamente. Olhei para o exército novamente e nossa! Do outro lado, nas montanhas dali, haviam muitas criaturas, assim como no céu onde drakons, sendo domados por bruxas, voavam com suas enormes asas de

morcego. Se eles atacassem estaríamos ferrados! O bafo daquelas coisas era ácido!

— Visão — sussurrei ao usar um feitiço simples para aumentar minha visão e enxergar a "cobra" voadora mais de perto.

Notei que ela estava cega, o que já era um problema a menos, pois um drakon pode paralisar suas presas só com o olhar.

Ágnes pôs-se passos à frente de seu exército. Ela parou no vazio que

havia entre os dois lados junto com Otto, que ficou de frente com ela.

— Audição — falei, usando outro feitiço para ouvir o que os dois falavam já que, diferente da maioria dos seres sobrenaturais, eu não tinha uma superaudição.

— Está pronto para o seu fim?

— Ágnes perguntou a Otto.

— Ainda há tempo para pôr um fim em tudo isso e poupar muitas vidas — ele respondeu.

Ágnes riu alto.

— Eu quero mais é que você e o resto desses sanguessugas morram! — ela disse, quase cuspiendo as palavras. — Ataquem!

Seu exército obedeceu ao comando e todos começaram a correr em nossa direção. Parte de nosso exército fez o mesmo e correu em direção a eles. A guerra finalmente começou.

O impacto de corpos se chocando foi grande, junto com gritos de bravura e de dor que se misturavam. Do lado onde eu me encontrava, com mais bruxos,

começaram os sussurros de feitiços sendo invocados para proteger os nossos. Vi Marta e mais alguns vampiros partirem para a briga enquanto nossa família ainda esperava o momento certo para entrar. As candilejas se juntaram ao outro lado. Vi quando uma matou um minotauro e assim que pôs a mão em seu pescoço o ser simplesmente se desintegrou.

Procurei Ágnes, mas não a encontrei no meio daquilo tudo, assim como meus pais, que também haviam sumido. O medo tomou conta de mim.

Os drakons também iniciaram seu ataque soltando bafo em alguns seres, mas seus poderes não eram tão impressionantes como eu achei que fossem quando li sobre eles, mas ainda assim eles eram letais.

— Nervorum — sussurrei com o olhar fixo em um dos drakons.

Esse parou de voar no mesmo momento e caiu com a bruxa sobre ele de uma altura de uns dez metros, atingindo alguns de nossos adversários. Dei um pequeno sorriso. Mais alguns drakons caíram da mesma forma, pois

também haviam sido vítimas de mais bruxos do nosso lado. Foi a vez de mais uma centena dos nossos se juntarem aos outros no campo para lutar. Estava tudo seguindo como planejado, as mortes dos nossos eram pouquíssimas e as deles eram consideravelmente muitas.

Do nada o chão tremeu, quase me fazendo perder o equilíbrio. Olhei para a frente e os vi. Eram cinco. Cinco gigantes horrendos com vestes rasgadas, as peles esverdeadas sujas e machucados por todo o corpo... Eles apareceram por trás das montanhas e

começaram a caminhar entre a batalha abaixo deles, pisando em quem estivesse em seu caminho.

Eu invoquei alguns feitiços, mas nenhum funcionou, eles deviam estar sendo protegidos por alguma força poderosa.

— Agora! — um dos bruxos gritou, autorizando o próximo ataque.

Através de portais que deixamos abertos, *hraesvelgs* apareceram, passando por trás das montanhas onde estávamos. Com suas enormes asas, eles

voaram pelos céus e atacaram os gigantes no rosto. Acredito que estavam tentando cegá-los.

Eu estava atenta a tudo quando vi Festus no campo. Ele estava matando os nossos sem parar, suas mãos estavam até sujas de sangue. Ele estava tão concentrado matando aqueles a quem ele devia estar apoiando que nem percebeu quando Ágnes veio por trás dele...

Meus olhos se arregalaram. Ela o feriu por trás com uma espada que passou por seu corpo e saiu pelo peito. Ela disse algo em seu ouvido e sorriu

pra ele antes de tirar a arma de seu corpo e jogá-lo no chão.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Sem pensar, corri em direção a Festus, ignorando aqueles que me diziam para não descer a montanha.

Demorou quase cinco minutos até eu chegar lá embaixo. Eu pretendia ir até Festus para tentar ajudá-lo, se ainda fosse possível, mas fui parada por uma besta negra, que se pôs na minha frente e me atacou.

Capítulo 31

Isabell

A besta negra me lembrava brevemente um cão de pelos negros um pouco maior do que eu. Ela me atacou jogando-se em cima de mim com as patas. Caí no chão com ela por cima, rosnando. Ela tentou me atacar com a boca, mas eu estiquei o braço rapidamente em sua direção e, usando um pouco de magia, joguei-a para longe.

Continuei a correr até Festus e logo o encontrei. Havia marcas de pés e patas e sei lá mais o que em suas costas. Eu me abaixei e o fitei.

— Festus, resista — sussurrei implorando, que ele aguentasse.

Consegui virar seu corpo para a frente e coloquei sua cabeça em meus joelhos.

Ele respirava muito rápido.

— Aguenta! — pedi mais uma vez.

Festus parecia distante, como se já

estivesse em outro mundo. Seus olhos se fechavam e abriam lentamente.

— Atrás...

— O quê?

— Atrás... de você! —

sussurrou.

Eu olhei para trás imediatamente e encontrei de novo a besta. Dessa vez, não tive tempo de me defender. O que me salvou foi Vladimir. É, eu sei... Eu também fiquei confusa! Vladimir agarrou a fera se pondo por baixo dela e deu a volta em seu corpo com os braços,

apertando-a e puxando-a para baixo. O que escutei foi o som de ossos se quebrando e então a besta soltou um grito de dor e caiu sobre o vampiro. Vladimir saiu de baixo dela e a jogou para o lado. Eu o encarei. Ele me olhou de volta com o olhar vazio

— Tu estás bem? — ele perguntou.

Eu assenti, séria.

— Eu estou, mas seu pai não.

Foi quando ele notou Festus no chão. Os olhos de Vladimir se

arregalaram e ele correu para o pai.

— Pai, fique vivo! — ele pediu, alarmado.

Eu olhei para Vladimir e depois para Festus e fechei os olhos por um momento. Suspirei.

— Eu quero que o tire o daqui — eu disse a Vladimir, que me encarou, confuso. — Eu sei que vocês estavam traindo a família, mas ainda assim não acho que esse preço que estão pagando seja o justo por tudo.

Vladimir não disse nada.

— Só tire o logo daqui — falei mais uma vez

Ele assentiu e levantou Festus, pondo o braço dele ao redor do pescoço.

— Tome. — Eu peguei uma carta do tipo que lembrava aqueles baralhos de cigana que eu deixava guardado comigo para casos de emergência. — Use isso para se transportarem daqui. Sabe como se usa?

Ele assentiu, enquanto pegava a carta da minha mão.

— Então, vão — E dei um passo para trás, já me afastando.

— Isabell... — Vladimir chamou. Eu o encarei uma última vez.

— Obrigado. E perdão... Por tudo...

Eu assenti. Por um momento... no meio de todo aquele massacre... eu deixei de escutar o som das espadas batendo, dos gritos, dos rosnados... cheguei até a morder o lábio inferior quando senti uma sensação de paz no coração. Vladimir e o pai

desapareceram.

Eu suspirei e voltei minha atenção para o que estava acontecendo à minha volta.

O chão tremia levemente por causa de um gigante do exército oposto, que ainda estava em pé. E ele se aproximava de mim.

— Ferrou-se! — falei, correndo para um lado mais seguro, se é que existia um lado mais seguro numa guerra.

Parei e encarei o gigante, que

tentava se aproximar das pequenas montanhas onde a outra parte do nosso exército se encontrava. Eu estava tão atenta ao gigante que levei um susto quando Marta apareceu na minha frente.

— Abaixa! — ela gritou.

Eu fiz o que ela mandou no mesmo instante e só escutei o som de duas espadas se batendo acima de mim.

— Saia daqui, Isabell! — Marta pediu aos gritos, enquanto lutava com sei lá quem que estava atrás de mim.
— Volte para as montanhas e fique lá!

Eu assenti e corri para as montanhas, porém fui impedida no meio do caminho por aquela que eu menos esperava. Liandra. A bela vampira sorriu para mim.

— Olha, olha... olha quem eu encontrei aqui...!? — ela disse, começando a me rodear.

— Eu digo o mesmo — falei, dando um sorriso.

— Eu realmente não entendo o que ele viu em você... — Ela fez cara de reprovação. — Você é baixa demais para ele, nem é tão bonita assim e nem é

uma de nós!

Eu a olhei dos pés à cabeça.

— E você, então?! Você tem complexo de superioridade, se acha melhor e mais bonita do que os outros, fala que nem uma nojentinha e nem peitos tem! — Eu sei que essa doeu nela.

Veias negras apareceram no rosto de Liandra e eu soube naquele momento que ela estava "P" da vida comigo. Rapidamente ela tentou me atacar, mas eu puxei um punhal com a lâmina azul e pus bem em frente ao meu rosto, aonde

ela ia tocar. A lâmina tocou-lhe a mão causando um corte profundo. Ela deu um gritinho de dor.

Eu vi que a ferida rapidamente se fechou, porém as alucinações estavam lá.

— Como fez isso? — Liandra perguntou, pondo a mão na cabeça.

— Fiz o quê?

— Tem um monte de você aqui e...

— Eu não fiz nada. — E me permiti dar um pequeno sorriso.

Senti um ventinho ao meu lado e a seguir lá estava Klaus à minha esquerda.

— O que vocês duas fazem aqui?

— ele perguntou revezando seu olhar entre mim e Liandra.

Eu dei de ombros.

— Ela estava me atacando! — falei como uma criança fala quando vai acusar outra criança.

Klaus me fuzilou com os olhos.

— E o que a senhorita faz aqui embaixo? — ele me perguntou parecendo zangado

Dei de ombros fingindo não saber.

— E você? O que faz aqui?

— Eu encontrei as duas brigando no meio de uma guerra! — eu disse, quase gritando.

— Vocês são duas crianças! Essa não é uma boa hora para isso!

— Eu quero matá-la! — Liandra disse, batendo o pé no chão.

Ela piscou algumas vezes bem rápido, tentando entender o que ela estava vendo de real e irreal.

— Ótimo, agora só estou vendo

três dela... — Liandra sussurrou.

— Sabe o que eu percebi agora?

— Klaus apontou para mim e para a vampira. — Que vocês duas são loucas!

— Não me chame de louca! —

Liandra e eu falamos juntas.

— Calem a boca! Eu vou levá-las para longe e...

Eu o interrompi com um grito assim que vi Ágnes aparecer do nada atrás dele.

Klaus rapidamente desviou-se do ataque da espada que ela empunhava e pegou o

punhal em minhas mãos para se defender.

— Saiam daqui! — ele gritou pra nós.

Eu peguei a mão de Liandra e a puxei para as montanhas.

— O que está fazendo? — ela gritou enquanto corríamos no meu ritmo.

— Te levando para um lugar seguro! Não tem como você chegar lá sozinha com essas alucinações..

Corremos em silêncio e durante o caminho quase fomos atingidas por um

bruxo que lançava um tipo de raio branco em uma besta, igual à que tinha me atacado um pouco antes.

Assim que chegamos em um lugar "seguro" onde se encontrava alguns bruxos, eu disse a Liandra:

— Fique aqui até que as alucinações parem. Eu vou ver se Klaus está bem...

Eu já ia deixá-la quando ela segurou minha mão me fazendo olhá-la novamente.

— Eu não entendo... eu queria matá-la momentos atrás e agora você me

salva...

Ela mordeu o lábio parecendo meio sem jeito com meu ato. Dei de ombros.

— Eu entendo você... realmente entendo o que está sentindo...

Ficamos em silêncio.

— Eu preciso ir agora, mas conversamos depois, OK? — eu disse.

Ela assentiu soltando a minha mão. Eu a deixei e corri para Klaus. Quando consegui avistar Klaus, ele estava com um corte na região entre o

fim da testa e acima da orelha. Sangue caía em seu rosto.

Ele lutava muito bem com a bruxa até uma candileja tentar atacá-lo pelas costas, assim como Ágnes tentou com seu pai.

Eu puxei o punhal com a lâmina vermelha que eu guardava e não pensei duas vezes antes de atacar a candileja pelas costas e afundar a lâmina nela. Fiquei em dúvida pensando se ela, por ser uma criatura espectral, morreria de fato, pois eu já tinha ouvido falar que espectros não podiam ser mortos, mas

minhas dúvidas desapareceram quando a bruxa espectral caiu ao chão e em seguida virou pó negro.

Ágnes viu sua parceira sendo morta e se afastou de Klaus, me encarando com um olhar de ódio que arrepiou-me o corpo todo. Então, ela desapareceu.

Capítulo 32

Helena

O cheiro de sangue no ar era maravilhoso e, ao mesmo tempo, trágico. Nosso exército estava perdendo, porém não por muito. Era nossa vez de entrar naquela guerra e ajudar os outros.

— Tu estás pronta, minha querida? — Perguntei à Ruckia olhando em seus olhos cinzentos.

Ela assentiu.

— Estou, mãe.

Eu segurei sua mão.

— Eu te amo, minha filha.

Sempre lembre disso. — Eu sei que soava uma despedida, mas podia ser mesmo.

Ela deu um pequeno sorriso.

— Eu sei, mãe. Eu sei. — E me abraçou forte. — Eu também te amo.

Ao nos afastarmos uma da outra, soltei um breve suspiro.

— Hora de irmos. Fique atenta — sussurrei.

— OK.

E junto com cerca de mais cem soldados, caminhamos para a batalha.

Separando-me de todos os meus aliados, encontrei três acenas, que me rodearam.

— Ora, ora! — um deles disse me olhando nos olhos — Se não é a senhora Durand diante de nós.

— Sinto-me obrigado a dizer que é uma honra estar diante de ti — o segundo falou com o tom da voz transbordando ironia.

— Como se encontra no momento? Triste porque seu marido e filho são dois traidores? — O primeiro

voltou a falar.

Eu admito que estava mal, com raiva muito mais relacionada a Festus e Vladimir, mas mantive a expressão neutra.

— Ah, só com um pouquinho de raiva. — E sorri. — Fico feliz que estejam aqui, assim posso descontar essa raiva de uma vez.

E, sem dizer mais nada, dei um soco no rosto de um que foi parar longe. O outro logo me atacou, mas fui rápida e me desviei de seus dentes. O terceiro foi

mais rápido, quando me distraí, ele me mordeu no braço. Abafei um grito fechando a boca e o empurrei. O outro logo veio me atacar também, mas eu coloquei as duas mãos em seu rosto e apertei bem forte. Como se fosse uma bexiga, sua cabeça "estourou" e sangue voou para todo o lado.

Virei para o lado e vi o que eu tinha empurrado correr em minha direção. Eu estava pronta para recebê-lo, já estava em modo de ataque quando senti uma pontada na barriga que me fez cair de joelhos no chão.

— Dois já foram. Faltam mais três. — Uma voz feminina familiar sussurrou em meu ouvido. Era Ágnes.

Eu tentei ficar calma, mas a dor era insuportável e aumentava cada vez mais. Demorou apenas alguns segundos até eu perceber que não estava vendo mais nada e que já não escutava mais. Então, eu soube que meu fim tinha chegado.

Ágnes

Nas montanhas onde parte do meu exército se encontrava, eu me acomodei em algumas pedras. Sentei-me e admirei o que se passava diante de mim.

— Se divertindo? — uma voz masculina perguntou.

Olhei para o lado pelo canto do olho e vi Domenic se sentar à minha esquerda e encarar o massacre à sua frente. Dei um pequeno sorriso.

— Um pouco. Me divertirei mais

quando quem eu quero finalmente morrer — respondi, abaixando os olhos para a espada ensanguentada em minhas mãos.

— Quem foi sua vítima? — ele perguntou.

Eu fiquei em silêncio por alguns segundos enquanto tirava um pano do bolso da calça e limpava a lâmina enegrecida da minha arma.

— Helena — respondi por fim.

— E por quê? Ela merecia tanto assim morrer?

Dei de ombros.

— Todos eles merecem, meu filho. Todos são monstros.

— E eu também não sou? Afinal, eu também sou filho de um vampiro.

Eu me virei para Domenic e o fuzilei com os olhos.

— Sim, mas é meu filho também. E logo só terá meu sangue. Só preciso me livrar de mais alguns e ter a garota.

Com minha espada finalmente limpa, eu guardei o pano no bolso outra vez e me levantei.

— Segure para mim. — E dei-a

a ele.

Olhei mais uma vez para a frente e observei com atenção tudo que acontecia.

Meu exército estava ganhando. Tínhamos boas chances de sermos vencedores, então eu decidi dar mais uma ajudinha para isso acontecer logo.

Levantei as duas mãos para o céu e gritei:

— *Resolutiones, coruscatione tonitru, tenebris!*

Quando o primeiro raio caiu no

campo de batalha, eu sorri, já comemorando a vitória.

Mais e mais raios começaram a cair em diferentes lugares enquanto o céu azul foi tomado por nuvens negras, que taparam o sol e escureceram o lugar. Parecia que já era quase noite.

— Sim! — gritei sorrindo, enquanto via mais do exército inimigo sendo morto.

— Eu não vejo graça nisso — Domenic falou.

Eu revirei os olhos e o encarei.

— Vá logo fazer o seu trabalho!
Ache logo sua noivinha e dê um fim nela! — ordenei.

Domenic me encarou de um modo que não entendi e soltou um suspiro pesado antes de sumir. Logo voltei minha atenção ao campo de batalha e procurei algum gigante, mas notei que todos os cinco já estavam ao chão e o último deles estava sendo morto por pedras enormes, em forma de águias, jogadas por outros gigantes que atiravam pedras sobre sua cabeça e o feriam com suas garras.

— Droga! — falei, lamentando.

Respirei fundo e decidi não me importar com aquilo, pois meus raios já estavam causando muitos estragos. Porém, logo a raiva voltou quando, do nada, animais que pareciam ser minhocas gigantes saíram da terra e engoliram soldados meus.

— Mas que porr... — comecei a reclamar, mas não consegui terminar, pois fui interrompida.

— Achou mesmo que você iria ganhar assim tão fácil? — Alguém

perguntou atrás de mim.

Eu me virei rapidamente, já levantando a espada e a encontrei. Isabell estava diante de mim com um sorriso triunfante no rosto e com um punhal, cuja lâmina era vermelha, apontado para mim. Eu ri.

— Acha mesmo que você vai conseguir se defender apenas com esse punhal?

— Eu não duvido — ela respondeu tão firmemente que me deixou intrigada.

E então aconteceu, o punhal em suas mãos se transformou em uma bela espada com a lâmina se tornando mais brilhante e intensa. Procurei não me abalar e falei:

— Gostei da espada. Até me assustaria se você soubesse ao menos como usá-la de modo certo!

— Venha que eu lhe mostro — ela disse, me desafiando.

Eu lhe lancei meu sorriso venenoso e, com o maior prazer, aceitei o desafio iniciando nossa luta.

Capítulo 33

Isabell

Ágnes foi rápida e bloqueou-me com um escudo invisível. Eu me afastei a encarei.

— Vamos resolver isso logo, Ágnes. Vamos dar um fim a esta guerra, sim?

Ela me lançou um de seus sorrisos

diabólicos.

— E o que sugere para que isso aconteça?

— Proponho uma luta entre nós duas, apenas usando nossos poderes como armas — falei, olhando-a no fundo de seus olhos.

Uma de suas sobrancelhas se ergueu. Ela riu.

— Sabe que é uma péssima ideia, não sabe? Sabe que possuo mais conhecimento que você e que assim acabarei contigo em menos de dois

minutos.

Mordi o lábio inferior. Eu sabia que Ágnes era esperta e que tinha muito conhecimento sobre magia, mas eu também possuía boas cartas na manga, tinha estudado com Emily a fundo para situações como aquela em que eu me encontrava naquele momento.

— Está com medo?

Resolvi jogar.

— De você? — Ela riu mais alto. — Só estava passando por minha mente agorinha: onde seus pais ficam

nisso tudo, ainda mais se você perder?

Droga. Eu tinha me esquecido dos meus pais.

— Se eu ganhar, você para esta guerra, se rende e devolve meus pais.

— E se eu ganhar, você virá comigo e deixará todos eles para trás, não voltará a vê-los nunca mais.

Uni as sobrancelhas. Que contraproposta era aquela?

Fiquei em silêncio sem saber o que dizer.

— Tic tac, Isabell. O tempo está

passando... — Ágnes sussurrou, apressando-me a responder.

Aquilo era estranho. Afinal, o que aquela mulher queria comigo?

— Eu aceito.

— Tem certeza?

— Sim. Tenho.

Ela sorriu como uma criança sorri quando ganha um doce.

— Ótimo, ótimo!

Ela então se virou e encarou o campo de batalha. A situação não estava muito boa para o nosso lado, e eu sabia

que aquela era a oportunidade que eu tinha de equilibrar o jogo.

— Venha, querida — Ágnes pediu, já caminhando para mais baixo na montanha.

Eu a segui, segurando a espada bem forte em minhas mãos. Eu estava com medo, mas ainda assim não iria recusar ou desistir de fazer aquilo. Descemos a montanha e começamos a caminhar pelo campo. Ágnes ia abrindo passagem para nós usando seus poderes. Ela estendia seus braços para a frente e os mexia para os lados, o que fazia com

que os soldados ali lutando fossem arrastados pelo vento e empurrados para longe. Todos que percebiam nossa presença pararam de lutar aos poucos para nos observar.

Ágnes e eu paramos assim que chegamos ao centro do espaço. A essa altura, todos já tinham parado a luta e estavam nos encarando.

— OK. Aqui está bom pra você?

— Ágnes perguntou virando-se para mim.

Olhei à minha volta e vi Klaus e

os outros me encarando sem entender nada. Desviei o olhar deles e encarei Ágnes com o olhar mais neutro que consegui e dei de ombros.

— Isso não importa. Vamos começar logo.

Ágnes se afastou dando três passos para trás e sorriu para mim. Mordi o lábio inferior sentindo uma pontada de medo. Ignorei esse sentimento e segurei a espada mais forte com o pensamento de sua forma original à de um punhal. A espada, então, tornou-se punhal novamente. Eu guardei a

pequena arma e coloquei-a em uma das botas junto com a outra que ali tinha guardado. Ágnes pôs um pé na frente e outro atrás. Eu fiz o mesmo e a encarei com bastante atenção. Então, começou.

O silêncio absurdo que ali reinava foi quebrado quando Ágnes lançou sobre mim raios de energia. Tive que me proteger criando um escudo de última hora. Não perdi tempo e a ataquei também com uma de minhas chamas azuis, que ela também evitou usando um escudo mágico parecido com o meu.

— É só isso que consegue fazer?

— perguntou, debochando de mim.

Eu sorri, levando suas palavras como uma piada.

— E você? Eu esperava bem mais de uma velha — provoqueei.

Acho que a ofendi, porque ela me atacou com um feitiço poderoso que me provocou, por um momento, uma dor aguda em todo meu corpo.

— Sua trapaceira! — quase gritei, tentando resistir ao que sentia.

A dor era tamanha que me deixava confusa em pensamentos, eu não

conseguia pensar coisa com coisa, meio que quase impossibilitando de eu achar um contrafeitiço. Mas eu sabia que tipo de feitiço era o que ela tinha me jogado. Era apenas um feitiço de ilusão. A dor não era real. Respirei fundo e fechei os olhos por um breve momento. Deu certo. Abri os olhos e sorri para ela, que me olhou surpresa.

— É, eu aprendi uns truquezinhos também.

Foi nesse instante que me assustei. A feição da bruxa mudou por completo. Seu rosto assumiu uma carranca que me

fez dar um passo para trás, meio que recuando.

— Você me provocou demais — ela disse, estalando os dedos.

Meus olhos se arregalaram, pois meus pais surgiram, um de cada lado da bruxa. Ambos estavam com os olhos fechados, como se fossem bonecos em pé.

— Você pensa mesmo que pode me vencer? A mim? A bruxa mais poderosa que existe? — ela perguntou, sorrindo. — Eu liguei seus pais a mim,

então, só pra você se lembrar, se tentar algo contra mim, seus pais sofrerão o mesmo. O que eu sentir, eles sentem. Se eu morrer, eles morrem.

— Realmente, você é uma trapaceira — falei, cruzando os braços.

Ágnes riu.

— Sempre.

Mordi o lábio inferior outra vez e sorri. Ela, então, uniu as sobrancelhas. Abri o sorriso ainda mais.

— Por que está sorrindo? — ela perguntou, desconfiada.

— Você não me conhece mesmo — sussurrei. — Acha mesmo que eu me importo com eles? Eu nem os conheço!

Vi confusão em sua face, ainda que por um segundo.

— Não. Você está mentindo.

— Estou? — Levantei uma sobrancelha. — Tem certeza?

E, sem dizer mais nada, eu estiquei o braço e abri a mão em sua direção. Ágnes pôs as mãos em volta do pescoço. Ela não estava conseguindo

respirar. Eu a suspendi no ar devagar e a fui subindo cada vez mais.

Meus pais, diferente de Ágnes, ficaram parados no lugar ainda com os olhos fechados e em silêncio. Eu sorri.

— Achou mesmo que eu seria burra de acreditar no que você diz? Em meus estudos, eu li sobre enfeitiçar os outros fazendo-os sentir tudo o que você sente. Porém, esse feitiço faz mais do que isso, ele faz com que as vítimas se tornem como espelhos seu, que não só sentem o mesmo que você, como também agem do mesmo jeito, falam

igual e se mexem igual, o que não aconteceu aqui — falei, desmentindo a bruxa.

Ela me olhou assustada com os olhos arregalados enquanto tentava respirar, ainda suspensa no ar.

— Eu ganhei, Ágnes — falei, dando meu xeque-mate.

E então eu só a escutei dizer algo que não entendi e, em seguida, desaparecer no ar. Logo, um por um de seus soldados fez o mesmo como fumaça sumindo e deixando apenas nosso

exército ali, o vencedor.

Capítulo 34

Isabell

Um mês depois

Eu me olhei no espelho mais uma vez e passei a mão no tecido branco do vestido.

Eu estava no meu quarto, mas não no quarto da casa dos Durand. Não.

Eu sei que você, meu caro leitor, se encontra perdido e se pergunta o que aconteceu com Ágnes e com os outros.

Havia se passado um mês desde aquele dia, mas eu me lembrava como se fosse ontem. Depois que Ágnes desapareceu junto com seu exército, nos demos conta de quanto tínhamos perdido. No fim, ninguém tinha ganhado, só perdido e por pouco não perdemos mais. Quando eu me dei conta dos meus pais, eu olhei em volta procurando-os,

mas não consegui achá-los. Senti um aperto no coração, pois só o que achei foram corpos por todas as partes.

— Verifiquem se tem alguém vivo! — Marta falou, já correndo em direção ao corpo de um órion.

E assim as buscas pelos sobreviventes começaram. A menos de quinze metros dali, havia uma bruxa de cabelos cor cinza que gemia baixinho de dor. Eu corri até ela assim que a escutei. Abaixei-me e fiquei de joelhos ao seu lado.

— Céus! — sussurrei quando vi o enorme ferimento em sua barriga.

Seus olhos escuros se dirigiram a mim e ela piscou algumas vezes.

— Muito obrigada... — ela sussurrou de volta pegando a minha mão.

— Pelo quê? Por você estar assim? — eu perguntei, já com meus olhos cheios de lágrimas por saber que aquela garota estava daquele jeito por minha causa.

Ela deu um pequeno sorriso.

— Por nos dar coragem, por se importar conosco, mesmo mal nos conhecendo... você é... — Ela tossiu.
— Você é a verdadeira herdeira... valeu a pena te esperar...

Lágrimas já caíam desesperadamente por meu rosto naquele momento. Ela estava ficando fria. Eu me lembrei de quando Helena me disse as mesmas palavras no dia em que ela veio até o orfanato. Eu apertei a mão da garota.

— É melhor você não dizer mais

nada, está muito fraca para isso... — eu disse, pedindo que ela poupasse as forças.

Ela deu um pequeno sorriso e olhou para o céu.

— Você será uma boa governante, não tenho dúvidas disso...

— Xiuu. — pedi, quase implorando.

— Não se preocupe. — E abriu mais um sorriso. — Eu já sou muito velha, minha hora chegou.

— Velha? — eu questioneei,

fitando seu belo rosto jovem. Aquela garota parecia ter dezesseis anos!

— Nós acreditamos em você...

E essas foram suas últimas palavras. Seus olhos se fecharam e em seguida ela explodiu transformando-se em um pó brilhante azul, que caiu no chão e desapareceu.

Eu me olhei no espelho, dessa vez encarando meu rosto, meus olhos já estavam marejados porque eu queria chorar, mas tive que segurar as lágrimas.

Dias depois descobri que a garota

tinha, na verdade, 1.322 anos e que seu nome era Rosales. Eu tinha que parar de pensar nela para não estragar a maquiagem, então me concentrei no que aconteceu em seguida à sua morte.

Lembro-me de ter dobrado os joelhos e os agarrado com meus braços e abaixado a cabeça.

Eu deixei as lágrimas caírem e caírem sem parar. Aquele era o momento certo para chorar por tudo... Senti um pingo de água cair em meu braço e em seguida outro e outro... Chuva começara a cair naquela tarde de lamentos. Eu quase dei

um pulo quando uma mão gelada tocou-me entre o fim do pescoço e o começo do ombro.

— Klaus, agora não é um bom moment... — Minha voz sumiu quando eu me virei e vi que não era quem eu pensei.

Prendi a respiração levantando devagar e dando um passo para trás enquanto meus olhos estavam presos nas duas figuras à minha frente. Se ainda não sabe quem são, aí vai uma dica:

— Nossa — o homem falou, me

olhando dos pés à cabeça — Querida, ela é a sua cara.

— E tem os seus olhos — a mulher sussurrou, também me analisando.

É. Acho que vocês já perceberam quem são, né?

— Olá, Isabell. — A mulher sorriu.

Sem saber muito o que dizer, eu apenas sussurrei:

— Oi, mãe.

O homem também sorriu. Então,

eu me esqueci de todo o resto e só fiquei ali encarando-os, também com um sorriso no rosto. Mais uma olhada no espelho. Calma, essa era a última. Risos.

— Tu estás linda — Helena disse, aparecendo na porta do quarto.

Como ela ainda estava viva? Isso também foi uma surpresa para mim. Eu soube, assim que o choque de ver meus pais ali vivos passou, que Helena tinha sido ferida por Ágnes com a mesma espada que Festus tinha sido ferido, uma espada que, aliás, era enfeitiçada

tornando-se apropriada para matar qualquer vampiro. Mas Helena teve uma estranha e intrigante sorte. Festus, um pouco antes de descobrirmos sua traição, deu a Helena uma pulseira como prova de seu amor. Ele fez com que ela promettesse que nunca iria tirar a pulseira, independentemente do que acontecesse daquele momento em diante. E mesmo depois da traição de sua alma gêmea, ela honrou a promessa. O que nos surpreendeu é que a pulseira tinha um encanto que protegia quem a usasse de qualquer outro objeto mágico que

pudesse afetá-lo como, no caso, a espada de Ágnes.

Helena apenas desmaiou depois do ferimento e logo a ferida cicatrizou. Aquilo me fez tentar compreender o porquê de Festus ter feito o que fez. Eu ainda não tinha descoberto a resposta, mas de algo eu sabia: Festus amava Helena. Uma última pergunta que pretendo responder neste capítulo: o que aconteceu com Festus e Vladimir?

A resposta é: eles sumiram! É! Sumiram! Não tínhamos nenhuma notícia!

— Acha mesmo? — perguntei, duvidando das palavras de Helena e me sentindo meio insegura. — Eu não tenho certeza se fico bem de cabelo preso e...

— Ei, ei... — ela sussurrou, me interrompendo. — Tu estás perfeita!

Suspirei um pouco aliviada enquanto arrumava minhas luvas de renda branca.

— Vou confiar em você.

— Licença — meu pai disse, já abrindo à porta.

Eu admito, meu pai era gato e

estava ainda mais gato com aquele terno antigo! Minha mãe teve sorte!

— Nossa! — ele disse, me olhando por completo. — Tu estás maravilhosa, minha querida.

Eu sorri.

— Obrigada, pai.

— Aqui — ele disse, me dando o buquê de rosas azuis e girassóis.

Eu peguei o buquê e sussurrei para os dois:

— Estou nervosa. Mais nervosa do que no dia da guerra. Sinto que vou

ter um ataque do coração.

Os dois riram.

— Respire fundo porque hoje será um dos melhores dias da sua vida!

— Helena disse.

— Eu estou a mil aqui! — falei, apertando o buquê.

— Bem, é melhor irmos, já é quase meia-noite — meu pai avisou.

— Eu vou na frente avisar que vocês já estão vindo. Cuide bem dela, Alexandros — Helena disse ao meu pai.

Ele assentiu para ela e então Helena se retirou.

— Preparada? — ele perguntou.

— Não — falei logo de cara.

Ele riu e dobrou o braço para que eu desse a volta com o meu no dele. E assim eu fiz.

Saímos do quarto e fomos em direção às escadas.

— Sua mãe e eu estamos muito felizes por teres te tornado o que és hoje — Alexandros disse. — Nós gostaríamos que não tivesse passado o

que passou esses anos todos, mas estamos orgulhosos por teres sido forte e ter encontrado o amor da tua vida.

Eu sorri.

— Obrigada. É importante para mim saber que vocês têm orgulho de quem eu sou hoje — sussurrei.

— Sempre teremos, querida.

Chegamos ao pé da escada e caminhamos para as portas da entrada da enorme casa onde papai e mamãe moravam. Quando chegamos, eu vi lá no fundo, lá longe, além das várias fileiras

de convidados, da decoração perfeita e do espírito casamenteiro, o meu noivo em trajes atuais, me esperando no altar.

Capítulo 35

Isabell

Estava tudo tão lindo... Imagine um casamento à luz da lua cheia, com um céu superestrelado, em um precipício. Dava até para escutar o som das ondas batendo nas rochas lá embaixo. O lugar estava muito bem iluminado por

candelabros mágicos com chamas azuladas em cada lado do tapete branco por onde eu iria caminhar.

Olhei para todos ali no altar e fiquei ainda mais nervosa. No altar estavam minhas duas mães, Helena e Lessa — porque Helena também era minha mãe, sim! — Minhas duas madrinhas de casamento, Tania e Emily; os padrinhos, Domenic e Louis, que era o noivo de Emily. Eu sorri para todos.

— Preparada? — meu pai perguntou quando chegamos no começo do tapete branco.

— Sim — sussurrei tão baixo que, se meu pai não fosse um vampiro, ele não escutaria.

E então começamos a caminhada final. Em cada fileira por onde passávamos eu podia ver rostos conhecidos como Morgan, Ruckia, Marta, Otto, Liam, Cole, Joseph, Claire, Rosário, Gub, Helenor, a pequena Féxia, Mary e outras amizades que eu tinha feito nesse último mês. Distribuí sorrisos para os convidados e então voltei minha atenção para o altar e fitei meu noivo. Ele sorriu para mim.

Ao chegarmos ali, virei-me para o meu pai, que me deu um beijo na testa e disse:

— Sempre serás a minha pequena. Eu te amo.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Eu te amo, pai.

E então meu pai deu minha mão a Klaus. Eu subi os dois degraus e fiquei na frente do meu eterno amado, enquanto meu pai se posicionava ao lado de Lessa. Klaus sorriu pra mim.

— Percebo que eu nunca vou parar de dizer o quanto ficas mais linda a cada dia que passa — ele sussurrou.

— E eu percebo hoje que tudo que eu quero é passar o resto da vida ao teu lado e te fazer mais e mais feliz a cada dia que passa...

Eu notei que Klaus tentou manter-se neutro em expressão, mas seus olhos brilhavam de felicidade.

— Podemos começar? — o espírito casamenteiro/padre perguntou.

Klaus e eu assentimos.

— Pois bem. Estamos aqui reunidos nesta noite para unir uma jovem bruxa a um jovem vampiro. As alianças, por favor.

Emily segurava as alianças, Klaus pegou uma e segurou minha mão.

— Senhor Durand, diga seus votos.

— Eu, Klaus Thomas Durand, prometo estar ao teu lado, Isabell, nos melhores e nos piores momentos, protege-te de tudo o que puder feri-la, cuidar de ti quando estiver enferma,

cuidar de nosso lar, de ti e de nossos futuros filhos e dedicar o resto dos meus dias ao nosso amor. E prometo ser teu e apenas teu por toda a eternidade.

Se eu estava nervosa antes, imagina naquele momento! Respirei fundo quando Klaus pôs a aliança no meu dedo. Peguei a aliança de Klaus com Emily e esperei.

— Senhorita Bergmann, diga seus votos — o espírito (que parecia um fantasma por ser branco) falou.

— Eu, Isabell Bergmann, prometo

jamais te abandonar, estar ao teu lado nos momentos mais difíceis e nos momentos de alegria, cuidar de ti sempre pelo resto da minha vida, e cuidar de nossos futuros filhos. E lhe amar cada vez mais e ser tua e apenas tua por toda a eternidade.

Com calma, pus a aliança em seu dedo

— Klaus Thomas Durand, aceita Isabell Bergmann para amar cuidar e respeitar até que a morte os separe?

Os olhos verde-água de Klaus

encontraram os meus e ele disse:

— Aceito.

Foi nesse momento que vi uma coisa muito pequena e brilhante cair sobre a cabeça de Klaus. Logo, mais daquelas coisas começaram a cair mais ainda. Eu olhei para cima e vi do céu estrelado descerem mais dessas coisas brilhantes, que pareciam pequenas estrelas. A visão era linda. Sabe quando cai neve? Era parecido com isso, só que mais lindo ainda porque tudo ao nosso redor brilhava intensamente.

Lembro-me que Tania havia me avisado que o que estava acontecendo era um evento celestial, que só acontecia a cada cem anos. Aquilo era como uma chuva de estrelas, eram flocos brilhantes que caíam do céu.

Eu voltei a olhar para Klaus e abri o sorriso ainda mais.

— Isabell Bergmann, aceita Klaus Thomas Durand para amar, cuidar e respeitar até que a morte os separe?

Sem tirar meus olhos dos dele e dar um leve aperto em sua mão, eu

disse:

— Aceito.

— Em nome das forças benéficas que há em nosso mundo, eu os declaro marido e mulher. Podem selar seu amor.

Eu suspirei e sorri. Klaus uniu nossas mãos e se aproximou, pondo seus lábios sobre os meus em um terno e demorado beijo.

Os aplausos começaram, mas nós nem ligamos, pois estávamos no nosso melhor momento, no momento mais feliz de nossas vidas em que nosso amor era

anunciado a todos.

Epílogo

Dez anos depois

Eu nem acredito que se passaram dez anos! Eu me recordo muito bem do nosso casamento e da nossa lua de mel...

Nossa! Isabell, quando quer me deixar louco como ela me deixou na nossa noite de núpcias, ela consegue e me faz pirar! Não vou entrar em muitos

detalhes, mas posso me atrever a dizer que foi um mês muito bom que passamos no Havaí.

É, é isso aí! Havaí! Vai me dizer que acha estranho um vampiro no Havaí? Eu até ri agora.

Concordo, meu caro leitor, é estranho! Mas a minha querida Bell sempre quis conhecer o lugar, então eu nem contestei.

Três anos mais tarde, nós tivemos dois filhos, uma menina e um menino aos quais demos os nomes de Nayla e Nycollas. Nayla puxou a mãe todinha nos traços do rosto, além do gênio ser o

mesmo, ela tem olhos verde-claros como os meus, os cabelos castanho-claros compridos e mechas azuis naturais, o que indica que ela será uma vampira muito forte e talentosa. Já Nycollas tem olhos verde-escuros e é loiríssimo como eu. Quando ele chegou aos quatro anos, começou a praticar magia primitiva, o que nos possibilitou saber que ele era um pequeno bruxo.

Como Helena, Lessa e Alexandros são grandes amigos desde pequenos, nós compramos uma casa ainda maior e decidimos morar todos juntos, incluindo

minha irmã, que pode ver também meus filhos crescerem.

As noites de Natal e Ano Novo desde então são bem agitadas porque, além de família grande, temos os amigos que vêm sempre para a ceia! No último Natal que tivemos, ficamos sem peru porque Nayla e Nycollas comeram toda a ave, escondidos. Ainda temos as fotos de todas as datas especiais, incluindo os aniversários das crianças.

Não sei se reparou, querido leitor, mas eu passei tanto tempo com minha esposa que já não tenho mais

tantas formalidades em minhas falas e escritas... Assim como Bell também se acostumou a falar mais formalmente. Então, agora é uma mistura bem interessante de modos de falar.

Agora, só para que você não venha a ficar perdido, recebemos cartas de Vladimir e de meu pai de vez em quando, dizendo que estão bem e que não pretendem voltar... Lembro-me ainda de quando recebemos a primeira carta com as desculpas deles e o quanto sentiam por tudo.

Isso meio que ficou inacabado,

"no ar", por assim dizer, assim como Ágnes, que não apareceu mais. Mesmo assim não abaixamos a guarda, pois sabemos que uma hora ela irá aparecer.

Voltando... posso dizer que a nossa vida manteve-se muito boa e calma, com muitos momentos de alegria e muitos sorrisos.

Hoje foi mais um desses dias perfeitos. Quando a noite chegou, eu passei pelo quarto e vi Bell dar boa-noite a Nayla, que dormia com uma boneca que lhe foi dada de presente de aniversário por Ruckia. Bell beijou

Nayla na testa e sussurrou:

— Boa-noite, meu amor. Eu te amo.

Eu sorri enquanto me apoiava no batente da porta. Bell virou-se e me viu, levando um pequeno susto.

— Não fica aparecendo do nada! Uma hora terei um enfarte! — sussurrou, exagerando.

Eu ri baixinho.

— E Nycollas? — perguntei.

— Já dormiu. Depois de três histórias que tive de contar, ele

finalmente desmaiou de sono!

— Ótimo, agora teremos um tempo para nós! — falei, já abraçando-a.

Bell tentou se desgrudar, mas eu não perdi tempo e já a levei para o nosso quarto.

— Para nós uma ova! — ela disse, se afastando quando finalmente a larguei. — Eu estou cansada, suada e com sono...

— Então, deixa que eu te dar um banho — falei, já desabotoando a

blusa.

— Epa epa! Eu sei me lavar sozinha, licença!

Ela tentou passar, mas eu a peguei e a joguei na cama, ficando sobre ela.

— Seu pervertido! Não consegue ficar um dia sem isso! — ela falou, ficando vermelha.

Eu ri.

— A culpa é sua por ser tão linda!

Bell ficou vermelha. Eu não perdi tempo e a beijei. Aposto que você já

imagina o que aconteceu depois...

Posso dizer também que desde que conheci meu eterno amor, meus dias são cada vez melhores e eu só tenho a agradecer aos céus por tudo.

Nós temos uma família, amigos... E, o mais importante de tudo, nós somos muito felizes.

Fim

Gosta de romances?

Então temos ótimas
indicações de outros
livros para você aqui
abaixo:

Nem tão tarde assim

Macho Alpha

Sequestrada pelo Alfa

Perdido sem você

Presente de Deus

Uma herança de amor
A babá dos meus filhos
Inteiros
No quarto ao lado
Entre a mente e o
coração
Louise
Amor invisível